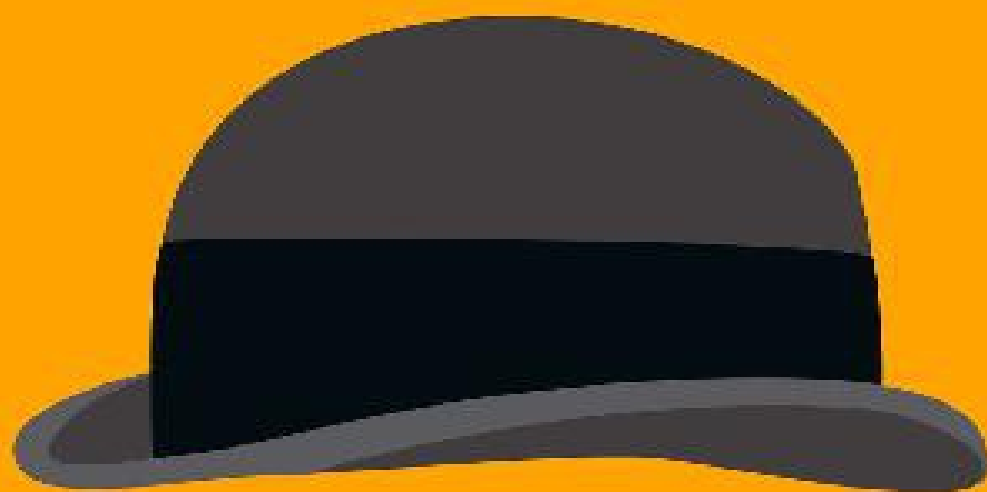




P E N G U I N



C O M P A N H I A

CLÁSSICOS

FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

O eterno marido



FIÓDOR
DOSTOIÉVSKI

O eterno marido

Tradução do russo, apresentação e notas de
RUBENS FIGUEIREDO



COMPANHIA DAS LETRAS



COMPANHIA DAS LETRAS

O ETERNO MARIDO

FIÓDOR MIKHÁILOVITCH DOSTOIÉVSKI nasceu em 1821, em Moscou, no hospital onde seu pai trabalhava como médico. A mãe morreu de tuberculose em 1837, e Dostoiévski foi para São Petersburgo com o irmão, para estudar engenharia. O pai morreu em 1839, após uma fase de depressão e alcoolismo. Dostoiévski formou-se em 1843, obtendo a patente militar de subtenente. Seus primeiros passos na literatura foram duas peças teatrais, que ficaram inacabadas, e a tradução do romance *Eugénie Grandet*, do escritor francês Honoré de Balzac (1844). Seu romance de estreia foi *Gente pobre* (1846), escrito depois de abandonar a carreira militar. Seguiram-se o romance *O duplo* (1846) e as novelas *A senhoria* (1847) e *Noites brancas* (1848), além do romance inacabado *Niétotchka Niezvánovna*. Nessa época, Dostoiévski participava de um grupo clandestino chamado Círculo de Petrachévski, no qual se liam e discutiam textos proibidos. Petrachévski, mentor do grupo, era adepto do socialista utópico francês Charles Fourier. Em 1849, vários membros do círculo foram presos e condenados à morte, entre eles Dostoiévski. No último instante, porém, a pena foi cancelada e convertida em quatro anos de trabalhos forçados na Sibéria e cinco de serviço militar como soldado raso. No exílio, Dostoiévski conheceu sua primeira esposa, Maria Dmítrievna Issáieva, e nessa mesma época sofreu os primeiros ataques de epilepsia. Em 1859, voltou para São Petersburgo e, com o irmão, fundou a revista *Vrêmia* [Tempo], na qual publicou seu romance *Humilhados e ofendidos* (1861). Em 1862, publicou *Recordações da casa dos mortos*, lembranças do tempo de prisão disfarçadas de romance. Em 1862 e 1863, viajou por algumas cidades da Europa Ocidental, onde perdeu muito dinheiro no jogo e conheceu uma amante. Em 1864, morreram sua esposa e seu irmão, que, além da viúva, deixou quatro filhos e uma enorme dívida. Coube a Dostoiévski sustentar a todos, além do enteado e outro irmão alcoólatra, circunstância que o deixou cada vez mais endividado. Em 1864, publicou *Memórias do subsolo* e, em 1866, *Crime e castigo*. Seu romance seguinte, *O jogador*, foi escrito às pressas para saldar dívidas. A fim de entregá-lo no prazo exigido pelo editor, Dostoiévski contratou a estenógrafa Anna Grigórievna Snítkina, que tinha 24 anos, na época, e com quem Dostoiévski se casou em 1867. Os dois partiram para morar em Dresden e em Genebra, onde nasceu e, em seguida, morreu sua primeira filha. De volta a Dresden, nasceu sua segunda filha. Em 1868, publicou o romance *O idiota* e, em 1872, *Os demônios*, que polemiza diretamente com alguns setores do movimento revolucionário. Em 1873 e 1874, escreveu *Diário de um Escritor*, uma série de artigos e contos publicados de modo seriado num periódico. Em 1875, publicou o romance *O adolescente* e, em 1881, *Os irmãos Karamázov* foi publicado, ano em que morreu de enfisema pulmonar, em São Petersburgo. A adesão de Dostoiévski à religião cristã ortodoxa, que vinha de muitos anos, o levava, nessa altura da vida, a manter estreitas relações com expoentes do clero ortodoxo, bem como com autoridades do governo e com a própria família do tsar. Dostoiévski foi sepultado no mosteiro de Aleksandr Niévski, em São Petersburgo, e seu enterro foi acompanhado por uma multidão de milhares de pessoas.

RUBENS FIGUEIREDO nasceu em 1956, é escritor e tradutor. Entre seus livros, estão os romances *Barco a seco* (2001, prêmio Jabuti), *Passageiro do fim do dia* (2010, prêmio Portugal-Telecom e prêmio São Paulo) e os livros de contos *O livro dos lobos* (1994-2008), *As palavras secretas* (1998, prêmio Jabuti e prêmio da Biblioteca Nacional), *Contos de Pedro* (2006). Suas traduções incluem obras russas de Tchekhov, Turguêniev, Gontcharov, Górkí, Tolstói e Bábel. Recebeu o prêmio da Biblioteca Nacional pela tradução de *Ressurreição*, e os prêmios da Academia Brasileira de Letras e da APCA pela tradução de *Guerra e paz*, ambos de Liev Tolstói.

Sumário

Apresentação — Rubens Figueiredo
Nota da edição

O ETERNO MARIDO

1. Veltchanínov
2. O cavalheiro de crepe no chapéu
3. Pável Pávlovitch Trussótski
4. A esposa, o marido e o amante
5. Liza
6. A nova fantasia de um ocioso
7. O marido e o amante se beijam
8. Liza está doente
9. O fantasma
10. No cemitério
11. Pável Pávlovitch se casa
12. Na casa dos Zakhliebínin
13. Para que lado pende a balança
14. Sáchenka e Nádienka
15. Quites
16. Análise
17. O eterno marido

Apresentação

RUBENS FIGUEIREDO

Dostoiévski escreveu *O eterno marido* no final de 1869, na cidade alemã de Dresden, para onde tinha viajado a fim de escapar da pressão dos muitos credores. O romance foi publicado logo a seguir, no início de 1870, em dois números da revista russa *Zariá* [Aurora], em São Petersburgo. O escritor tinha 48 anos e estava casado com a jovem Anna Grigórievna Snítkina havia apenas dois anos. Em Dresden, sua esposa teve a segunda filha do casal — a primeira morrera pouco depois de nascer.

A despeito dos esforços de sua mulher para organizar a vida da família, Dostoiévski se envolvia em dívidas tremendas, circunstância agravada pela atração que os cassinos exerciam sobre ele quando estava fora da Rússia. Por isso a negociação em torno do romance *O eterno marido* o deixou exasperado com o editor de *Zariá*. “Será que ele não entende como tudo isso é insultuoso para mim? [...] Só um *bárin** se comporta assim com seu laçaio.” Foi com palavras desse teor, repetidas muitas vezes, e ainda mais virulentas, que ele extravasou seu rancor e seu orgulho ferido numa carta a um amigo.

Bem ou mal, a negociação foi fechada e Dostoiévski, coagido pelas circunstâncias, escreveu o romance em três meses. “Odiei essa história desde o começo”, lamentou-se numa carta à sobrinha. Alegava que gostaria de poder se dedicar ao projeto de um romance de grandes proporções sobre o ateísmo, que afinal nunca foi escrito. No entanto, *O eterno marido* foi muito bem recebido. O importante crítico Strákhov classificou-o como “uma de suas obras mais elaboradas, interessantes e profundas”. Nos poucos anos imediatamente anteriores, o escritor já havia publicado *Memórias do subsolo*, *Crime e castigo*, *O jogador* e *O idiota*. Após *O eterno marido*, vieram *Os demônios* e *Os irmãos Karamázov*.

É importante lembrar que a década de 1860 foi especialmente movimentada na literatura russa. Tinha se iniciado com a publicação do clássico *Pais e filhos*, de Turguêniev, e estava terminando com o lançamento das últimas partes de *Guerra e paz*, de Tolstói. Foi também marcada pela emancipação dos servos, em 1861, e pela aceleração das reformas que o regime tsarista implementava, em ritmo constante, para aprofundar a introdução das relações capitalistas na sociedade russa, de estrutura fortemente agrária, tida como arcaica. A mesma época presenciou, também, a ascensão de movimentos revolucionários, que já vinham se manifestando havia décadas, mas ganharam, então, um teor mais contundente e sistematizado.

Talvez isso explique, em parte, a relativa irritação de Dostoiévski por ter de escrever *O eterno marido*, pois o livro o afastava, por um tempo, da vasta e rica polêmica em curso à sua volta. Afinal, o tema da infidelidade conjugal em si não parece dizer, diretamente, grande coisa sobre o

quadro histórico dramático que se desenrolava no Império Russo. Mas aqui talvez caiba formular a questão ao contrário: que tipo de luz aquela experiência histórica inédita poderia projetar sobre o tema literário do marido enganado?

Entre as matrizes da composição narrativa de Dostoiévski, pesavam bastante o folhetim, o melodrama e a linguagem teatral. O crítico soviético Leonid Grossman foi certeiro quando aproximou a obra de Dostoiévski do “romance romântico tardio de base realista” (Victor Hugo, Eugène Sue, George Sand e o jovem Balzac). Entre encontros, sumiços e desencontros inesperados, explosões de furor que beiram o homicídio e repentinas efusões de afeto, *O eterno marido* se estrutura com base no confronto de apenas dois caracteres masculinos. As guinadas abruptas da ação denotam o influxo do folhetim. Os diálogos marcados por evasivas, indiretas, suspeitas e agressividade velada se nutrem das técnicas do melodrama e do teatro.

Porém, como de praxe na literatura russa, formas artísticas importadas, que desembarcaram prontas na cultura do país, receberam ali conteúdos e destinações alheios a suas origens. Em face de perspectivas históricas tão diversas daquelas em que nasceram, nos países ricos da Europa, tais formas artísticas se tornam instrumentos de abrangência e alcance redobrados. Por isso aquelas sociedades, que se julgavam mais avançadas e civilizadas, ao verem a si mesmas transfiguradas no rosto desafiador das obras russas, não conseguem deixar de reagir com espanto, perturbação e fascínio.

Sem abandonar de todo o veio da malícia cômica que o tema do marido enganado suscita, Dostoiévski, porém, impulsiona os movimentos mentais dos personagens em outro sentido. De um lado, há menos ciúmes do que ofensa e humilhação. De outro, o sentimento de superioridade tem menos agudeza que os tormentos da consciência culpada. Embora a esposa — a ponta do triângulo —, a rigor, não entre em cena diretamente, sua figura avulta com linhas que, em vez de leviandade, realçam força de caráter e independência. No fundo, a situação narrada no livro postula a condição da mulher na sociedade e o sentido do casamento na ordem burguesa. Pois, é óbvio, o pressuposto do marido enganado é o próprio casamento.

Os nomes dos protagonistas não são fortuitos: Trussótski deriva da palavra russa *trus*, “covarde”; Veltchanínov vem da raiz da palavra russa *velíki*, “grande”, “poderoso”. A experiência de fixar caracteres em palavras específicas está patente no próprio título do romance: o “eterno marido” constitui um tipo de comportamento, assim como o “predador” e o “manso” — conceitos debatidos com fervor pelos dois protagonistas durante a narrativa. Na verdade, essa era uma das feições peculiares com que, às vezes, se apresentavam e se estruturavam as profundas polêmicas entre os intelectuais russos: tipos de caráter, que correspondem a posições relativas na sociedade, conceitos que o próprio Dostoiévski vinha discutindo, num enquadramento ficcional, em outros livros, como o “sonhador”, em *Noites brancas*, ou o “homem do subsolo”, nas *Memórias do subsolo*.

Pode-se dizer que *O eterno marido* se estrutura como uma série de confrontos entre rivais póstumos. Porém, se à primeira vista os dois tipos se apresentam contrastantes, com posições bem demarcadas, os desdobramentos das ações, das circunstâncias e das pressões da consciência os conduzem a movimentos ambíguos e até a repentinas trocas de posição. Figuras paralelas, quando tomadas no perfil estático das convenções literárias, na verdade avançam e recuam por caminhos entrecruzados, na dinâmica da vida concreta. Para tanto, contribui a construção dos diálogos com base em meias palavras e sentidos ocultos, que geram piques de tensão, seguidos de uma distensão, permeada, porém, de desconfianças e temores, que ficam pairando de um capítulo para outro.

Em *O eterno marido*, Dostoiévski realça a dialética da dominação e da humilhação, mediante um recurso linguístico de que o autor lança mão também em outros livros. Aqui, no entanto, ele é multiplicado e exacerbado até o caricato, até o grotesco. Trata-se da partícula russa -s, que pode ser acrescida ao final de certas palavras, quando o falante deseja ressaltar sua condição de inferioridade social, cultural, intelectual, física ou qualquer outra, em relação ao interlocutor. Ou seja, voluntariamente, conscientemente, por temor, estratégia ou sentimento sincero, ele se rebaixa. No caso de *O eterno marido*, é claro, tal procedimento linguístico faz parte de um jogo agressivo e traiçoeiro, entremeado de esquivas e estocadas, que se misturam com abraços e beijos. Esta tradução fez o possível para que detalhes dessa ordem, presentes na esfera linguística, fossem preservados de alguma forma em nosso idioma. Pois o *bárin* e o lacaio, que Dostoiévski tanto repisou na carta que mencionei acima, espreitam o leitor por trás de quase todas as sílabas deste romance.

* Grande senhor de terra, de linhagem muito antiga.

Nota da edição

Original usado para esta tradução: Ф. М. Достоевский. *Собрание сочинений в 15 томах*. Ленинград: Наука, 1990. т. 8. (F. M. Dostoiévski. *Obras reunidas em 15 volumes*. Leningrado: Naúka, 1990. v. 8.)

O eterno marido

1
VELTCHANÍNOV

O verão chegou e Veltchanínov continuava em Petersburgo além do esperado. Sua viagem para o sul da Rússia não tinha dado certo e não havia previsão para o andamento do processo. Esse processo — um litígio em torno de uma propriedade rural — havia sofrido uma reviravolta muito ruim. Apenas três meses antes, a causa parecia ser a coisa mais simples do mundo, quase incontestável; porém, de uma hora para outra, tudo mudou. “Sim, no geral, tudo começou a mudar para pior!” — foi essa frase que Veltchanínov passou a repetir toda hora, para si, com uma alegria rancorosa. Tinha contratado um advogado capaz, caro, famoso, e não poupava dinheiro; no entanto, em sua impaciência, e por desconfiança, cismou de tratar ele mesmo do caso: lia e redigia documentos que o advogado rejeitava por completo, percorria as repartições, tomava informações e, pelo visto, atrapalhava tudo; pelo menos, o advogado reclamava disso e pedia que viajasse para o campo. Só que ele não se decidia a ir para o campo. A poeira, a secura, as noites brancas de Petersburgo, os nervos irritados — era isso que o deliciava em Petersburgo. Seu apartamento ficava em algum lugar perto do Teatro Bolchói,* para onde tinha se mudado pouco tempo antes, e também não deu certo; “nada deu certo!”. Sua hipocondria aumentava a cada dia; mas já fazia tempo que ele tinha propensão à hipocondria.

Era um homem que tinha vivido muito e com intensidade, já estava longe de ser jovem, uns trinta e oito ou trinta e nove anos, e toda essa “velhice” — como ele mesmo se expressava — havia chegado a ele “de forma quase totalmente inesperada”; mas ele mesmo entendia que tinha envelhecido não na quantidade de anos, mas, por assim dizer, na sua qualidade, e que, se suas enfermidades já haviam começado, eram antes interiores que exteriores. Na aparência, ainda continuava jovem. Era um rapaz alto e firme, de cabelo louro claro, espesso e sem nenhum fio grisalho na cabeça nem na barba loura e comprida, que batia quase na metade do peito; à primeira vista, parecia um tanto tosco e desleixado; porém, depois de observarmos com mais atenção, logo distinguíamos nele um senhor que se portava de forma excelente e que recebera, em outros tempos, a educação da mais alta sociedade. As maneiras de Veltchanínov, também agora, eram desenvoltas, arrojadas e até graciosas, apesar de todo o mau humor e desmazelo que ele havia adquirido. E mesmo até agora, era cheio da mais inexorável, da mais aristocrática e insolente empáfia, de cuja dimensão talvez nem ele mesmo suspeitasse, apesar de ser um homem não só inteligente como, às vezes, sensato, quase culto e com talentos indiscutíveis. A pele de seu rosto, franco e ruborizado, se distinguia, no passado, por uma delicadeza feminina e atraía a atenção das mulheres; e, ainda agora, alguém que olhasse para ele diria: “Que homem vigoroso, está vendendo saúde!”. E, no entanto, esse “homem vigoroso” era cruelmente

acometido pela hipocondria. Os olhos, grandes e azuis, uns dez anos antes, também tinham muito de vitoriosos; eram olhos tão radiantes, tão alegres e despreocupados, que não podiam deixar de atrair todos que cruzassem com eles. Agora, à beira dos quarenta anos, o brilho e a simpatia quase se apagaram naqueles olhos, já rodeados por ligeiras ruguinhas; neles, ao contrário, se destacava o cinismo de um homem esgotado e não de todo virtuoso, a astúcia e, em geral, o sarcasmo, sem falar de uma nuance nova, que antes não existia: uma nuance de tristeza e de dor — uma espécie de tristeza difusa, como que indefinida, mas forte. Essa tristeza transparecia em especial quando ele ficava sozinho. E o estranho era que aquele homem buliçoso, alegre e alheio a tudo, de apenas dois anos antes, que contava histórias divertidas de forma tão prazerosa, agora não encontrava em nada o mesmo prazer que sentia ao ficar absolutamente sozinho. De propósito, se afastou de uma porção de conhecidos, dos quais poderia não ter se afastado, mesmo agora, apesar da desordem definitiva de suas condições financeiras. A verdade é que, nisso, a vaidade ajudou: com sua desconfiança e vaidade, era impossível tolerar os antigos conhecidos. Porém, na solidão, sua vaidade começou a se transformar, pouco a pouco. Ela não diminuiu, pelo contrário; mas começou a degenerar num tipo especial de vaidade, que antes não existia: às vezes, ele sofria por motivos completamente distintos dos que antes eram habituais — por motivos inesperados, antes impensáveis, por motivos “mais elevados” dos que existiam até então —, “se é que é possível exprimir-se assim, se é que, de fato, existem motivos superiores e inferiores...”. Isso já era ele mesmo que acrescentava.

Sim, ele chegou também a esse ponto; agora, ele se afligia por sabe-se lá que motivos *superiores*, nos quais, antes, nem parava para pensar. Em pensamento, e na consciência, ele chamava de superiores todos os “motivos” de que (para sua surpresa) não conseguia rir, no íntimo — algo que, até então, nunca havia acontecido... no íntimo, é claro; ah, sim, em sociedade, era outra história! Ele sabia muito bem que bastava se apresentarem as circunstâncias para que, logo no dia seguinte, apesar de todas as decisões secretas e piedosas de sua consciência, ele mesmo, em voz alta e clara, renegasse, com a maior tranquilidade, todos aqueles “motivos superiores”, e ele mesmo seria o primeiro a rir disso, sem admitir nada, é claro. E, de fato, era assim mesmo, apesar de certa dose, até bem significativa, de independência de pensamento que ele havia conquistado, nos últimos tempos, sobre os “motivos inferiores”, que o dominavam até então. E quantas vezes ele mesmo, ao se levantar da cama, de manhã, começava a sentir vergonha dos pensamentos e sentimentos que havia experimentado durante a noite de insônia! (E, em geral, vinha sofrendo de insônia.) Já fazia tempo que tinha notado como se tornara extremamente desconfiado de tudo, do que era importante e também de ninharias, e por isso resolveu confiar o mínimo possível em si mesmo. Ainda assim, se destacavam certos fatos cuja existência real seria impossível negar. Ultimamente, às vezes, à noite, seus pensamentos e sensações quase sempre se transformavam a tal ponto, em comparação com os habituais, que, na maior parte, não tinham mais nenhuma semelhança com aqueles que tinham se oferecido a ele na primeira metade do dia. Aquilo o impressionou — e ele chegou até a consultar um médico famoso, na verdade um conhecido seu; naturalmente, começou a falar com o médico em tom de brincadeira. Recebeu a resposta de que a mudança e até o desdobramento dos pensamentos e das sensações nas horas de insônia e nas noites, em geral, é um fato comum entre pessoas “que pensam com força e sentem com força” e que, sob o efeito melancólico da noite e da insônia, as convicções de toda uma vida às vezes são substituídas, de uma hora para outra; de repente, sem mais nem menos, são tomadas as decisões mais fatais; porém, é claro,

tudo tem um limite — e se, enfim, esse paciente já sente demais esse desdobramento dentro de si mesmo e, desse modo, o processo acarreta sofrimento, então já se trata de um sintoma de que a doença está instalada; portanto, é preciso tomar alguma providência. O melhor é mudar de forma drástica o modo de vida, variar a dieta ou até fazer uma viagem. Naturalmente, recomenda-se um laxante.

Veltchanínov nem quis mais ouvir; mas, para ele, a doença ficou absolutamente comprovada.

“Portanto, tudo isso não passa de uma doença, toda essa história de ‘superior’ é só uma doença e mais nada!”, exclamava às vezes, para si mesmo, em tom sarcástico. Mas não tinha muita vontade de admitir nada disso.

Todavia, em pouco tempo, aquilo que acontecia exclusivamente à noite passou a se repetir também de manhã, só que com mais amargura do que à noite, com rancor em vez de remorso, com escárnio em vez de ternura. Na realidade, eram vários incidentes de sua vida e do passado remoto que vinham à memória de modo cada vez mais constante, “sem ninguém esperar e só Deus sabe por quê”, porém de forma um tanto especial. Veltchanínov, por exemplo, já fazia tempo que se queixava de falta de memória: esquecia o rosto de pessoas conhecidas que, por isso, ao encontrá-lo, ficavam sentidas; um livro lido meio ano antes acabava esquecido nesse intervalo, às vezes por completo. Pois bem, então, apesar dessa evidente perda cotidiana de memória (que muito o inquietava), como é que tudo que dizia respeito ao passado remoto, tudo que tinha acontecido dez, quinze anos antes e que estava completamente esquecido, agora, às vezes, lhe vinha à memória de repente, e com uma nitidez de impressões e de pormenores tão assombrosa tal qual se ele estivesse vivendo aquilo tudo outra vez? Alguns dos fatos lembrados estavam esquecidos a tal ponto que lhe parecia nada menos que um milagre que pudessem voltar à memória. No entanto, isso ainda não era tudo; pois, entre pessoas que viveram de forma intensa, quem é que não tem lá suas recordações? Mas a questão era que todas as lembranças voltavam, agora, como que preparadas por alguém, e de um ponto de vista absolutamente novo, inesperado e de todo inconcebível, na realidade. Por que será que certas lembranças, agora, lhe pareciam totalmente criminosas? E não se tratava de meros veredictos de sua mente: ele não confiaria em sua mente sombria, solitária e mórbida; mas sim de algo que o levava à maldição e à beira das lágrimas, senão exteriores, pelo menos interiores. E, no entanto, apenas dois anos antes, ele nem acreditaria se lhe contassem que ia chorar um dia! Aliás, no início, as lembranças eram antes cáusticas que sentimentais: recordava certos fracassos mundanos, humilhações; por exemplo, lembrava como tinha sido “caluniado por um intrigante” e, por causa disso, parou de ser recebido numa certa residência — ou como, por exemplo, e nem fazia tanto tempo assim, tinha sido ofendido em público, de forma taxativa, e não tinha exigido um duelo — ou como, certa vez, lhe aplicaram um epigrama espirituosíssimo numa roda de mulheres lindas, e ele não encontrou o que responder. Lembrou-se até de duas ou três dívidas que não pagara, ninharias, na verdade, mas dívidas de honra, e para pessoas com quem ele deixara de ter relações amistosas e das quais até falava mal. Também o atormentava (mas só nos piores momentos) a lembrança de duas fortunas, ambas consideráveis, desperdiçadas da maneira mais idiota. Mas logo começava a recordar, também, as coisas “superiores”.

Por exemplo, de repente, “sem mais nem menos”, veio à sua memória a figura esquecida — e esquecida no mais alto grau — de um funcionário velhinho e bondoso, grisalho e divertido, que ele havia ofendido um dia, muito tempo antes, em público e de forma impune, e apenas para se mostrar: só para não perder a ocasião de fazer um trocadilho engraçado e feliz, que lhe trouxe fama e que, depois, foi repetido por outros. O fato era que ele tinha esquecido aquilo a tal ponto

que nem o sobrenome de família daquele velhinho ele conseguia lembrar e, no entanto, ele viu instantaneamente em pensamento todas as circunstâncias do incidente com uma clareza inconcebível. Lembrou com nitidez que o velhinho tinha saído em defesa da filha, a qual morava com ele, estava demorando demais a casar e sobre a qual, na cidade, começaram a circular uns boatos. O velhinho bem que começou a responder e zangou-se, mas de repente desatou a chorar e soluçar diante de todos, o que produziu até certa impressão. Por diversão, acabaram embriagando o velhinho com champanhe e riram até se fartar. E agora, quando Veltchanínov se lembrou, “sem mais nem menos”, de como o velhote chorava e cobria o rosto com as mãos igual a uma criança, de repente teve a impressão de que nunca tinha esquecido aquilo. E era estranho: tudo lhe pareceu muito ridículo, na ocasião; já agora era o contrário, e justamente os pormenores, justamente o fato de cobrir o rosto com as mãos. Depois lembrou que, só de brincadeira, tinha caluniado uma mulher bonitinha demais, esposa de um professor de escola primária, e a calúnia chegou aos ouvidos do marido. Veltchanínov tratou logo de fugir da cidadezinha e não soube, na época, quais as consequências de sua calúnia, mas agora, de repente, se pôs a imaginar a imaginá-las — e só Deus sabe até onde chegaria sua imaginação, se de repente não tivesse surgido uma lembrança muito mais próxima, de certa moça, gente modesta da cidade, que até nem lhe havia agradado e que, ele admitia, até lhe dava certa vergonha, mas com quem, sem que ele mesmo soubesse a razão, teve um filho, e assim, do nada, abandonou a moça e o bebê juntos, sem nem sequer se despedir (na verdade, não teve tempo), quando partiu de Petersburgo. Depois, ele procurou essa moça por um ano inteiro, mas já não houve meios de encontrá-la. Aliás, recordações como essas surgiam quase às centenas — e parecia até que cada recordação puxava, atrás de si, dezenas de outras. Pouco a pouco, também sua vaidade começou a sofrer.

Já dissemos que sua vaidade havia degenerado em algo especial. E com razão. Havia momentos (raros, aliás) em que ele chegava, por vezes, a tamanho alheamento que nem sentia vergonha de não ter uma carruagem própria, de jogar seu tempo fora percorrendo a pé as repartições, de se tornar um pouco negligente com o vestuário — e se acontecia de algum velho conhecido, na rua, medir sua figura com um olhar irônico ou simplesmente cismar de fingir que não o reconhecia, então, juro, ele ainda tinha empáfia suficiente para nem sequer franzir a testa. E era a sério, de verdade, que não franzia a testa, não era só para manter as aparências. Claro, era raro que isso acontecesse, não passavam de alguns minutos de alheamento e irritação e, mesmo assim, pouco a pouco, sua vaidade foi deixando para trás as antigas razões para se concentrar numa questão que lhe vinha à cabeça sem parar.

“Pois então”, começava a pensar, às vezes, em tom de sátira (e, quando pensava em si, quase sempre começava de modo satírico), “pois então existe alguém, lá no outro mundo, que se preocupa com a correção da minha moral e me envia essas malditas recordações e ‘lágrimas de remorsos’. Dane-se, não adianta nada! Tudo isso são tiros de festim! Ora, é como se eu não soubesse com certeza, e com certeza mais do que certa, que, apesar de todas essas lágrimas de remorso e autocondenações, não há em mim nem um pinguinho de independência, apesar de todos os meus tolíssimos quarenta anos! Pois se amanhã me acontecer outra tentação como essas, se de novo se apresentarem, por exemplo, circunstâncias em que seja vantajoso, para mim, espalhar fofocas, como dizer que a mulher do professor aceitou meus presentes — eu vou espalhar mesmo, com certeza, e sem hesitar —, e a coisa vai ser pior ainda, mais prejudicial do que na primeira vez, porque já vai ser a segunda vez, e não a primeira. Ora essa, que venha me insultar de novo, agora, aquele príncipezinho, filho único da mamãe, em quem, há onze anos, dei

um tiro e fiz perder a perna — ele que venha, que na mesma hora vou desafiá-lo para um duelo e dar-lhe outra perna de pau. Porque não iam ser tiros de festim — para o que é que eles servem? E para que serve recordar, quando não sou capaz sequer de me desembaraçar de mim mesmo de forma decente?”

E ainda que não se repetissem os incidentes com a mulher do professor, ainda que ele não pusesse ninguém numa perna de pau, só a ideia de que aquilo tinha de se repetir necessariamente, caso as circunstâncias se apresentassem, quase o matava... às vezes. De fato, ninguém vai ficar sofrendo o tempo todo com as recordações: é possível descansar e se distrair nos entreatos.

Assim fazia também Veltchanínov: ele estava disposto a se distrair nos entreatos; porém, quanto mais o tempo passava, mais desagradável se tornava sua estada em Petersburgo. Julho já estava perto. Às vezes, se esboçava a decisão de largar tudo, abandonar até o processo na justiça e ir embora para qualquer lugar sem olhar para trás, de qualquer maneira, de repente, às cegas, nem que fosse para a Crimeia, por exemplo. Só que, em geral, uma hora depois, ele já desprezava sua ideia e ria dela: “Já que começaram, essas ideias nojentas não vão mais parar, nem lá no sul, por mais que eu seja uma pessoa de alguma decência, e portanto não adianta nada fugir delas, nem há motivo”.

“E fugir para quê?”, continuava a filosofar, com angústia. “Aqui é tão poeirento, tão abafado, nesta casa tudo é tão encardido; nessas repartições em que eu jogo meu tempo fora, no meio de todas essas pessoas tão ativas — que agitação de ratos, que confusão de feira de rua; em toda essa gente que fica na cidade, em todos esses rostos que se veem de relance, da manhã até a noite, está inscrito, de forma tão ingênua e franca, todo o seu amor-próprio, toda a sua insolência inocente, toda a covardia de suas alminhas, todo o medo galináceo de seus coraçõezinhos — que, juro, isto aqui é o paraíso do hipocondríaco, e estou falando do modo mais sério do mundo! Tudo explícito, tudo às claras, nem acham necessário esconder nada, como acontece por aí com nossas damas, nas casas de campo ou nas estações hidrominerais no exterior; portanto, tudo é imensamente digno do mais absoluto respeito, só pela franqueza e pela simplicidade... Nunca irei embora! Que eu me arrebente todo aqui, mas nunca irei embora!...”

* Trata-se do Bolchói Kámiéni Teatr, construído em 1783 e demolido em 1886. Não confundir com o Teatro Bolchói de Moscou.

O CAVALHEIRO DE CREPE NO CHAPÉU

Foi no dia 3 de julho. O abafamento e o calor eram insuportáveis. O dia, para Veltchanínov, corria muito agitado: a manhã toda, ele teve de caminhar e andar de coche, para lá e para cá, e em Petersburgo surgiu a necessidade inapelável de visitar, naquela mesma tarde, um cavalheiro imprescindível, homem de negócios e conselheiro de Estado,* em sua casa de campo, em algum lugar perto do córrego Tchórnaia, e apanhá-lo de surpresa. Já passava das cinco horas quando Veltchanínov, afinal, entrou num restaurante (absolutamente duvidoso, mas francês) na avenida Niévski, junto à ponte Politséiski, sentou em seu canto de costume, à sua mesinha, e pediu seu jantar de todos os dias.

Devorava o jantar de todos os dias, por um rublo, e pagava o vinho à parte, o que considerava um sacrifício feito com sensatez, em vista de suas circunstâncias precárias. Admirado de como era possível comer tamanha porcaria, ele destroçava tudo, no entanto, até à última migalha — e toda vez com tamanho apetite que parecia ter passado três dias sem comer. “Isso é alguma coisa doentia”, murmurava consigo, percebendo, às vezes, seu apetite. Mas, dessa vez, sentou-se à sua mesinha no estado de espírito mais detestável do mundo, atirou o chapéu com raiva para qualquer lado, fincou os cotovelos na mesa e se pôs pensativo. Bastava o vizinho, que almoçava a seu lado, se mexer um pouco, ou o rapaz que o atendia não compreendê-lo logo à primeira palavra, que ele, mesmo sabendo tão bem como ser gentil e, quando necessário, tão pomposamente imperturbável, faria com certeza o maior escarcéu, como um cadete, e talvez criasse um caso.

Serviram a sopa, ele segurou a colher, mas de repente, antes que tivesse tempo de pegar uma colherada, jogou o talher na mesa e por pouco não pulou da cadeira. Uma ideia inesperada lhe veio num lampejo: naquele instante — e só Deus sabe por qual processo —, de súbito ele compreendeu plenamente a causa de sua aflição, de sua própria e peculiar aflição, que já o atormentava fazia alguns dias seguidos, sem parar, e só Deus sabe como ela o amarrava e só Deus sabe por que não queria soltá-lo; pois logo agora ele percebeu tudo, de um só golpe, e entendeu tão bem quanto entendia os cinco dedos da mão.

— É esse chapéu! — balbuciou, como que tomado por uma inspiração. — É única e exclusivamente esse maldito chapéu redondo, com esse abominável crepe de luto, a causa *de tudo!*

Pôs-se a pensar — e, quanto mais refletia, mais deprimido ficava e mais espantoso se tornava, a seus olhos, “todo o incidente”.

“Mas... mas, no entanto, afinal, que incidente é esse?”, quis protestar, sem acreditar em si

mesmo. “Será que existe, aqui, algo semelhante a um incidente?”

A questão toda se resumia no seguinte: quase duas semanas antes (na verdade, ele não lembrava, mas parecia que eram duas semanas), ele encontrou pela primeira vez, na rua, em algum lugar na esquina das ruas Podiátcheskaia e Mechánskaia, um cavalheiro com uma fita de crepe no chapéu. O cavalheiro, como todos, nada tinha de tão especial, passou depressa, mas olhou para Veltchanínov com uma espécie de insistência demasiada e, por algum motivo, atraiu a atenção dele do modo mais extraordinário. Pelo menos sua fisionomia pareceu familiar para Veltchanínov. Era óbvio que, algum dia, em algum lugar, já o tinha visto. “Ora essa, como se eu já não tivesse visto milhares de fisionomias na vida — não dá para se lembrar de todas!” Vinte passos adiante e ele já parecia ter esquecido o encontro, apesar da força da primeira impressão. No entanto, a impressão perdurou o dia inteiro — e de um jeito bastante original: na forma de uma raiva difusa, peculiar. Agora, passadas duas semanas, recordou tudo aquilo com clareza; recordou também que não entendeu exatamente, na ocasião, de onde vinha aquela raiva — e não entendeu a tal ponto que nem por uma vez associou nem contrapôs seu estado de espírito detestável de toda a tarde ao encontro que tivera de manhã. Mas o próprio cavalheiro se apressou em se fazer lembrar e, no dia seguinte, de novo, esbarrou com Veltchanínov na avenida Niévski e, de novo, olhou bem para ele, de modo estranho. Veltchanínov cuspiu, mas depois de cuspir logo se admirou com sua cusparada. Na verdade, existem fisionomias que, na mesma hora, despertam um nojo difuso e despropositado. “Sim, de fato já o encontrei não sei onde”, murmurou pensativo, já meia hora depois do encontro. Então, de novo, passou a tarde toda num estado de espírito detestável; teve até uma espécie de pesadelo à noite e, apesar de tudo, não passou pela sua cabeça que todo o motivo daquela sua angústia nova e peculiar era só e unicamente o pesaroso cavalheiro de luto, embora naquela noite tenha se lembrado dele várias vezes. De passagem, chegou a se irritar, ao pensar que “tamanha porcaria” tivesse o atrevimento de ocupar sua memória por tanto tempo; mas, sem dúvida, seria até humilhante atribuir a ele toda a sua perturbação, se essa ideia por acaso passasse pela sua cabeça. Dois dias depois, encontraram-se de novo, no meio da multidão, na partida de um navio a vapor no rio Nievá. Nessa terceira vez, Veltchanínov estava disposto a jurar que o cavalheiro de luto no chapéu o reconheceu e arremeteu na direção dele, tolhido e espremido pela multidão; parece até que “se atreveu” a lhe estender a mão; talvez tenha até gritado, chamando-o pelo nome. Isso, aliás, Veltchanínov não distinguiu com clareza, mas... “quem é esse canalha, afinal, e por que não vem falar comigo de uma vez, se me conhece de fato e se tem tanta vontade assim de me ver?”, pensou com rancor, ao sentar-se no coche de aluguel e seguir rumo ao convento Smólni. Meia hora depois, ele já havia discutido e feito um escarcéu com seu advogado, porém, ao entardecer e à noite, caiu de novo na aflição mais atroz e fantástica. “Não será um derrame de bílis?”, perguntou-se, cismado, olhando para o espelho.

Esse foi o terceiro encontro. Depois, por cinco dias seguidos, não encontrou absolutamente “ninguém”, e do canalha nem sinal. Entretanto, ora sim, ora não, se lembrava do cavalheiro de crepe no chapéu. Nessas horas, Veltchanínov se apanhava com certa surpresa: “Será que estou com saudade dele ou o quê? Hum!... Na certa, ele também tem muitos negócios em Petersburgo... e para quem é aquele crepe de luto? É óbvio que me reconheceu, só que eu não o conheço. E para que essa gente anda com crepe? De certo modo, não combina com ele... Acho que, se eu olhar para ele mais de perto, vou reconhecer...”.

E teve a impressão de que algo começou a se mover em suas recordações, como quando alguma palavra bem conhecida, de repente, sabe-se lá por que razão, desaparece da memória, e

fazemos o maior esforço para lembrar: nós a conhecemos muito bem, sabemos exatamente o que significa, ficamos andando em volta da palavra; só que a tal palavra não quer, de jeito nenhum, voltar à memória, por mais que quebrems a cabeça por sua causa!

“Isso foi... isso foi há muito tempo... e isso foi não sei onde... Foi lá no... lá no... Ora, foi ou não foi, azar, que vá tudo para o diabo!”, exclamou de repente, com rancor. “E por acaso vale a pena se sujar e se humilhar por causa desse canalha?”

Ficou horivelmente irritado; mas à noite, quando lembrou, de repente, que pouco tempo antes também tinha se irritado “horivelmente”, teve uma sensação bastante ruim: como se alguém o tivesse apanhado em flagrante. Ficou embaraçado e surpreso:

“Portanto, existem motivos para eu ficar tão furioso... sem mais nem menos... só com uma recordação...” Não concluiu seu pensamento.

No dia seguinte, irritou-se mais ainda, só que dessa vez lhe pareceu que havia uma razão e que ele estava absolutamente justificado; “foi um atrevimento nunca visto”: a questão é que ocorreu um quarto encontro. O cavalheiro com o crepe apareceu de novo, como se tivesse brotado do chão. Veltchanínov tinha acabado de alcançar, de surpresa, na rua, aquele mesmo conselheiro de Estado que lhe era tão imprescindível, que ele tentara encontrar sem aviso em sua casa de campo, e agora o havia alcançado, porque esse funcionário, que Veltchanínov mal conhecia, era indispensável a seus negócios, e naquela ocasião, como agora também, o homem nem lhe estendeu a mão, e era óbvio que o evitava, não desejava de jeito nenhum encontrar-se com Veltchanínov; contente porque, afinal, havia topado com ele em seu caminho, Veltchanínov caminhou a seu lado, depressa, olhando de relance para seus olhos, empregando toda a sua energia para conduzir o grisalho astuto a determinado assunto, determinada conversa, na qual, talvez, pronunciasse e deixasse escapar, de algum modo, aquela palavrinha tão procurada e desejada havia tanto tempo; mas o grisalho astuto também era precavido, dava risinhos e se esquivava das perguntas — e foi bem naquele momento extraordinariamente tenso que o olhar de Veltchanínov distinguiu, de repente, na calçada do outro lado da rua, o cavalheiro com o crepe no chapéu. Estava parado e olhava fixo para os dois; vinha atrás deles — isso era evidente — e até parecia achar graça.

“Que o diabo o carregue!”, enfureceu-se Veltchanínov, que já havia deixado o funcionário de lado e atribuía todo o seu fracasso com ele à repentina aparição daquele “insolente”, “que o diabo o carregue; por acaso é um espião e está me seguindo? É óbvio que está me seguindo! Será que foi contratado por alguém e... e... e, juro, ele estava rindo de mim! Juro, vou dar uma surra nele... Mas que pena que não ando com uma bengala! Vou comprar uma bengala! Não vou deixar que fique por isso mesmo! Quem é ele? Quero saber a todo custo quem é ele!”

Enfim — exatamente três dias depois desse (quarto) encontro —, vamos encontrar Veltchanínov em seu restaurante, como nós já descrevemos, já perturbado de todo, e a sério, e até um pouco fora de si. Nem ele mesmo podia deixar de admitir isso, apesar de seu orgulho. Enfim, depois de contrapor todas as circunstâncias, ele foi obrigado a concluir que a causa de toda a sua hipocondria, de toda aquela aflição *especial* e de todas as suas inquietações de duas semanas era ninguém menos do que aquele cavalheiro de luto, “apesar de sua insignificância”.

“Vamos admitir que eu seja um hipocondríaco”, pensou Veltchanínov, “e, portanto, que eu esteja pronto para fazer de uma mosca um elefante; porém será que me traz algum alívio saber que tudo isso, *talvez*, seja só uma fantasia? Pois se cada sem-vergonha dessa laia é capaz de transtornar completamente uma pessoa, então isso... então isso...”

De fato, no encontro desse dia (o quinto), que tanto perturbou Veltchanínov, o elefante se

apresentou quase igualzinho a um mosquito: o cavalheiro, como antes, se esgueirou ligeiro, mas dessa vez não reparou em Veltchanínov nem deu sinal de que o conhecia como fizera antes — ao contrário, tinha os olhos voltados para baixo e, ao que parecia, desejava muito que ninguém reparasse em sua presença. Veltchanínov virou-se e gritou para ele, a plenos pulmões:

— Ei, o senhor aí! De crepe no chapéu! Agora está querendo se esconder! Espere aí: quem é o senhor?

A pergunta (e aquela gritaria toda) era muito absurda. Mas Veltchanínov só se deu conta disso depois de gritar. Com o grito, o cavalheiro virou-se, deteve-se um instante, desconcertado, sorriu, fez menção de falar algo, de fazer algo, por um minuto ficou, obviamente, numa horrível indecisão e, de repente, virou-se e disparou em frente, sem olhar para trás. Veltchanínov olhou para ele, com surpresa.

“O que é isso?”, pensou. “Será que na verdade não é ele que está atrás de mim, mas, ao contrário, sou eu que estou atrás dele, e a questão toda é essa?”

Depois do jantar, seguiu depressa para a casa de campo do funcionário. Não o encontrou; disseram que “saiu de manhã e não voltou, e dificilmente vai voltar antes das duas ou três da madrugada, porque ficou na cidade numa festa de aniversário”.** Aquilo já foi tão “ofensivo” que, em sua fúria inicial, Veltchanínov pensou em ir à festa de aniversário, e até chegou a se dirigir para lá, de fato; mas, no caminho, considerou que seria ir longe demais, dispensou o coche de aluguel no meio do percurso e arrastou-se para casa a pé, na direção do Teatro Bolchói. Sentia necessidade de caminhar. Para acalmar os nervos agitados, era preciso dormir bem à noite, a todo custo, apesar da insônia; e, para pegar no sono, era preciso pelo menos cansar-se um pouco. Dessa forma, chegou a sua casa já às dez e meia, pois o caminho não era muito curto e, de fato, estava muito cansado.

O apartamento que ele tinha alugado em março, que ele repudiava de modo acerbo e contra o qual rogava pragas, justificando-se para si mesmo com o argumento de que se tratava apenas de “uma barraca de campanha” e que ele “estava atolado” em Petersburgo por um acidente, no meio daquele “maldito litígio” — aquele seu apartamento não era tão ruim, no geral, nem tão ultrajante como ele mesmo opinava. A entrada, de fato, era um pouco escura e “encardida”, por baixo do portão; mas o apartamento em si, no segundo andar, era formado por dois cômodos amplos, claros e altos, separados por uma antessala escura e, dessa forma, um dava para a rua e o outro, para o pátio. Ao lado do cômodo cujas janelas davam para o pátio ficava um pequeno gabinete destinado a servir de dormitório; mas, na residência de Veltchanínov, ali ficavam livros e papéis espalhados, em desordem; ele dormia, de fato, num dos cômodos maiores, aquele cujas janelas davam para a rua. Sua cama era feita no sofá. Sua mobília era decente, embora de segunda mão, e, além disso, havia até algumas peças caras — escombros da antiga prosperidade: estatuetas de porcelana e de bronze, tapetes de Bukhará*** grandes e autênticos; até duas pinturas razoáveis sobreviveram; mas tudo se encontrava numa desordem flagrante, nada estava no lugar e até havia muita poeira em cima de tudo, desde que a moça que trabalhava para ele, Pelagueia, tinha ido visitar os pais em Nóvgorod, deixando-o sozinho. Esse fato estranho, de uma criada sozinha e moça trabalhar na casa de um homem solteiro, que não era do clero e que desejava ainda obedecer às normas do cavalheirismo, forçava Veltchanínov a quase ficar vermelho; todavia ele estava muito satisfeito com aquela Pelagueia. Ele contratou a mocinha na mesma hora em que alugou o apartamento, na primavera. Pelagueia tinha vindo da casa de uma família conhecida dele, que havia partido para o exterior, e pôs sua casa em ordem. Porém, com a viagem da criada, ele não conseguia se decidir a contratar outra; não valia a pena contratar um

lacio por um prazo curto, e ele também não gostava de lacaios. Dessa forma, ficou estabelecido que quem viria arrumar sua casa toda manhã era Mavra, a irmã da zeladora, com a qual ele deixava a chave quando saía e que, a rigor, não fazia absolutamente nada, pegava o dinheiro e, pelo visto, ainda roubava. Porém ele já não se importava mais com nada e até se sentia satisfeito de poder ficar em casa totalmente sozinho. Mas tudo tem um limite — e seus nervos, decididamente, naqueles momentos de cólera, às vezes não admitiam suportar toda aquela “imundície” e, quando voltava para casa, era quase sempre com repugnância que entrava em seu apartamento.

Mas dessa vez ele mal se deu ao trabalho de tirar a roupa, jogou-se na cama e, enfurecido, decidiu não pensar em nada e, a qualquer preço, “no mesmo instante”, ferrar no sono. E o estranho é que, de repente, ferrou no sono, assim que a cabeça tocou no travesseiro; isso não acontecia havia já quase um mês.

Dormiu direto cerca de três horas, mas com um sono inquieto; teve uns sonhos estranhos, como os de uma pessoa febril. A questão girava em torno de uma espécie de crime que ele parecia ter cometido e escondido, mas do qual o acusavam, a uma só voz, pessoas que entravam em sua casa o tempo todo, vindas não se sabia de onde. Uma multidão horrível se aglomerava, mas as pessoas continuavam a entrar o tempo todo, de tal modo que a porta já nem era mais fechada, ficava escancarada. Mas, enfim, todo o interesse se concentrou numa pessoa estranha, de algum modo conhecida e muito próxima a ele em alguma época, e que já havia morrido, mas agora, sabe-se lá por quê, de repente também tinha entrado em sua casa. O mais torturante de tudo era que Veltchanínov não sabia quem era essa pessoa, tinha esquecido seu nome e não conseguia lembrar de jeito nenhum; só sabia que, em alguma época, gostava muito dela. Parecia que era dessa pessoa que todos que entravam esperavam a palavra mais importante: a condenação ou a absolvição de Veltchanínov, e todos estavam impacientes. No entanto esse homem se mantinha imóvel, sentado diante da mesa, calado, sem querer falar. O barulho não diminuía, a exasperação ficou mais forte e, de repente, Veltchanínov, num acesso de cólera, esmurrou aquele homem, porque não queria falar, e sentiu com isso um prazer estranho. Seu coração se encolheu de horror e de aflição por causa de seu gesto, mas aquele encolhimento também continha um prazer. Tomado pela ira, esmurrou o homem, duas, três vezes, e, numa espécie de embriaguez de cólera e terror, que alcançou a demência, mas que continha também um prazer infinito; ele já não contava mais seus golpes e batia sem parar. Queria destruir tudo, tudo *aquilo*. De repente, algo aconteceu; todos começaram a gritar de modo estranho e viraram para a porta, em expectativa, e naquele instante ressoaram três toques de campainha, mas com tamanha força que pareciam querer arrancar a porta. Veltchanínov acordou, voltou a si num instante, pulou da cama às pressas e se precipitou na direção da porta; estava absolutamente convencido de que o toque na campainha não era um sonho e que, de fato, alguém o estava chamando naquele momento. “Seria insólito demais se um toque de campainha tão claro, tão real, só existisse no meu sonho!”

Mas, para seu espanto, o toque da campainha se revelou também um sonho. Ele abriu a porta e saiu para o corredor, chegou a olhar para a escada — não havia ninguém. A campainha pendia imóvel. Surpreso, mas contente, voltou para o apartamento. Ao acender a vela, lembrou que a porta estava apenas encostada e não fechada a chave ou com o gancho. Já antes disso, quando retornava para casa, muitas vezes se esquecia de trancar a porta à noite, sem dar à questão maior importância. Pelagueia o repreendia, às vezes, por causa disso. Ele voltou para a antessala a fim de trancar a porta, abriu de novo, deu uma olhada no corredor e fechou só o gancho por dentro,

teve preguiça de fechar com a chave. O relógio deu duas e meia; portanto, ele tinha dormido três horas.

O sonho o deixou tão agitado que ele não quis deitar de novo naquele momento e resolveu ficar andando pelo quarto durante meia hora — “o tempo de dar umas baforadas num charuto”. Depois de se vestir às pressas, chegou à janela, levantou a grossa cortina de damasco e, por trás dela, o estore branco. Na rua, já havia clareado. As noites claras de verão em Petersburgo sempre despertavam nele uma irritação nervosa e, ultimamente, também contribuíam para sua insônia, por isso, e bem a propósito, umas duas semanas antes, ele pendurou nas janelas aquelas cortinas grossas de damasco, que não deixavam passar luz quando fechadas por completo. Deixando a luz entrar, e esquecendo-se da vela acesa sobre a mesa, ele começou a perambular, para um lado e para outro, sempre e ainda com uma espécie de sentimento opressivo e doloroso. A sensação do sonho ainda estava atuante. O grave sofrimento por ter sido capaz de erguer a mão contra aquele homem e bater nele continuava.

— Mas, afinal, esse homem nem existe nem nunca existiu, é tudo um sonho, para que fico aqui me lamentando?

Com furor, como se todas as suas preocupações convergissem para aquilo, começou a pensar que, sem dúvida nenhuma, estava ficando doente, “uma pessoa enferma”.

Sempre teve dificuldade para admitir que estava envelhecendo e definhando e, com rancor, nos maus momentos, ele exagerava as duas coisas, de propósito, a fim de provocar a si mesmo.

— É a velhice! Estou envelhecendo mesmo — murmurou, enquanto perambulava. — Estou perdendo a memória, vejo espectros, sonhos, campainhas tocam... Que o diabo me carregue! Sei por experiência que esses sonhos sempre me acontecem por causa da febre... Estou convencido de que toda essa “história” com o tal crepe também pode ser um sonho. Decididamente, o que pensei ontem é verdade: eu é que estou atrás dele, e não ele de mim! A partir disso, compus um poema, mas eu mesmo me escondi embaixo da mesa, assustado. E por que eu o chamo de canalha? Talvez seja uma pessoa muito respeitável. O rosto, de fato, é desagradável, se bem que não tem nada de feio; se veste como todo mundo. Só o olhar é meio... De novo, lá vou eu pelo mesmo caminho! De novo, fico falando dele!! E que diabo tenho eu a ver com o olhar dele? Será que não consigo viver sem esse... condenado?

Entre tantos pensamentos que pululavam em sua cabeça, só um o feriu de forma dolorosa: de repente, ele pareceu convicto de que aquele cavalheiro com crepe no chapéu fora, em outros tempos, seu conhecido e amigo, e agora, ao encontrá-lo, ria dele, porque tinha conhecimento de algum grande e antigo segredo e o via, dessa vez, numa situação humilhante. Com um gesto mecânico, aproximou-se da janela para abri-la e respirar o ar da noite, e... e, de repente, estremeceu todo: teve a impressão de que, à sua frente, de súbito, tinha acontecido algo extraordinário e nunca visto.

Ainda não havia tido tempo de abrir toda a janela, mas esgueirou-se depressa atrás do canto da janela e se escondeu: na calçada vazia do outro lado da rua, bem na frente do seu prédio, avistou de repente o cavalheiro de crepe no chapéu. O cavalheiro estava na calçada, com o rosto virado para a sua janela, mas era evidente que não tinha visto Veltchanínov e espiava o prédio com curiosidade, como se avaliasse alguma coisa. Parecia ponderar, como se estivesse tomando alguma decisão; ergueu o braço e pareceu tocar o dedo na testa. Afinal, decidiu-se: olhou em redor de modo esquivo e, na ponta dos pés, rápido, sorrateiro, começou a atravessar a rua. Era isso mesmo: atravessou o portão da calçada e a porta (que no verão, às vezes, só era trancada depois das três horas). “Ele está vindo para a minha casa”, passou ligeiro pela cabeça de

Veltchanínov, e de repente, afoito, também na ponta dos pés, foi correndo para a antessala onde ficava a porta do seu apartamento e, quieto diante dela, imóvel e à espreita, a mão direita trêmula, colocada bem de leve sobre o gancho que ele havia fechado pouco antes, se pôs a escutar, com todo o esforço, o rumor dos passos que esperava ouvir na escada.

Quando o desconhecido subiu na ponta dos pés, o coração de Veltchanínov bateu tão forte que ele teve medo de que ouvissem. Não compreendia os fatos, mas sentia tudo com uma espécie de plenitude decuplicada. Como se o sonho de pouco antes tivesse se fundido com a realidade. Veltchanínov era corajoso por natureza. Às vezes, à espera de um perigo, ele gostava de levar sua audácia até uma espécie de exibicionismo — mesmo quando ninguém estava vendo, só para admirar a si mesmo. Mas agora havia também outra coisa. O hipocondríaco, o desconfiado lamuriendo de pouco antes, tinha se transformado por completo; agora, era uma pessoa inteiramente distinta. Um riso nervoso e mudo irrompia dentro do peito. Por trás da porta trancada, ele adivinhava todos os movimentos do desconhecido.

“Ah! Pronto, está subindo, já subiu, está observando, escuta se há algum barulho lá embaixo, na escada; mal respira, se move sorrateiro... Ah! Segurou a maçaneta, está puxando, está tentando abrir! Achou que minha casa não estava trancada! Quer dizer, sabia que às vezes me esqueço de trancar! Está puxando de novo a maçaneta; o que está pensando, que o gancho vai soltar? Dá pena desistir assim, não é? Não dá pena ir embora de mãos abanando?”

E, de fato, com certeza, tudo deve ter se passado como Veltchanínov imaginava: alguém, de fato, estava atrás da porta e, discretamente, sem fazer barulho, experimentou a tranca, puxou a maçaneta e... “é claro, ele tinha um propósito”. Mas Veltchanínov já tinha pronta a solução do problema e, numa espécie de êxtase, aguardava o instante, buscava a melhor posição e caprichava na pontaria: sentiu uma vontade irresistível de soltar o gancho de repente, escancarar a porta de supetão e se pôr cara a cara com o “monstro”. “Mas, afinal, diga lá, o que está fazendo aqui, prezado senhor?”

E foi o que aconteceu; aproveitando o momento certo, ele soltou o gancho de repente, empurrou a porta e quase esbarrou no cavaleiro de crepe no chapéu.

* Um dos escalões do funcionalismo público no Império Russo.

** A rigor, o dia do santo onomástico, ou seja, o santo cujo nome foi escolhido para batizar uma pessoa. Na tradição da Igreja ortodoxa, esse dia é comemorado como um aniversário.

*** Cidade do Uzbequistão.

PÁVEL PÁVLOVITCH TRUSSÓTSKI

O outro pareceu paralisado. Os dois ficaram frente a frente, na soleira da porta, e os dois miravam, imóveis, nos olhos um do outro. Assim passaram alguns instantes e, de repente, Veltchanínov reconheceu sua visita!

Ao mesmo tempo, pelo visto, o visitante também adivinhou que Veltchanínov o havia reconhecido por completo: aquilo reluziu no seu olhar. Num instante, seu rosto pareceu se desmanchar num sorriso muito doce.

— Sem dúvida, tenho o prazer de falar com Aleksei Ivánovitch, não é? — ele quase cantou com a voz mais meiga do mundo, e tão descabida, naquela situação, que beirava a comédia.

— E o senhor, por acaso, não será Pável Pávlovitch Trussótski? — exclamou, afinal, Veltchanínov, com ar perplexo.

— Nós nos conhecemos há uns nove anos, em T., e, se o senhor me permite recordar, tínhamos uma ligação bem amigável.

— Sim, senhor... podemos admitir que sim... mas agora são três horas da madrugada e o senhor passou dez minutos inteiros verificando se minha porta estava trancada...

— Três horas! — exclamou a visita, tirou o relógio do bolso e até se admirou amargamente. — Em ponto! Três horas! Desculpe, Aleksei Ivánovitch, quando entrei, eu deveria ter percebido; estou até com vergonha. Vou embora e me explicarei de manhã, mas agora...

— Essa não! Ora, se é para se explicar, faça o favor de explicar logo de uma vez! — se refez, a tempo, Veltchanínov. — Tenha a bondade, passe por aqui, através da soleira, venha para a sala, meu senhor. Naturalmente, afinal de contas, o senhor tinha a intenção de entrar no apartamento, não foi para experimentar a fechadura que o senhor apareceu aqui de madrugada...

Veltchanínov estava perturbado e, ao mesmo tempo, parecia perplexo e percebia que não era capaz de compreender. Sentia até vergonha: não havia mistério, não havia perigo — nada vinha à tona de toda aquela fantasmagoria; havia apenas a figura tola de um certo Pável Pávlovitch. Mas, de resto, Veltchanínov não acreditava nem um pouco que aquilo fosse mesmo tão simples assim; tinha um pressentimento confuso e temeroso. Depois que a visita sentou na poltrona, Veltchanínov sentou na cama, com impaciência, a um passo da poltrona, inclinou-se para a frente, apoiou a palma das mãos nos joelhos e esperou, irritado, que o outro comesse a falar. Observava a visita com sofreguidão e puxava pela memória. Mas era estranho: o homem se mantinha absolutamente calado, pelo visto, sem entender que estava “obrigado” a começar a falar naquele instante; ao contrário, fitava o anfitrião com um olhar que parecia aguardar algo.

Pode ser que estivesse apenas intimidado, sentindo algum mal-estar inicial, como um rato na ratoeira; entretanto, Veltchanínov se enfureceu.

— Mas o que é o senhor? — gritou. — Afinal, eu acho, o senhor não é uma fantasia nem um sonho! O senhor não veio me visitar para brincar de morto, não é? Explique-se, meu caro!

A visita se remexeu, sorriu e começou, com cuidado:

— Até onde percebo, o senhor está até pasmo, acima de tudo, por eu ter vindo numa hora dessas, e em circunstâncias tão peculiares... Desse modo, lembrando tudo o que aconteceu há tempos e como nós nos separamos, agora até eu acho estranho... No entanto, eu não tinha a intenção de passar por aqui; se aconteceu, foi... por acaso...

— Por acaso, como? Se eu vi o senhor pela janela, vi como atravessou a rua correndo na ponta dos pés!

— Ah, o senhor viu! Bem, então, o senhor, é possível, agora sabe muito mais do que eu sobre tudo isso! Mas, assim, só faço irritar o senhor... Veja, aqui está o que aconteceu: cheguei faz umas três semanas, para tratar de um assunto particular... Afinal, eu sou Pável Pávlovitch Trussótski, aliás o senhor mesmo já me reconheceu. Minha questão é que estou requisitando uma transferência para outra província e para outra função, num escalão consideravelmente mais elevado... Mas, de resto, tudo isso também não importa!... O principal, se quer saber, é que já estou aqui vagando, para lá e para cá, há três semanas e parece que estico meu problema de propósito, ou seja, a tal transferência, e na verdade, ainda que ela saia, não duvido que eu mesmo esqueça que saiu e, neste meu estado de espírito, acabe não indo embora da sua Petersburgo. Fico vagando para lá e para cá, como se tivesse perdido meu objetivo, e parece até que me alegro de ter perdido... neste meu estado de espírito...

— Em qual estado de espírito? — Veltchanínov franziu o rosto.

A visita voltou os olhos para ele, ergueu o chapéu e, já com firme dignidade, apontou para a fita de crepe.

— Sim... veja, é neste estado de espírito!

Veltchanínov olhava apalermado ora para o crepe, ora para o rosto da visita. De repente, o rubor se derramou por um instante em suas faces e ele se perturbou horivelmente.

— Não é possível! A Natália Vassílievna?

— Ela mesma, senhor. Natália Vassílievna! No último mês de março... A tuberculose, e quase de uma hora para outra, em dois ou três meses, se tanto! E eu fiquei... como o senhor está vendo!

Dito isso, a visita, com forte emoção, estendeu os braços para os dois lados, segurando na mão esquerda o chapéu com o crepe, e curvou até embaixo a cabeça calva, e permaneceu assim por pelo menos uns dez segundos.

Aquela cena e aquele gesto, de repente, pareceram animar Veltchanínov; um sorriso irônico e até provocador resvalou pelos seus lábios — mas foi só por um instante: a notícia da morte daquela senhora (com quem ele estivera ligado fazia muito tempo e a qual, fazia muito tempo, tratara de esquecer) produziu, de surpresa, uma sensação estarrecidora.

— Mas será possível? — balbuciou as primeiras palavras que vieram à sua língua. — E por que o senhor não veio logo me avisar?

— Sou grato ao senhor pelo interesse, vejo e aprecio isso, apesar de...

— Apesar de?

— Apesar de fazer tantos anos desde a nossa separação, o senhor agora se preocupa com minha dor e até comigo com um interesse tão grande que eu, naturalmente, sinto gratidão. Era

só isso que eu queria declarar ao senhor. E não é que eu duvide de meus amigos; mesmo aqui, mesmo agora, posso encontrar os amigos mais sinceros (veja só o Stiepan Mikháilovitch Bagaútov), mas a minha relação com o senhor, Aleksei Ivánovitch (talvez de amizade, pois recordo com gratidão) se passou há nove anos, não voltamos a nos ver, não trocamos correspondência...

A visita cantava como se lesse uma partitura, mas, durante todo o tempo em que se explicava, olhava para o chão, embora, é claro, também visse tudo daí para cima. Porém o anfitrião já tivera tempo de se refazer um pouco.

Com uma impressão completamente estranha, que aumentava cada vez mais, ele escutava e observava Pável Pávlovitch e, de repente, quando a visita parou de falar, os pensamentos mais díspares e inesperados jorraram dentro de sua cabeça.

— Mas por que eu não tinha reconhecido o senhor até agora? — exclamou, se refazendo. — E, afinal, nós nos esbarramos na rua cinco vezes!

— Sim; também me lembro disso; o senhor aparecia na minha frente toda hora... umas duas vezes, talvez três, até...

— Melhor dizendo, era o *senhor* que me aparecia na frente *toda hora*, e não o contrário!

Veltchanínov levantou-se e, de repente, do modo mais inesperado, desatou a rir bem alto. Pável Pávlovitch ficou parado, olhou com atenção, mas logo continuou:

— E quanto ao fato de o senhor não me reconhecer, ora, em primeiro lugar, o senhor pode ter esquecido e, afinal, nesse intervalo, eu tive até varíola e ficaram alguns vestígios no rosto.

— Varíola? Mas então, na realidade, teve mesmo varíola! E como foi que o senhor...

— Como foi que tive essa má sorte? Acontece de tudo, Aleksei Ivánovitch; de uma hora para outra, acontecem essas chatices!

— Só que isso, apesar de tudo, é tremendamente engraçado. Mas continue, continue... caro amigo!

— Quanto a mim, apesar de também ter encontrado o senhor...

— Espere! Por que o senhor disse, agora há pouco, “acontecem essas chatices”? Devia se expressar de modo mais educado. Mas tudo bem, continue, continue!

Por algum motivo, ele estava ficando cada vez mais alegre. A sensação estarecedora tinha se transformado em outra, muito diferente. Em passadas ligeiras, Veltchanínov andava pela sala, para lá e para cá.

— Quanto a mim, apesar de também ter encontrado o senhor e até, ao vir para cá, para Petersburgo, ter mesmo a intenção de procurar o senhor a todo custo, repito, porém, eu agora me encontro em tal estado de espírito... e tão mentalmente arrasado desde o mês de março...

— Ah, sim! Arrasado desde o mês de março... Espere, o senhor não fuma?

— Eu, afinal, o senhor sabe, em presença de Natália Vassílievna...

— Sim, claro, claro; e desde o mês de março?

— Um cigarrinho, pode ser.

— Tome aqui um cigarro; fume e... continue! Continue, o senhor me deixa tremendamente...

Depois de acender um charuto, Veltchanínov logo voltou a sentar na cama. Pável Pávlovitch se deteve um momento.

— Mas o senhor mesmo, no entanto, olhe só, está numa agitação, será que a saúde do senhor está bem?

— Ah, para o diabo com a minha saúde! — enfureceu-se de súbito Veltchanínov. — Continue!

A visita, por sua vez, vendo a agitação do anfitrião, tornou-se mais contente e mais confiante.

— Está bem, mas continuar o quê, meu senhor? — retomou. — Imagine o senhor mesmo, Aleksei Ivánovitch, em primeiro lugar, um homem arrasado, ou melhor, não apenas arrasado, mas radicalmente arrasado; um homem que, depois de vinte anos de casamento, vê sua vida se modificar e sai vagando a esmo por ruas poeirentas sem destino certo, como se caminhasse pela estepe, quase sem noção de si mesmo, e que, nessa falta de noção de si mesmo, descobre até uma espécie de volúpia. É natural que, às vezes, depois de encontrar um conhecido ou até um verdadeiro amigo, eu me desvie de propósito, para não ter de me aproximar dele, num desses momentos em que estou sem noção de mim mesmo. Mas, em outros momentos, a pessoa se lembra de tudo tão bem que sente uma enorme sofreguidão de ver qualquer testemunha ou parceiro daquele passado recente, mas irrecuperável, e aí o coração começa a bater tão forte que não só de dia, mas também de noite, a pessoa corre o risco de se atirar nos braços do amigo, mesmo que, para isso, seja necessário acordá-lo de propósito, depois das três da madrugada. Veja, eu só me enganei na hora, mas não na amizade; pois neste instante a recompensa está sendo enorme, meu senhor. E quanto à hora, juro, eu pensava que ainda não era meia-noite, já que me encontrava naquele estado de espírito. A pessoa bebe sua própria tristeza e parece que se embriaga com ela. E já nem é mais tristeza e sim justamente essa condição nova que me abate...

— Ora, mas como o senhor se exprime! — comentou Veltchanínov, com ar meio sombrio, e de repente caiu de novo numa seriedade horrível.

— Sim, senhor, me expremo de forma estranha...

— E o senhor... não está brincando?

— Brincando! — exclamou Pável Pávlovitch numa perplexidade aflita. — Logo na hora em que venho anunciar...

— Ah, não fale disso, suplico ao senhor!

Veltchanínov levantou-se e começou a andar pela sala outra vez.

Assim passaram mais ou menos cinco minutos. A visita também quis se levantar, mas Veltchanínov gritou: “Sente, sente!”. E ele, obediente, no mesmo instante, sentou-se na poltrona.

— Mas como o senhor está mudado! — disse Veltchanínov outra vez, parando de repente na frente dele, como se tivesse ficado subitamente impressionado com aquela ideia. — Mudou demais! É extraordinário! É outra pessoa!

— Não admira, meu senhor: são nove anos.

— Não-não-não, a questão não são os anos! Na aparência, o senhor até que não mudou, só Deus sabe como; o senhor mudou foi de outro jeito!

— Também, pudera, são nove anos, meu senhor.

— Ou desde o mês de março!

— He-he — Pável Pávlovitch deu uma risadinha com malícia. — Que ideia engraçada o senhor tem... Mas, se me permite tomar essa liberdade, que mudança é essa, exatamente?

— Pois aqui está: antes, havia um Pável Pávlovitch tão sólido, respeitável, um Pável Pávlovitch tão sabichão, e agora... é um Pável Pávlovitch que é um perfeito *vaurien*!*

Ele estava naquele grau de irritação em que as pessoas mais contidas, às vezes, começam a falar demais.

— *Vaurien*! O senhor acha? E não sou mais sabichão? Não sou sabichão? — Pável Pávlovitch soltou uma risada, com prazer.

— Para o diabo com essa história de sabichão! Agora, quem sabe, talvez o senhor seja muito *inteligente*.

“Sou um descarado, e esse canalha é mais descarado ainda! E... e qual é seu objetivo?”, Veltchanínov não parava de pensar.

— Ah, caríssimo, ah, prezadíssimo Aleksei Ivánovitch! — de repente, a visita se emocionou de forma extraordinária e começou a se remexer na poltrona. — Afinal, de que adianta para nós? Afinal, agora, não estamos na fulgurante alta sociedade mundana! Nós dois somos ex-amigos antiquíssimos e os mais sinceros e, por assim dizer, nos unimos com a maior sinceridade e recordamos mutuamente uma ligação preciosa, na qual a falecida constituía o vínculo preciosíssimo da nossa amizade!

E ele, de algum modo, se deixou levar a tal ponto pelo entusiasmo de seus sentimentos que baixou a cabeça de novo, como antes, só que agora cobriu o rosto com o chapéu. Veltchanínov ficou observando com repugnância e inquietação.

“E se tudo isso for só uma brincadeira?”, passou pela sua cabeça. “Mas não-não-não! Não parece embriagado... Aliás, pode ser que esteja embriagado. A cara está vermelha. Mas, ainda que esteja embriagado, dá na mesma. Aonde ele quer chegar? O que quer, esse canalha?”

— O senhor lembra, o senhor lembra — exclamou Pável Pávlovitch, afastando o chapéu devagarzinho e como que se entusiasmando, cada vez mais, com as recordações —, o senhor lembra nossos passeios para fora da cidade, nossas tardes e saraus, com danças e brincadeiras inocentes, na casa de sua excelência, o extremamente hospitaleiro Semion Semiónovitch? E nossas leituras vespertinas a três? E quando conheci o senhor, o dia em que o senhor veio à minha casa de manhã, em busca de uma informação sobre o andamento de um processo, e logo começou a gritar, e de repente chegou Natália Vassílievna, e dez minutos depois o senhor já havia se tornado nosso amigo mais sincero, como se frequentasse nossa casa há um ano, meu senhor... igualzinho, sem tirar nem pôr, à peça *A provinciana*, do sr. Turguênev**...

Veltchanínov caminhava lentamente, olhava para o chão, ouvia com impaciência e repugnância, mas... escutava com atenção.

— Nem me passou pela cabeça a história de *A provinciana* — interrompeu, um tanto desconcertado. — E antes o senhor nunca falava com essa voz estridente e tão... tão diferente da sua voz. Para que isso?

— De fato, antes eu me calava mais, ou seja, eu era mais calado, meu senhor — retrucou depressa Pável Pávlovitch. — O senhor sabe, antes eu preferia escutar, quando a falecida falava. O senhor lembra como ela falava muito, com que agudeza de espírito... E quanto à peça *A provinciana* e ao Stupiéndiev,*** nisso o senhor também tem razão, porque, depois, nós mesmos, eu e a inestimável falecida, naqueles momentos tranquilos em que nos lembrávamos do senhor, depois que o senhor já havia partido, comparamos nosso primeiro encontro com aquela peça teatral... porque, afinal, foi parecido, de fato. E quanto ao Stupiéndiev propriamente...

— Que o diabo carregue esse Stupiéndiev, quem é ele, afinal? — gritou Veltchanínov, e chegou a bater com o pé no chão, já completamente perturbado com o nome “Stupiéndiev”, por causa de certa recordação incômoda que a palavra despertou nele.

— Ora, Stupiéndiev é um personagem, um personagem teatral, o marido na peça *A provinciana* — piou Pável Pávlovitch com voz dulcíssima. — Mas isso já se refere a outra categoria de nossas caras e lindas recordações, já posteriores à partida do senhor, quando Stiepan Mikháilovitch Bagaútov nos brindou com sua amizade, exatamente como o senhor, e nesse caso por cinco anos inteiros.

— Bagaútov? Quem é? Que Bagaútov? — Veltchanínov parou de repente, como que pregado ao chão.

— Bagaútov, Stiepan Mikháilovitch, que nos brindou com sua amizade exatamente um ano depois do senhor e... assim como o senhor.

— Ah, meu Deus, enfim, já sei quem é! — exclamou Veltchanínov, entendendo, afinal. — Bagaútov! Não era um que trabalhava com o senhor...?

— Trabalhava, trabalhava! No gabinete do governador! É de Petersburgo, um jovem elegantíssimo da mais alta sociedade! — bradou Pável Pávlovitch, com decidido entusiasmo.

— Sim-sim-sim! O que deu em mim? Então ele também...

— Ele também, ele também! — repetiu Pável Pávlovitch, com o mesmo entusiasmo, aproveitando a expressão descuidada do anfitrião. — Ele também! E foi então que nós encenamos a peça *A provinciana* num teatro doméstico, na casa de sua excelência, o extremamente hospitaleiro Semion Semiónovitch: Stiepan Mikháilovitch foi o conde, eu, o marido, e a falecida, a provinciana, só que me retiraram do papel do marido, por insistência da falecida, e assim eu não representei o papel do marido, na certa por falta de talento, meu senhor...

— Mas quem diabo disse que o senhor é o Stupiéndiev? Antes de tudo, o senhor é Pável Pávlovitch Trussótski, e não Stupiéndiev! — decretou de maneira bruta, sem cerimônia, e quase tremendo de irritação. — Mas, com sua licença: esse Bagaútov está aqui, em Petersburgo, eu mesmo o vi, na primavera! Então, por que o senhor não vai vê-lo?

— Vou lá todo santo dia, já faz três semanas, meu senhor. Não me recebem! Está doente, não pode receber ninguém! E, imagine, eu soube por fontes de primeiríssima mão que, na verdade, está gravemente enfermo, com risco de vida! Um amigo de seis anos! Ah, Aleksei Ivánovitch, digo e repito ao senhor que, neste estado de espírito, às vezes, falando sério, dá vontade de me enfiar pela terra adentro; mas, em outros momentos, dá vontade até de sair e abraçar justamente alguma daquelas antigas testemunhas e parceiros, por assim dizer, tão somente para chorar, ou seja, para mais nada, em absoluto, a não ser para chorar!...

— Certo, muito bem, mas por hoje já é o bastante, não acha? — declarou bruscamente Veltchanínov.

— É o bastante, e já foi até demais, até demais! — e Pável Pávlovitch levantou-se de imediato. — São quatro horas, e o principal é que eu o incomodei de modo tão egoísta...

— Mas escute uma coisa: eu mesmo vou passar na sua casa, sem falta, e então, espero que... Diga-me sem rodeios, fale com franqueza: o senhor não está embriagado?

— Embriagado? Nem de longe...

— Não bebeu antes de vir aqui, ou mais cedo?

— Sabe, Aleksei Ivánovitch, o senhor está mesmo febril.

— Vou passar lá amanhã mesmo, de manhã, antes de uma hora...

— Já notei, faz tempo, que o senhor parece que está quase num delírio — interrompeu com prazer Pável Pávlovitch, que insistia nesse assunto. — Juro, sinto muita vergonha, porque, na minha falta de jeito... mas já estou indo, já estou indo! E o senhor trate de deitar e dormir!

— Mas, ora essa, o senhor não me disse onde mora — se deu conta Veltchanínov e gritou atrás dele.

— Puxa, será que não disse? No hotel Pokróvskaia...

— Mas que hotel Pokróvskaia é esse?

— Fica bem do lado da Pokrov,**** logo ali, na esquina... esqueci qual é a esquina, esqueci o número também, só sei que é pertinho da Pokrov...

— Eu vou achar!

— Será muito bem-vindo.

E ele já estava saindo pela escada.

— Espere aí! — gritou Veltchanínov, de novo. — O senhor não vai escapulir?

— Mas como assim “escapulir”? — Pável Pávlovitch arregalou os olhos, virando-se e sorrindo, do terceiro degrau.

Em lugar de uma resposta, Veltchanínov bateu a porta com estrondo, trancou meticulosamente a fechadura e enfiou o gancho na trava. Ao voltar para o quarto, cuspiu, como se tivesse se emporcalhado com alguma coisa.

Depois de ficar mais ou menos cinco minutos imóvel no meio do quarto, jogou-se na cama, sem despir-se, e num instante pegou no sono. A vela esquecida sobre a mesa queimou até o fim.

* Francês: velhaco.

** O grande escritor russo Ivan Turguêniev (1818-83).

*** Personagem de *A provinciana*, o marido do triângulo amoroso.

**** Refere-se à praça Pokrov, hoje praça Turguêniev.

A ESPOSA, O MARIDO E O AMANTE

Dormiu profundamente e acordou às nove e meia em ponto; num instante levantou, se pôs sentado na cama e logo começou a pensar na morte “daquela mulher”.

A sensação estarrecedora da véspera, em face da notícia repentina daquela morte, deixou nele uma espécie de perturbação e até de dor. Perturbação e dor ficaram apenas abafadas, por um tempo, dentro dele, por força de uma ideia estranha, durante a visita de Pável Pávlovitch. Mas agora, ao despertar, tudo que havia acontecido nove anos antes ressurgiu, de súbito, na sua frente, com nitidez extraordinária.

Ele amou aquela mulher, a falecida Natália Vassílievna, esposa “daquele Trussótski”, e foi seu amante, quando, por causa de um assunto particular (também se tratava de um processo em torno de uma herança), ele permaneceu em T. durante um ano inteiro — embora o assunto particular não exigisse sua presença por prazo tão longo; o verdadeiro motivo foi a relação com ela. A relação e o amor o dominaram a tal ponto que Veltchanínov se tornou uma espécie de escravo de Natália Vassílievna e, com certeza, se aventuraria a fazer qualquer coisa, sem hesitar, por mais insensato e monstruoso que fosse, se assim o exigisse o mais ínfimo capricho daquela mulher. Nunca, nem antes nem depois, aconteceu com ele nada parecido. No fim do ano, quando a separação já era inevitável, Veltchanínov se encontrava em tamanho desespero com a aproximação do prazo fatal — em desespero, apesar de terem planejado uma separação por tempo muito curto — que chegou a propor a Natália Vassílievna raptá-la, tomá-la do marido, abandonarem tudo e fugirem juntos para o exterior, para sempre. Só as ironias e a firme resistência daquela dama (que, de início, aprovou plenamente o projeto, mas na certa só por desenfado ou para se divertir) conseguiram deter Veltchanínov e obrigá-lo a partir sozinho. E então? Não passaram nem dois meses da separação e ele, em Petersburgo, já se fazia a pergunta que sempre ficou sem resposta: será que amava de fato aquela mulher, ou tudo não passara de uma “ilusão”? E não foi, de forma nenhuma, por levandade nem por efeito de alguma nova paixão que acaso ele começasse a sentir, que aquela pergunta nasceu dentro dele: nos primeiros dois meses em Petersburgo, ele viveu numa espécie de delírio, e é duvidoso que tenha sequer reparado em qualquer mulher, embora tenha se unido imediatamente à mesma sociedade de antes e pudesse ver centenas de mulheres. De resto, sabia muito bem que, assim que pusesse os pés de novo em T., cairia outra vez sob o encantamento opressivo daquela mulher, apesar de todas as perguntas que não paravam de se formar. Até cinco anos depois, Veltchanínov ainda estava convencido disso. Porém, passados cinco anos, já era com indignação que admitia aquilo para si mesmo e recordava “aquela mulher” com ódio. Tinha vergonha do seu ano em T.; não

conseguia entender sequer como fora possível para ele, Veltchanínov, uma paixão tão “estúpida”! Todas as recordações daquela paixão se convertiam num vexame, para ele; ficava vermelho, chegava às lágrimas, se torturava de remorsos. Na verdade, corridos mais alguns anos, ele conseguiu se acalmar e tentou esquecer tudo aquilo — e quase conseguiu. E então, de repente, passados nove anos, tudo aquilo ressuscitou à sua frente, de forma estranha e repentina, após a notícia da véspera sobre a morte de Natália Vassílievna.

Agora, sentado na cama, com pensamentos confusos que se aglomeravam em desordem na sua cabeça, Veltchanínov sentia e reconhecia com clareza só uma coisa: que, apesar de toda a “sensação estarecedora” da véspera, por causa daquela notícia, mesmo assim ele estava muito tranquilo com relação ao fato de ela ter morrido. “Será que eu nem sinto pena dela?”, se perguntava. Na verdade, Veltchanínov agora já não sentia ódio dela e podia julgá-la de maneira desapaixonada, justa. Em sua opinião, formada, aliás, já fazia bastante tempo, naqueles nove anos de separação, Natália Vassílievna pertencia à categoria das damas provincianas mais comuns, da “boa” sociedade de província e, “quem sabe, pode até ser que eu tenha apenas criado toda essa fantasia em torno dela”. Entretanto, sempre desconfiava que pudesse haver algum engano nessa opinião; também estava sentindo isso agora. Mas os fatos o desmentiram; aquele tal de Bagaútov também esteve ligado a ela por alguns anos e, parece, também esteve “sob o encantamento”. Bagaútov, de fato, era um jovem da melhor sociedade de Petersburgo e, como era um “homem vazio demais” (Veltchanínov falava dele assim), poderia, portanto, fazer carreira só e apenas em Petersburgo. No entanto, menosprezou Petersburgo, ou seja, sua vantagem mais importante, e perdeu cinco anos em T. unicamente por causa daquela mulher! Sim, e no final voltou para Petersburgo talvez só porque também fora descartado, como “um sapato velho e surrado”. Quer dizer, havia mesmo naquela mulher algo de extraordinário — o dom de seduzir, escravizar e dominar!

Todavia, ela dava a impressão de que nem tinha meios para seduzir e escravizar: “no fundo, nem chegava a ser tão bonita; talvez até nem fosse nada bonita”. Veltchanínov a conheceu já com vinte e oito anos. Seu rosto nem um pouco belo às vezes podia se animar de forma agradável, mas os olhos não eram bonitos: havia uma espécie de dureza excessiva em seu olhar. Era muito magra. Sua formação intelectual era fraca; a inteligência era indiscutível e penetrante, mas quase sempre unilateral. Maneiras de uma senhora mundana da província e, ao mesmo tempo, na verdade, muito tato; gosto refinado, mas principalmente no modo de vestir. Personalidade decidida e dominadora; com ela não podia de jeito nenhum haver uma conciliação pela metade: “ou tudo ou nada”. Em questões embaraçosas, firmeza e resistência admiráveis. O dom da generosidade e, quase sempre, a par disso, uma injustiça desmedida. Discutir com aquela senhora era impossível: para ela, “dois vezes dois são quatro” não significava nada. Nunca, de maneira nenhuma, se considerava injusta ou culpada. As constantes e inumeráveis traições ao marido não lhe pesavam nem um pouco na consciência. Na comparação feita pelo próprio Veltchanínov, ela era como a “Nossa Senhora dos *khlísti*”,* que acredita, no grau mais elevado, ser ela mesma, de fato, a Virgem Maria — e Natália Vassílievna acreditava, também no grau mais elevado, em todas as suas ações. Era fiel ao amante — no entanto, só enquanto não se cansava dele. Adorava atormentar o amante, mas também adorava recompensá-lo. Era do tipo apaixonado, cruel e sensual. Odiava a devassidão, condenava a devassidão com uma sanha inacreditável — e ela mesma era devassa. Nenhum fato era capaz de levá-la a tomar consciência da própria devassidão. “Na certa, é com sinceridade que ela ignora isso”, pensava Veltchanínov ainda em T. (Observemos, por sinal, que ele próprio participava da devassidão de Natália

Vassílievna.) “Trata-se de uma dessas mulheres”, pensava ele, “que parecem ter nascido para isso, para serem esposas infiéis. Tais mulheres nunca perdem a virgindade quando solteiras; é uma lei da sua natureza: para isso, é indispensável que se casem. O marido é o primeiro amante, mas apenas depois do matrimônio. Para casar, ninguém é mais hábil e ligeiro do que elas. O primeiro amante é sempre por culpa do marido. E tudo se passa no nível de sinceridade mais elevado; sentem-se, até o fim, justas e, está claro, perfeitamente inocentes, no nível mais elevado.”

Veltchanínov estava convencido de que existe, de fato, esse tipo de mulher; em compensação, estava convencido de que existe também um tipo de marido correspondente a essas mulheres, maridos cuja única função consiste em corresponder a esse tipo de esposa. Em sua opinião, a essência de tais maridos consiste em serem na vida, digamos assim, “eternos maridos”, ou melhor, *apenas* maridos e mais nada. “Esse homem nasce e se desenvolve unicamente para casar e, uma vez casado, se converte depressa num acessório da esposa, mesmo no caso de ter uma personalidade própria e incontestável. O sinal mais importante desse marido é um conhecido ornamento. Ele não pode deixar de ter chifres, assim como o sol não pode deixar de brilhar; porém ele não só jamais sabe disso como nunca é capaz sequer de descobrir nada, por força das próprias leis da natureza.” Veltchanínov acreditava a fundo que esses dois tipos existiam e que, em T., Pável Pávlovitch Trussótski era o representante perfeito de um deles. O Pável Pávlovitch da véspera, está claro, não era aquele Pável Pávlovitch que ele tinha conhecido em T. Veltchanínov achou que o homem estava bastante mudado, mas sabia que não podia mesmo deixar de mudar e que tudo era perfeitamente natural; o cavalheiro Trussótski só podia ter sido tudo o que foi antes, enquanto a esposa estava viva, mas agora ele era apenas a parte subtraída de um todo, de repente solta, a esmo, ou seja, algo espantoso e que não se parecia com mais nada.

No que dizia respeito ao Pável Pávlovitch de T., eis o que Veltchanínov havia guardado na memória e, agora, trazia à lembrança:

“Claro, o Pável Pávlovitch de T. era apenas o marido”, e mais nada. Se, por exemplo, além disso, fosse um funcionário público, ele o seria apenas porque o trabalho se convertia, por assim dizer, num de seus deveres conjugais; ele trabalhava pelo bem da esposa e de sua posição social em T., embora fosse, no fundo, um funcionário absolutamente zeloso. Na ocasião, ele tinha trinta e cinco anos e possuía algum patrimônio, que não era pequeno, aliás. No trabalho, não revelava talentos especiais, mas tampouco revelava incompetência. Tinha boas relações com todos que pertenciam à mais alta sociedade da província e era bem recebido em toda parte. A Natália Vassílievna de T. era bastante respeitada; no entanto, ela nem dava muito valor a isso, aceitava como algo merecido, mas em sua casa sabia sempre receber muito bem as visitas, e nisso Pável Pávlovitch era tão bem treinado por ela que era capaz de exibir maneiras de nobreza quando recebia as mais importantes autoridades da província. Pode ser (é o que parecia a Veltchanínov) que ele também tivesse inteligência; porém, como Natália Vassílievna não gostava de que o marido falasse muito, era impossível distinguir sua inteligência. Pode ser que tivesse muitas boas qualidades inatas, tantas quantas eram as más. Porém as boas qualidades ficavam como que debaixo de uma capa, e as intenções ruins eram sufocadas quase por completo. Veltchanínov lembrou, por exemplo, que às vezes surgia, no sr. Trussótski, alguma intenção de zombar de pessoas próximas; só que para ele isso era rigorosamente proibido. Às vezes também gostava de contar alguma história; mas também, nesse caso, era mantido sob vigilância: só lhe era permitido contar uma história muito curta e bem insignificante. Era propenso a buscar um

círculo de amizades fora de casa e até a beber com os amigos; mas essa última tendência foi cortada pela raiz. Quanto a isso, há um detalhe: à primeira vista, ninguém poderia dizer que aquele marido vivia sob o jugo da esposa; Natália Vassílievna parecia uma esposa perfeitamente dócil e talvez até ela mesma estivesse convencida de que era assim, de fato. Pode ser que Pável Pávlovitch amasse a esposa loucamente; mas ninguém conseguia perceber isso, chegava a ser algo impossível, com certeza também em virtude de algum preceito doméstico estabelecido pela própria Natália Vassílievna. Algumas vezes, durante sua vida em T., Veltchanínov se perguntava: será que o marido desconfiava, por pouco que fosse, de que ele tinha uma relação com a esposa? Algumas vezes, Veltchanínov indagava Natália Vassílievna a sério sobre o assunto e sempre recebia a mesma resposta, dita com certa irritação: que o marido não sabia nada, nunca poderia saber, e que “tudo o que está acontecendo não é da conta dele”. E eis mais um detalhe relativo a ela: nunca zombava de Pável Pávlovitch e não achava, de maneira nenhuma, que ele fosse ridículo nem muito feio, e até intercederia em favor do marido caso alguém se atrevesse a mostrar algum desrespeito por ele. Como não tinha filhos, precisava se converter, naturalmente e acima de tudo, numa dama da sociedade; porém seu lar também lhe era indispensável. Os prazeres mundanos nunca reinaram por completo sobre Natália Vassílievna, e ela gostava muito de se dedicar aos afazeres domésticos e aos trabalhos manuais. Pável Pávlovitch, na véspera, tinha recordado suas leituras em família, em T., ao entardecer: Veltchanínov lia, Pável Pávlovitch também; para surpresa de Veltchanínov, ele sabia ler bem em voz alta. Nessas ocasiões, Natália Vassílievna bordava e sempre escutava a leitura de forma tranquila e comedida. Liam romances de Dickens, alguma coisa das revistas russas e às vezes algo “sério”. Natália Vassílievna tinha em alta conta a cultura de Veltchanínov, mas em silêncio, como se fosse uma questão decidida e encerrada, sobre a qual não se podia dizer mais nada; em geral, no que se referia a questões livrescas e de ciência, se mostrava indiferente, como algo de todo alheio a ela, ainda que talvez pudesse ter sua utilidade; já Pável Pávlovitch, às vezes, tratava o assunto com fervor.

A relação em T. se desfez de súbito, depois de atingir em Veltchanínov o ponto culminante e chegar quase à loucura. De uma hora para outra, ele foi simplesmente expulso, se bem que tudo foi organizado de tal modo que ele partiu sem ter a menor noção de que já havia sido descartado “como um sapato velho e surrado”. Lá em T., um mês e meio antes de sua partida, apareceu um jovem oficialzinho de artilharia que acabara de se formar na escola de cadetes e adquirira o costume de visitar os Trussótski; em lugar de três, tornaram-se quatro. Natália Vassílievna recebeu o menino de boa vontade, mas o tratava como um menino. Nem de longe passou pela cabeça de Veltchanínov que houvesse alguma coisa, e assim continuou até o dia mesmo em que, de repente, lhe avisaram que era necessária a separação. Uma das centenas de razões apresentadas por Natália Vassílievna para sua partida indispensável e urgente foi a impressão de que estava grávida; por isso, naturalmente, ele precisava esconder-se logo, a todo custo, por três ou quatro meses, para que, nove meses depois, fosse mais difícil o marido desconfiar de alguma coisa, se mais tarde surgisse alguma calúnia. O argumento era bastante forçado. Depois de uma proposta turbulenta de partir para Paris ou para a América, Veltchanínov partiu sozinho para Petersburgo, “sem dúvida só por um tempinho”, ou seja, por não mais de três meses, do contrário ele nem iria, de jeito nenhum, a despeito de quaisquer motivos ou argumentos. Em Petersburgo, exatos dois meses depois, recebeu uma carta de Natália Vassílievna em que pedia para não voltar nunca mais, porque ela já estava amando outro; quanto à gravidez, informava que havia se enganado. A informação de seu engano era supérflua, tudo já estava claro para ele: lembrou-se do oficialzinho. Com isso, o caso terminou

para sempre. Mais tarde, de algum modo, já passados alguns anos, ele soube que Bagaútov tinha aparecido por lá e havia permanecido cinco anos inteiros. A duração tão desmedida daquela relação tinha, para ele, a explicação de que Natália Vassílievna, entre outros motivos, estava bem mais velha, na verdade, e por isso se tornara mais apegada.

Veltchanínov ficou quase uma hora sentado na cama; por fim, se refez, chamou Marfa com o café, bebeu depressa, vestiu-se e, às onze horas em ponto, dirigiu-se para a praça Pokrov, em busca do hotel Pokróvskaja. Quanto ao próprio hotel Pokróvskaja, já se formara nele, de manhã, uma impressão especial. Aliás, ele sentia até certa vergonha da maneira como havia tratado Pável Pávlovitch no dia anterior, e agora era preciso resolver isso.

Toda a fantasmagoria da véspera com a fechadura da porta, ele a explicava por um acaso, pela aparente embriaguez de Pável Pávlovitch e, talvez, por outra razão qualquer, mas, no fundo, não sabia exatamente para que ia estabelecer novas relações com aquele antigo marido, logo agora, quando tudo entre ambos estava encerrado, de forma tão natural. Alguma coisa o atraía; havia ali uma espécie de impressão especial, e era por causa dessa impressão que ele se sentia atraído...

* Ou flagelantes. Antiga corrente religiosa russa, independente da Igreja oficial. Segundo sua crença, Jesus, Nossa Senhora e o Espírito Santo podem se manifestar e encarnar nas pessoas.

Pável Pávlovitch nem pensava em “escapular”, e só Deus sabe por que Veltchanínov tinha feito aquela pergunta, no dia anterior; na certa, o próprio Veltchanínov estava sem noção do que dizia. À primeira pergunta que fez numa vendinha junto à praça Pokrov logo apontaram para o hotel Pokróvskaja, a dois passos, numa travessa. No hotel, explicaram que o cavaleiro Trussótski “se encontrava” agora ali no pátio, na ala dos fundos, na pensão de Mária Sissóievna. Ao subir pela escada de pedra, estreita, alagada e muito suja que levava ao segundo andar, onde ficavam aqueles aposentos, de repente Veltchanínov ouviu um choro. Parecia ser uma criança de sete ou oito anos que chorava; era um choro pesado, ouviam-se soluços entrecortados e, ao mesmo tempo, batidas de pés no chão, além de gritos furiosos e como que abafados, numa espécie de falsete rouco, porém de uma pessoa já adulta. Esse adulto parecia querer silenciar a criança e tinha a forte intenção de que não a ouvissem chorar, só que fazia mais barulho do que o próprio choro. Os gritos soavam sem piedade, e a criança parecia exatamente estar pedindo perdão. Ao avançar pelo pequeno corredor, que tinha duas portas de cada lado, Veltchanínov topou com uma mulher muito gorda e robusta, despenteada, como quem está bem à vontade em sua casa, e perguntou-lhe se conhecia Pável Pávlovitch. Ela cravou o dedo na porta por trás da qual se ouvia o choro. O rosto gordo e avermelhado da mulher de quarenta anos mostrou certa indignação.

— Olhe só, ele ainda acha graça! — falou com voz grossa e baixa e seguiu para a escada. Veltchanínov fez menção de bater, mas pensou melhor e abriu de uma vez a porta de Pável Pávlovitch. No meio do aposento pequeno, mobiliado de modo rústico, mas abundante, com móveis modestos e pintados, estava Pável Pávlovitch, de pé, vestido parcialmente, sem sobrecasaca e sem colete, de cara vermelha e irritada, e tentava silenciar com gritos, gestos e talvez (assim pareceu a Veltchanínov) também pontapés uma menina pequena, de uns oito anos, pobremente vestida, embora à maneira de uma senhorita, num vestidinho preto e curto de lã. Parecia um verdadeiro ataque histérico, ela soluçava e estendia as mãos na direção de Pável Pávlovitch, como se quisesse segurá-lo, abraçá-lo, pedir e implorar alguma coisa. Num instante, tudo mudou: ao ver a visita, a menina deu um grito e disparou para um minúsculo quarto contíguo, enquanto Pável Pávlovitch, desconcertado por um momento, na mesma hora se desmanchou todo num sorriso, igualzinho ao dia anterior, quando Veltchanínov abriu a porta para ele, de repente, na escada.

— Aleksei Ivánovitch! — exclamou com franca surpresa. — Eu não podia esperar, de maneira nenhuma... mas venha cá, venha cá! Olhe, aqui, no sofá, ou ali, na poltrona, e eu... — E tratou

logo de vestir a sobrecasaca, sem se lembrar de pôr o colete.

— Sem cerimônias, fique como está. — Veltchanínov sentou-se numa cadeira.

— Não, permita-me, senhor, um pouco de cerimônia, sim; olhe, pronto, agora estou mais decente. Mas por que o senhor se sentou no canto? Venha para cá, na poltrona, junto à mesa pelo menos... Puxa, eu não esperava, não esperava!

Sentou-se também na pontinha de uma cadeira de vime, mas não de lado para a visita “inesperada”, e sim com a cadeira virada de quina, a fim de ficar sentado mais de frente para Veltchanínov.

— Mas por que o senhor não estava me esperando? Afinal, ontem mesmo, avisei exatamente que viria aqui à sua casa neste horário, não foi?

— Achei que o senhor não viria; e quando acordei e pensei em tudo o que aconteceu ontem, perdi para sempre toda a esperança de ver o senhor.

Enquanto isso, Veltchanínov olhava em redor. O quarto estava em desordem, a cama desarrumada, a roupa espalhada, copos com restos de café sobre a mesa, migalhas de pão e uma garrafa de champanhe pela metade, sem rolha e com um copo ao lado. Olhou de soslaio para o quarto vizinho, mas lá tudo estava em silêncio; a menina havia se escondido e sossegado.

— Será possível que o senhor está bebendo a esta hora? — Veltchanínov apontou para o champanhe.

— Umas sobras... — Pável Pávlovitch ficou embaraçado.

— Puxa, como o senhor está mudado!

— Maus hábitos, assim, de repente, meu senhor. Juro, foi desde aquela data; não estou mentindo! Não consigo me segurar. Agora, não se preocupe, Aleksei Ivánovitch, não estou embriagado e não vou ficar falando bobagens como ontem, na casa do senhor, mas lhe digo com segurança: tudo começou naquela data! Mas se, há meio ano, alguém me dissesse que, de repente, eu ia me arruinar tanto como agora, se alguém me mostrasse, então, minha própria imagem num espelho, eu não ia acreditar!

— Portanto, ontem o senhor estava mesmo embriagado?

— Estava, sim — confessou Pável Pávlovitch a meia-voz, baixando os olhos, embaraçado. — E veja só: não é que eu estivesse embriagado naquela hora, ali já tinha passado um tempo. O que eu quero explicar é isto, que depois eu fico pior ainda: já estou só um pouco embriagado, mas permanece uma espécie de crueldade e de loucura, e também sinto uma angústia mais forte. Na certa, é por causa da angústia que eu bebo. Aí, sou capaz de dizer coisas muito inconvenientes e até estúpidas e ainda posso ofender alguém. O senhor deve ter me achado muito estranho ontem, não foi?

— Será que o senhor não lembra mais?

— Como não lembro, eu me lembro de tudo...

— Veja, Pável Pávlovitch, foi exatamente dessa forma que pensei e expliquei para mim mesmo — disse Veltchanínov, em tom apaziguador. — Além disso, ontem eu mesmo estava um pouco irritado e... impaciente demais, o que admito de bom grado. Às vezes não me sinto nada bem, e sua chegada inadvertida, de madrugada...

— Sim, de madrugada, de madrugada! — Pável Pávlovitch balançou a cabeça como que espantado, e se culpando. — E como é que fui levado a fazer aquilo? Eu não iria à casa do senhor por nada, se o senhor mesmo não tivesse aberto a porta; eu teria ido embora ali mesmo. Faz uma semana, passei pela casa do senhor, Aleksei Ivánovitch, e o senhor não estava, mas depois talvez eu nunca mais passasse por lá outra vez. Apesar de tudo, também sou um pouquinho

orgulhoso, Aleksei Ivánovitch, se bem que reconheço que me encontro... neste estado de espírito. Nós já nos cruzamos na rua, e eu pensava o tempo todo: puxa, e se ele não me reconhecer, e se ele der as costas para mim, nove anos não são brincadeira... e eu não conseguia tomar coragem para me aproximar. Mas ontem eu vinha me arrastando desde a região de Peterbúrgskaia* e me esqueci das horas. Tudo por causa daquilo (apontou para a garrafa) e também do sentimento. Que estupidez! É demais! Se o senhor não fosse uma pessoa assim como é, porque, afinal, o senhor veio à minha casa mesmo depois do que houve ontem, e lembrando os velhos tempos, eu perderia mesmo toda a esperança de renovar nossa amizade.

Veltchanínov escutava com atenção. O homem parecia falar com sinceridade e até com certa dignidade; entretanto, desde o momento em que pôs os pés no quarto dele, Veltchanínov não estava acreditando em nada.

— Diga, Pável Pávlovitch, quer dizer que o senhor não está sozinho, não é? De quem é essa menina que acabei de ver com o senhor?

Pável Pávlovitch ficou até surpreso e ergueu as sobrancelhas, mas olhou para Veltchanínov de modo franco e simpático.

— Como assim, de quem é a menina? Ora, aquela é a Liza! — explicou, sorrindo amigável.

— Que Liza? — murmurou Veltchanínov e, de repente, algo estremeceu dentro dele. A impressão foi repentina demais. Ainda havia pouco, ao entrar e ver Liza, embora tivesse ficado surpreso, não experimentou nenhum pressentimento definido, nenhuma ideia específica.

— É a nossa Liza, a nossa filha Liza! — sorriu Pável Pávlovitch.

— Filha, como? Então o senhor e Natália... o senhor e a falecida Natália Vassílievna tiveram filhos? — perguntou Veltchanínov, incrédulo e tímido, com a voz muito baixa.

— Sim, como não? Ah, meu Deus, de fato, como é que o senhor poderia saber? Eu tenho cada uma! Foi já depois do senhor que Deus nos concedeu essa bênção!

Pável Pávlovitch chegou a pular da cadeira com uma emoção, aliás, também um tanto agradável.

— Nunca soube disso — respondeu Veltchanínov e... empalideceu.

— De fato, de fato, como é que o senhor poderia saber? — repetiu Pável Pávlovitch, com voz debilitada e suplicante. — Afinal, eu e a falecida tínhamos perdido a esperança, o senhor mesmo há de recordar, e de repente Deus nos abençoou, e o que eu senti naquela ocasião... só Deus é que sabe! Acho que foi exatamente um ano depois do senhor! Ou não, nem completou um ano, faltou pouco, espere: se não me falha a memória, o senhor nos deixou em outubro ou mesmo em novembro, não foi?

— Parti de T. no início de setembro, 12 de setembro: lembro bem...

— Então foi em setembro? Hum... Eu tenho cada uma! — Pável Pávlovitch se mostrou muito surpreso. — Bem, se foi assim, então, deixe-me ver: o senhor partiu no dia 12 de setembro e Liza nasceu no dia 8 de maio, portanto, setembro, outubro, novembro, dezembro, janeiro, fevereiro, março, abril, são oito meses e pouco, isso mesmo! E se o senhor soubesse como a falecida...

— Mostre-me, vamos... mostre-me a menina... — balbuciou Veltchanínov, com voz entrecortada.

— Sem dúvida! — concordou Pável Pávlovitch com presteza, interrompendo no mesmo instante o que pretendia dizer, como se fosse algo completamente desnecessário. — Vou apresentá-la ao senhor agora mesmo! — E seguiu afoito para o quarto onde estava Liza.

Passaram, talvez, uns bons três ou quatro minutos, no quatinho sussurravam de forma breve e rápida e mal se ouviam os sons da voz de Liza; “ela está pedindo para não vir para cá”, pensou

Veltchanínov. Enfim, saíram.

— Pronto, aqui está, é muito acanhada — disse Pável Pávlovitch. — É tão envergonhada, orgulhosa... igualzinha à falecida!

Liza apareceu já sem lágrimas, olhos abaixados; o pai a conduzia pela mão. Era uma menina espigada, magrinha e muito bonita. Ergueu depressa os olhos azuis para o visitante, com curiosidade, mas olhou ligeiro para ele, com ar triste, e logo voltou a baixar os olhos. Em seu olhar, havia aquela seriedade infantil que se manifesta quando as crianças se encontram a sós com um desconhecido, se afastam para um canto e, de lá, com ar sério e desconfiado, ficam espiando aquela visita nova, a quem nunca viram; mas talvez houvesse também outro pensamento, que já não era infantil — assim pareceu a Veltchanínov. O pai a trouxe até bem perto dele.

— Olhe, esse tiozinho conheceu a mamãe, era nosso amigo, não fique acanhada, vamos, estenda a mão.

A menina inclinou-se de leve e, tímida, estendeu a mão.

— A nossa Natália Vassílievna não queria ensiná-la a cumprimentar com uma reverência, mas sim à maneira inglesa, inclinando-se de leve e estendendo a mão para a visita — acrescentou o pai para Veltchanínov, em explicação, enquanto o observava atentamente.

Veltchanínov sabia que ele estava observando, mas já não se dava ao trabalho de esconder sua perturbação; sentado na cadeira, Veltchanínov não se mexia, segurava a mão de Liza na sua mão e encarava a criança com o olhar fixo. Mas Liza estava muito preocupada com alguma coisa e, esquecendo que sua mão estava na mão da visita, não desviava os olhos do pai. Intimidada, escutava tudo que ele dizia. Veltchanínov reconheceu de imediato aqueles olhos grandes e azuis, porém o que mais o impressionou foi a brancura do rosto, espantosa e extraordinariamente meiga, e a cor do cabelo; para ele, eram traços da máxima relevância. O contorno do rosto e a textura dos lábios, ao contrário, traziam bruscamente à memória a figura de Natália Vassílievna. Entretanto, já fazia tempo que Pável Pávlovitch tinha começado a contar alguma coisa, ao que parecia, com extraordinário ardor e emoção, mas Veltchanínov não lhe dava ouvidos. Só captou a última frase:

— ... portanto, o senhor, Aleksei Ivánovitch, não pode nem imaginar nossa alegria com essa dádiva de Deus! Para mim, a chegada dela representava tudo, de tal modo que, se pela vontade de Deus minha serena felicidade desaparecesse, eu pensava, ainda vai me restar a Liza; pelo menos isso eu sabia com firmeza, meu senhor!

— E Natália Vassílievna? — perguntou Veltchanínov.

— Natália Vassílievna? — Pável Pávlovitch torceu o nariz. — Ora, o senhor a conheceu, se lembra, ela não gostava de expressar seus sentimentos; em compensação, como se despediu da menina em seu leito de morte... ali deu vazão a todo o seu sentimento! E veja como acabei de dizer ao senhor “no leito de morte”; entretanto, um dia antes de morrer, de repente, ela se aborreceu, se zangou: disse que queriam entupi-la de remédios, que tinha uma simples febre e que nossos dois médicos não entendiam nada e que, assim que Koch voltasse (lembra, aquele nosso médico militar, um velhinho), ela sairia da cama em dois dias! E, veja só, apenas cinco horas antes de expirar, lembrou-se de que dali a três semanas era o aniversário de uma tia, a madrinha de Liza, e de que era preciso, sem falta, lhe fazer uma visita...

De repente, Veltchanínov se levantou da cadeira, ainda sem soltar a mãozinha de Liza. Nesse meio-tempo, teve a impressão de que, no olhar ardente da menina, cravado no pai, havia uma espécie de censura.

— Ela não está doente? — perguntou afobado, de modo estranho.

— Parece que não, meu senhor, mas... veja as circunstâncias em que nos encontramos, aqui — explicou Pável Pávlovitch, com amarga preocupação. — É uma criança estranha, sem falar que é nervosa; depois da morte da mãe, ficou duas semanas doente, histérica, meu senhor. Agora mesmo, quando o senhor entrou, estava numa choradeira... está ouvindo, Liza, está ouvindo? E quer saber por quê? Tudo porque eu saí e a deixei sozinha, quer dizer, ela diz que eu não gosto mais dela tanto quanto gostava quando a mãe estava viva... veja só de que ela está me acusando. Veja só que fantasia se mete na cabeça de uma criança que ainda devia estar às voltas com suas brincadeiras. Mas, também, aqui ela não tem com quem brincar.

— Portanto, vocês... quer dizer que os dois estão aqui sozinhos?

— Totalmente sozinhos; a não ser por uma criada, que vem uma vez por dia.

— E quando o senhor sai, ela fica assim sozinha?

— De que outro modo poderia ser? Ontem saí e a deixei até trancada, olhe, naquele quarto, e foi por isso que hoje tivemos essas lágrimas. Mas, afinal, o que é que eu podia fazer, julgue o senhor mesmo: anteontem, ela desceu sozinha, sem mim, e um menino jogou uma pedra na sua cabeça. Ou então ela começa a chorar, corre para fora e pergunta para todo mundo para onde eu fui. Ora, isso não tem graça, meu senhor. Mas eu também não sou fácil: saio para voltar em uma hora e só volto no dia seguinte, de manhã, como acabou acontecendo ontem. Por sorte, na minha ausência, a dona da pensão abriu a porta para ela, chamou o serralheiro para abrir a fechadura... chega a ser uma vergonha. Eu me sinto de verdade um monstro. Tudo por causa da cabeça perturbada...

— Paizinho! — gritou a menina, assustada e inquieta.

— Pronto, olhe só, de novo! De novo, e sem nenhum motivo! O que foi que eu falei?

— Não vou fazer mais, não vou — repetiu Liza, apressada, com medo, as mãos cruzadas, na frente dele.

— Vocês não podem continuar assim, nesta situação — disse de súbito Veltchanínov, impaciente, com uma voz que tinha autoridade. — O senhor, afinal... o senhor, afinal, é um homem de posses; como é que o senhor está assim... em primeiro lugar, nesta ala de fundos, e em tal situação?

— Na ala de fundos? Mas daqui a uma semana, talvez, já iremos embora, e mesmo assim já estamos gastando muito dinheiro, apesar de eu ser uma pessoa de posses...

— Está bem, chega, chega — cortou Veltchanínov, com impaciência cada vez maior, como se dissesse explicitamente: “Não adianta falar, já sei tudo o que o senhor vai dizer e sei também com que intenção está dizendo!” — Escute, vou lhe fazer uma proposta: o senhor disse agora que vai ficar aqui uma semana, talvez, quem sabe, até duas. Tenho uma casa, aqui, quer dizer, é a residência de uma família onde me sinto em casa, como se fosse um parente, e já é assim faz vinte anos. É a família Pogoriéltsev. Aleksandr Pávlovitch Pogoriéltsev, conselheiro secreto,** talvez ele possa até ajudar o senhor no seu processo. Agora eles estão fora, no campo. Eles têm uma casa de campo magnífica. Klávdia Petrovna Pogoriéltseva é como uma irmã, uma mãe, para mim. Têm oito filhos. Deixe que eu leve a Liza para a casa deles... eu cuido disso, para não perder tempo. Vão recebê-la com alegria durante todo esse tempo, vão lhe dar carinho como se fosse uma filha, uma filha deles!

Veltchanínov estava numa impaciência horrível e não escondia isso.

— Mas é impossível, nem sei como — respondeu Pável Pávlovitch, com uma careta e um ar astuto, assim pareceu a Veltchanínov, enquanto mirava seus olhos.

— Por quê? Impossível por quê?

— Mas como assim deixar uma criança dessa maneira, e de uma hora para outra... admito, vindo de um bom amigo, sincero como o senhor, quanto a isso eu não tenho o que dizer, mas, mesmo assim, trata-se de uma casa desconhecida, e ainda por cima da alta sociedade, onde eu não sei como vão receber.

— Mas eu já lhe disse que, para eles, eu sou como uma pessoa da família — gritou Veltchanínov, quase furioso. — Klávdia Petrovna vai recebê-la com felicidade, basta uma palavra minha. Como se fosse minha filha... que o diabo o carregue, afinal, o senhor sabe muito bem que está só jogando conversa fora... para que ficar aqui falando?

Chegou a bater os pés no chão.

— Eu, na verdade, não sei; não será uma coisa muito estranha, afinal? Apesar de tudo, lá uma vez ou outra, eu também vou ter de visitar a menina, porque, afinal de contas, sem o pai, como é possível, não é? He-he-he... e ainda mais numa casa de gente tão importante.

— Mas se trata de uma casa simplíssima, nada tem de “importante”! — berrou Veltchanínov. — Estou dizendo ao senhor, há muitas crianças lá. Ela vai renascer nessa casa, tem tudo para isso... Amanhã mesmo vou apresentar o senhor para eles, se quiser. É até indispensável que o senhor vá agradecer; iremos lá todos os dias, se quiser...

— Apesar de tudo, meu senhor, não sei...

— Que disparate! Ainda mais porque o senhor mesmo sabe que é um disparate! Escute, vá à minha casa no fim do dia e passe a noite comigo, poderemos, talvez, partir juntos de manhã, para chegarmos lá ao meio-dia.

— O senhor é o meu benfeitor! Até pernoitar na sua casa... — aceitou com emoção Pável Pávlovitch, de repente. — Está concedendo uma verdadeira bênção... e onde fica a casa de campo deles?

— Fica em Liesnói.

— Mas olhe só para a roupa dela. Porque, numa casa tão fina, ainda mais uma casa de campo, o senhor bem sabe... É o coração de um pai!

— O que tem a roupa dela? Está de luto. Por acaso poderia usar outra roupa? É o modo de vestir mais decente que se pode imaginar! Só que era bom ter uma roupa de baixo mais limpa, e um lençinho... (O lençinho de cabeça e a roupa branca que aparecia estavam, de fato, imundos.)

— Vamos trocar já, nem se discute — apressou-se Pável Pávlovitch. — E logo vamos arranjar também outras roupas brancas necessárias; Mária Sissóievna está lavando.

— Então é melhor mandar chamar um coche — cortou Veltchanínov. — E depressa, se possível.

Mas surgiu um obstáculo: Liza se opôs com firmeza, estava escutando o tempo todo, com medo, e se Veltchanínov, enquanto tentava convencer Pável Pávlovitch, tivesse tempo de observar a menina com atenção, veria em seu rostinho o mais completo desespero.

— Não vou — disse ela, em voz firme e baixa.

— Olhe só, está vendo? Igualzinha à mamãe!

— Não sou igualzinha à mamãe, não sou igualzinha à mamãe! — gritou Liza, torcendo as mãos miúdas em desespero, parecendo que se defendia diante do pai contra a terrível acusação de ser igual à mãe. — Papai, papai, se o senhor me largar...

De repente, ela se jogou sobre o apavorado Veltchanínov.

— Se o senhor me levar, eu...

Mas não conseguiu dizer mais nada; Pável Pávlovitch agarrou-a pelo braço, quase a puxou pelo pescoço, e com uma exasperação que já não mais disfarçava, arrastou-a para o quarto pequeno.

Lá, de novo, por alguns minutos, soaram sussurros, ouviu-se um choro sufocado. Veltchanínov teve vontade de ir até lá, mas Pável Pávlovitch veio a seu encontro e, com um sorriso retorcido, informou que ela já vinha também. Veltchanínov tentava não olhar para ele, se virava para o lado.

Surgiu também Mária Sissóievna, a mesma mulher que ele havia encontrado no corredor ao chegar, pouco antes, e começou a colocar dentro de uma bolsa pequena e bonita as roupas brancas de Liza que ela havia trazido.

— Quer dizer que o senhor, paizinho, vai levar a menina? — perguntou para Veltchanínov. — Por acaso o senhor é da família? É uma coisa boa que está fazendo, paizinho: é uma criança meiga, o senhor vai livrar a menina desta Sodoma.

— Ora essa, Mária Sissóievna — mal conseguiu balbuciar Pável Pávlovitch.

— Não me venha com essa conversa de Mária Sissóievna! Todo mundo me trata assim.*** Vai dizer que isto aqui não é uma Sodoma? Por acaso é decente para uma criança que já tem noção das coisas ficar aqui vendo uma vergonha como esta? Já chamaram um coche para o senhor, paizinho... vai para Liesnói, não é?

— Sim, sim.

— Muito bem, boa sorte!

Liza entrou, toda palidazinha, olhos baixos, e pegou a bolsa. Nem um único olhar na direção de Veltchanínov; ela se controlou e não se atirou nos braços do pai, como tinha feito pouco antes, nem na hora da despedida; era evidente que não queria sequer olhar para ele. O pai beijou-a na cabecinha com decoro e fez um afago; com isso, ela torceu o labiozinho e seu queixo tremeu, mas mesmo assim não levantou os olhos para o pai. Pável Pávlovitch parecia pálido, e as mãos tremiam — Veltchanínov percebeu aquilo com clareza, embora tentasse, a todo custo, não olhar para ele. Só queria uma coisa: ir embora o mais depressa possível. “Afim de contas, que culpa tenho eu?”, pensava. “É assim que tem de ser.” Desceram, Mária Sissóievna e Liza se beijaram e, assim que sentou no coche, Liza ergueu os olhos para o pai — e de repente levantou as mãos e deu um grito; mais um instante e ela iria se jogar do coche na direção do pai, mas os cavalos se puseram em movimento.

* Posteriormente, Petrográdskaia Storóná: região de São Petersburgo formada por várias ilhas.

** Escalão da hierarquia dos funcionários públicos no Império Russo.

*** O uso do nome seguido do patronímico denota um tratamento respeitoso.

A NOVA FANTASIA DE UM OCIOSO

— Está passando mal? — assustou-se Veltchanínov. — Vou mandar parar o coche, vou mandar trazer água...

Ela ergueu os olhos para ele e fitou-o com ardor e censura.

— Para onde o senhor está me levando? — perguntou com voz incisiva e entrecortada.

— É uma casa linda, Liza. Agora eles estão numa bonita casa de campo; há muitas crianças lá, vão adorar você, são bons... Não fique zangada comigo, Liza, eu quero o seu bem...

Naquele momento, para qualquer de seus conhecidos, ele pareceria um estranho, se um deles pudesse vê-lo.

— Como o senhor... como o senhor... Como o senhor... ah, como o senhor é malvado! — disse Liza, sufocada pelas lágrimas contidas, enquanto os lindos olhos exasperados cintilavam, voltados para ele.

— Liza, eu...

— O senhor é malvado, malvado, malvado! — Ela retorcia as mãos. Veltchanínov se viu inteiramente perdido.

— Liza, querida, se você soubesse que desespero está me causando!

— É mesmo verdade que ele vai lá amanhã? É verdade? — perguntou Liza, em tom imperativo.

— É verdade, é verdade! Eu mesmo vou levá-lo; vou buscá-lo em casa e vou levá-lo.

— Ele vai fugir — murmurou Liza, baixando os olhos para o chão.

— Mas ele não gosta de você, Liza?

— Não gosta.

— Ele machucou você? Machucou?

Liza olhou para Veltchanínov por um instante, com ar sombrio e calada. Virou-se para o outro lado, de novo, e olhou para baixo, com obstinação. Veltchanínov começou a tentar persuadi-la, falou com entusiasmo, estava febril. Liza escutava com desconfiança, hostilidade, mas escutava. Sua atenção o alegrava bastante: ele até começou a explicar o que acontece com uma pessoa que bebe. Disse que ele mesmo gostava dela e que ia também cuidar do pai. Liza, enfim, ergueu olhos e encarou-o fixamente. Veltchanínov começou a contar como tinha conhecido a mãe de Liza e via que suas histórias seduziam a menina. Pouco a pouco, ela passou a responder devagar a suas perguntas, mas cautelosa, por meio de monossílabos, irredutível. Às perguntas principais, no entanto, nada respondeu: teimosa, calava-se quanto a tudo que dizia respeito a suas relações anteriores com o pai. Enquanto falava com a menina, Veltchanínov segurava sua mãozinha na própria mão, como tinha feito pouco antes, e não soltava; Liza não retirou a mão. Aliás, ela não

se mantinha calada o tempo todo; porém só dava respostas vagas, disse que gostava mais do pai que da mãe, porque antigamente ele sempre gostava mais dela e a mãe gostava menos; só que, quando a mãe morreu, ela a beijou muito e chorou, quando todos saíram do quarto e as duas ficaram sozinhas... e que, agora, ela gostava mais da mãe que de qualquer pessoa, mais que do mundo inteiro, e que, a cada noite que passava, ela gostava mais da mãe que de todo mundo. Mas a menina era mesmo orgulhosa: ao se dar conta do que estava dizendo, de repente, se fechou toda, ficou calada; chegou a olhar com ódio para Veltchanínov, que a havia forçado a falar demais. No fim do trajeto, a condição histérica da menina tinha quase cessado, mas ela estava horrivelmente pensativa, com um ar muito arredio, emburrado, uma obstinação soturna e ferrenha. Quanto ao fato de estar sendo levada, agora, para uma casa desconhecida, onde nunca estivera, parecia que aquilo, por enquanto, pouco a incomodava. O que a atormentava era outra coisa, Veltchanínov percebia; ele adivinhava que a menina estava com vergonha *dele*, estava com vergonha justamente do fato de o pai ter permitido com tanta facilidade que ela fosse embora com Veltchanínov, como se o pai a tivesse jogado nos braços dele.

“Ela está doente”, pensou Veltchanínov. “Talvez muito doente; foi maltratada... Ah, criatura bêbada e infame! Agora eu o compreendo!” Mandou o cocheiro ir mais depressa; punha suas esperanças na casa de campo, no ar livre, no jardim, nas crianças, na vida nova e desconhecida para ela, e lá, depois... Disso, porém, ou seja, do que viria depois, ele já não tinha mais nenhuma dúvida; lá, suas esperanças eram fartas e radiosas. Só uma coisa ele sabia com segurança: que nunca havia experimentado o que estava sentindo agora e que aquilo havia de permanecer com ele por toda a vida! “Aí está qual é o objetivo da vida!”, pensou entusiasmado.

Agora, muitos pensamentos passavam depressa pela sua cabeça, mas Veltchanínov não se detinha em nenhum e, com tenacidade, se esquivava dos pormenores: sem os pormenores, tudo se tornava claro, tudo era indestrutível. Seu plano principal se formou por si só: “Com esforço, vai ser possível influenciar aquele patife”, devaneava. “Assim, ele vai deixar Liza em Petersburgo, com os Pogoriéltsev, ainda que só por um tempo no início, por um prazo curto, e ele vai partir sozinho; Liza vai ficar comigo; isso é tudo, para que mais? E... e, é claro, também é o que ele mesmo deseja; se não, para que faria a menina sofrer?” Enfim, chegaram. A casa de campo dos Pogoriéltsev ficava, de fato, num cantinho maravilhoso; antes de qualquer outra pessoa, quem veio ao encontro deles foi um bando de crianças barulhentas, que se espalharam pela varanda. Já fazia um bom tempo que Veltchanínov não ia lá e a alegria das crianças foi desenfreada: adoravam Veltchanínov. Nem sequer havia descido do coche quando os mais velhos começaram a gritar para ele:

— E o processo, no que deu o seu processo? — Assim repetiam até os menorezinhos, que, entre risos, guinchavam vindo atrás dos mais crescidos. Ali, brincavam muito com ele por causa do tal processo. Porém, ao verem Liza, na mesma hora rodearam a menina e a observaram com uma curiosidade infantil, muda e atenta. Apareceu Klávdia Petrovna e, logo atrás, o marido. Rindo e, antes de dizer mais nada, ela e o marido logo começaram também a perguntar sobre o processo.

Klávdia Petrovna era uma dama de uns trinta e sete anos, morena, cheia de corpo, ainda bonita, de rosto fresco e rosado. O marido tinha uns cinquenta e cinco anos, homem inteligente e astuto, mas, acima de tudo, um bom sujeito. Para Veltchanínov, sua casa era, no sentido pleno da expressão, um “recanto de família”, como ele mesmo dizia. Mas nisso também se ocultava uma circunstância especial: mais ou menos vinte anos antes, por muito pouco Klávdia Petrovna não se casou com Veltchanínov, na época ainda quase um menino, um estudante universitário.

Foi seu primeiro amor, ardente, ridículo e belo. No entanto, ela acabou casando com Pogoriéltsev. Uns cinco anos depois, encontraram-se de novo e tudo terminou numa amizade serena e radiosa. Nas relações dos dois, perdurou para sempre uma espécie de calor, uma luz diferente que iluminava aquelas mesmas relações. Nas lembranças de Veltchanínov, tudo aquilo era puro e imaculado e, para ele, era ainda mais precioso por ser, talvez, a única coisa assim em seu passado. Naquela família, ele era simples, inocente, bondoso, carinhoso com as crianças, nunca se fazia de rogado, admitia tudo e confessava tudo. Jurava muitas vezes aos Pogoriéltsev que viveria só mais um tempo em sociedade e depois se mudaria de vez para a casa deles, passaria a morar com eles e, então, não iriam mais se separar. No íntimo, pensava nessa intenção com toda a seriedade.

Explicou para eles com bastante minúcia tudo o que era necessário saber sobre Liza; mas bastaria um pedido seu, sem nenhuma explicação especial. Klávdia Petrovna cobriu a “órfã” de beijos e prometeu fazer tudo o que pudesse. As crianças pegaram Liza e a levaram para brincar no jardim. Depois de meia hora de conversa animada, Veltchanínov levantou-se e começou a se despedir. Tamanha era sua impaciência que todos perceberam. Ficaram bastante surpresos: fazia três semanas que não vinha e, agora, em apenas trinta minutos já ia embora. Veltchanínov riu e jurou voltar no dia seguinte. Comentaram com ele que estava numa agitação muito forte; de repente, Veltchanínov segurou a mão de Klávdia Petrovna e, sob o pretexto de que tinha se esquecido de dizer uma coisa muito importante, levou-a para outro cômodo.

— A senhora lembra que lhe contei, e só à senhora, nem o seu marido sabe, sobre o ano que passei em T.?

— Lembro muito bem; o senhor falava muito sobre isso.

— Eu não falava simplesmente, eu confessava, e só para a senhora, só para a senhora! Eu nunca disse o nome de família daquela mulher; Trussótskaia, a esposa desse Trussótski. Foi ela que morreu, e Liza é sua filha... minha filha!

— Tem certeza, não está enganado? — perguntou Klávdia Petrovna com alguma emoção.

— Não estou enganado, absolutamente, não há nenhum engano! — exclamou Veltchanínov, exaltado.

E contou, da maneira mais rápida e breve possível, e se emocionou tremendamente. Klávdia Petrovna já sabia de tudo aquilo havia tempos, mas ignorava o nome de família da mulher. Veltchanínov sentia tanto pavor só de pensar que um de seus conhecidos podia encontrar, um dia, Mme. Trussótskaia e se perguntar como *ele* tinha sido capaz de amar *assim* aquela mulher, que, até então, Veltchanínov não havia tido coragem de revelar o nome “daquela mulher” nem mesmo para Klávdia Petrovna, sua única amiga.

— E o pai não sabe de nada? — perguntou Klávdia Petrovna, depois de escutar o relato.

— N-não, ele sabe... E é isso que me atormenta, que eu ainda não tenha entendido toda a situação! — prosseguiu Veltchanínov, exaltado. — Ele sabe, sabe, sim; percebi isso hoje e ontem. Mas eu tenho de descobrir até que ponto exatamente ele sabe. É por isso que, agora, estou apressado. Amanhã à tarde ele virá aqui. Aliás, o que me intriga é como ele pôde descobrir... quer dizer, descobrir *tudo*! Sobre Bagaútov ele sabe tudo, disso não há dúvida. Mas e sobre mim? A senhora sabe como as esposas, nesses casos, são capazes de convencer os maridos! Pode descer um anjo do céu que o marido não vai acreditar nele, mas sim na esposa! Não balance a cabeça, não me condene, eu mesmo, eu é que condeno a mim mesmo, e já me condenei há muito, muito tempo!... Veja, agora há pouco, na casa dele, eu estava a tal ponto convencido de que ele sabe de tudo, que cheguei a me comprometer diante dele. Acredite: eu

me sinto muito mal e tenho muita vergonha de ter tratado Trussótski com rudeza, quando nos encontramos ontem. (Em outra hora contarei tudo para a senhora, em detalhes!) Ontem, levado por um desejo malévolo irresistível, ele passou pela minha casa para me dar a entender que sabia ser vítima de uma ofensa e que conhecia a identidade do ofensor! Aí está todo o motivo da sua visita estúpida, sob o disfarce da embriaguez. Mas isso é muito natural da parte dele! Veio aqui exatamente para me recrutar! No geral, ontem e agora há pouco, conduzi o assunto com exaltação excessiva! De forma tola, descuidada! Eu mesmo me desmascarei na frente dele! Para que foi que ele apareceu num momento tão angustiado? Pois eu digo à senhora que ele chegou até a machucar Liza, machucou a criança, e certamente também para culpar, para descarregar sua raiva nela! Sim, ele é rancoroso... apesar de ser um insignificante, é rancoroso; e até demais. No fundo, não passa de um palhaço, embora antigamente, juro, tivesse o aspecto de um homem respeitável, até onde é possível, mas também é bastante natural que tenha passado a viver de maneira desregrada! Essas coisas, minha amiga, é preciso encarar da maneira cristã! E sabe, minha querida e boa amiga, eu quero mudar por completo meu modo de agir com ele: quero cercá-lo de atenções. Vai ser até uma “boa ação” da minha parte. Porque, afinal, apesar de tudo, sou mesmo culpado diante dele! Escute, veja, vou lhe contar mais uma coisa: certa vez, em T., de uma hora para outra, eu precisei de quatro mil rublos, e ele me deu, num minuto, sem nenhum documento, com uma alegria sincera por poder me ser útil, e na hora eu até aceitei, até peguei da mão dele, aceitei o dinheiro, está ouvindo, aceitei como se fosse de um amigo!

— Apenas seja mais cuidadoso — advertiu Klávdia Petrovna com preocupação, depois de ouvir tudo aquilo. — O senhor está muito agitado, na verdade eu temo pelo senhor! Agora, claro, Liza é também minha filha, só que, nisso tudo, ainda há tanta coisa a ser resolvida, tanta coisa! O mais importante é que o senhor, agora, tome mais cuidado; o senhor tem de ser mais precavido, a todo custo, quando se encontrar num estado de felicidade ou nesta exaltação toda; o senhor é generoso demais quando está feliz — acrescentou com um sorriso.

Todos saíram para acompanhar Veltchanínov: as crianças trouxeram Liza, com quem estavam brincando no jardim. Agora, ao que parecia, olhavam para ela com ainda mais perplexidade do que antes. Liza ficou muito acanhada quando Veltchanínov a beijou na frente de todos, ao se despedir e ao repetir, com fervor, a promessa de voltar no dia seguinte com o pai. Até o último minuto, Liza ficou calada e sem olhar para ele, mas de repente o agarrou pela manga e puxou-o para o lado, cravando nele um olhar de súplica; queria lhe dizer alguma coisa. Veltchanínov logo a levou para outro cômodo.

— O que foi, Liza? — perguntou com ternura e em tom animador; mas ela, olhando para trás cada vez mais intimidada, puxou-o ainda mais para o canto; queria a todo custo esconder-se de todos.

— O que foi, Liza, o que foi?

Ela se mantinha calada, sem tomar coragem; fitava imóvel os olhos dele com seus olhos azuis, e, em todos os traços de seu rostinho, se exprimia apenas um medo louco.

— Ele... vai se enforcar! — cochichou, como num delírio.

— Quem vai se enforcar? — perguntou Veltchanínov, assustado.

— Ele, ele! De noite, ele queria se enforcar numa corda! — disse a menina, afobada e ofegante.

— Eu mesma vi! Ele queria se enforcar ainda agora, ele me disse, me disse! E antigamente já queria, sempre quis... Eu vi, de noite...

— Não pode ser! — sussurrou Veltchanínov, perplexo. De repente, ela cobriu a mão dele de beijos; estava chorando, mal conseguia retomar o fôlego no meio dos soluços, pedia e suplicava,

mas ele não conseguia entender nada de seus balbucios histéricos. E, depois, ficou para sempre em sua memória, ressurgindo na vigília e aparecendo nos sonhos, aquele olhar da criança atormentada, com um medo louco, que olhava para ele como sua última esperança.

“Será possível, será possível que ela o ame tanto assim?”, pensava ele, com ciúme e inveja, com impaciência febril, enquanto voltava para a cidade. “Ainda há pouco, ela mesma disse que gostava mais da mãe... talvez ela sinta ódio dele, não tenha amor nenhum!

“Mas que história é aquela de ‘se enforcar’? Do que ela estava falando? Ele, um palerma, se enforcar?... Tenho de descobrir; a todo custo, tenho de descobrir! Tenho de resolver tudo o mais depressa possível... e resolver de forma definitiva!”

O MARIDO E O AMANTE SE BEIJAM*

Ele tinha uma tremenda pressa de “descobrir”. “Há pouco fiquei espantado; nem tive tempo de refletir”, pensou, recordando o primeiro encontro com Liza, “mas agora preciso descobrir.” A fim de descobrir o quanto antes, em sua impaciência, mandou que o levassem direto para a casa de Trussótski, mas logo mudou de ideia: “Não, é melhor que ele venha à minha casa e, nesse meio-tempo, vou tratar de resolver já aqueles malditos processos.”

Trabalhou nos processos de maneira febril; porém, dessa vez, sentiu que estava muito distraído e que, nesse dia, não estava em condições de cuidar do assunto. De repente, às cinco horas, quando foi jantar, uma ideia engraçada passou por sua cabeça, pela primeira vez: a ideia de que, na verdade, afinal, quem sabe, era apenas ele mesmo que estava atrapalhando o andamento do processo, interferindo naquele litígio, se afobando, percorrendo as repartições e incomodando seu advogado, que passou a fugir dele. Veltchanínov riu com alegria de sua hipótese. “Se essa ideia tivesse passado pela minha cabeça ontem, eu teria ficado horrivelmente decepcionado”, acrescentou, ainda mais alegre. Apesar da alegria, ele ficou cada vez mais distraído e mais impaciente: por fim, se fez pensativo; e, por mais que seu pensamento inquieto se aferrasse a muitas coisas, no final das contas, daquilo não resultou nada de útil para ele.

“Eu preciso dele, daquele homem!”, decidiu, afinal. “Preciso decifrá-lo, para depois decidir. Um duelo!”

Quando chegou em casa, às sete horas, não encontrou Pável Pávlovitch, o que o deixou extremamente surpreso, e depois com raiva, e depois até com melancolia; por fim, começou a ter medo. “Só Deus sabe, só Deus sabe como isso vai acabar!”, repetia, ora vagando pelo quarto, ora se estirando no sofá, e sempre olhando para o relógio. Por fim, já perto das nove horas, apareceu Pável Pávlovitch. “Se esse sujeito estava querendo se fazer de esperto, não poderia ter escolhido uma hora melhor do que esta para me passar para trás, de tão desnorteado que estou agora”, pensou, de repente, na maior animação e numa alegria tremenda.

Em face da pergunta animada e alegre — por que demorou tanto a vir? —, Pável Pávlovitch sorriu de lado, insolente, não como na véspera; sentou-se e, com certo descaso, jogou o chapéu com a fita de crepe na outra cadeira. Veltchanínov percebeu na mesma hora aquele atrevimento e registrou aquilo como relevante.

Com calma e sem palavras supérfluas, sem a comoção de antes, contou, como quem presta contas, que tinha levado Liza, que ela fora recebida com carinho, que aquilo seria proveitoso para ela e, pouco a pouco, de maneira imperceptível, como se esquecesse tudo relativo a Liza, conduziu a conversa unicamente para os Pogoriéltsev — ou seja, disse que aquelas pessoas gentis

eram seus amigos havia muito tempo, que Pogoriéltsev era um homem bom e até influente etc. Pável Pávlovitch escutava distraído e, de vez em quando, com um sorrisinho azedo e malandro, espiava de esguelha o contador de histórias.

— O senhor é uma pessoa impetuosa — sussurrou, sorrindo de modo especialmente repulsivo.

— No entanto, como o senhor se portou mal hoje — advertiu Veltchanínov, com irritação.

— E por que é que eu não devo ser mau, como todos os outros? — gritou de repente Pável Pávlovitch, avançando, com um pulo, do seu canto; como se estivesse apenas esperando aquilo para pular.

— Como preferir, fique à vontade — Veltchanínov deu uma risada. — Eu já estava pensando: será que aconteceu alguma coisa com ele?

— E aconteceu mesmo! — gritou, como se quisesse alardear o que tinha acontecido.

— E o que foi?

Pável Pávlovitch esperou um pouco, antes de responder.

— Pois é, o nosso Stiepan Mikháilovitch está sempre fazendo das suas... Bagaútov, um jovem elegantíssimo de Petersburgo, da mais alta sociedade, sim, senhor.

— Já sei, não receberam o senhor de novo, não foi?

— N-não, aconteceu é que justo dessa vez eles me receberam, pela primeira vez me deixaram entrar, e contemplei as feições... só que foram as feições de um defunto!

— O quê-ê-ê? Bagaútov morreu? — Veltchanínov ficou terrivelmente admirado, embora, ao que parecia, não havia por que se admirar tanto assim.

— Ele mesmo! O amigo constante de seis anos! Ontem mesmo, nem era meio-dia quando morreu, e eu não soube! Pode ter sido no mesmo minuto em que passei por lá para perguntar sobre sua saúde. O enterro será amanhã, já está deitado no caixãozinho. O caixão é forrado de veludo vermelho-escuro, com galões dourados... morreu de uma febre nervosa, sim, senhor. Eles me deixaram entrar, me deixaram entrar, eu contemplei as feições! À entrada, declarei que me considerava um amigo sincero, por isso me deixaram entrar. Como é que ele pôde fazer uma coisa dessas comigo, um amigo sincero, de seis anos? É o que pergunto ao senhor. Talvez eu tenha vindo a Petersburgo só e unicamente por causa dele!

— Mas por que o senhor está zangado com ele? — desatou a rir Veltchanínov. — Afinal, o homem não morreu de propósito!

— Mas é com pena dele que estou falando isso; um amigo precioso; é isso que ele significava para mim.

E Pável Pávlovitch, de repente, de modo completamente inesperado, com dois dedos, fez a imagem de chifres acima da testa e começou a rir baixinho, demorando-se. E ficou assim por um tempo, rindo baixinho, com os chifres, por um bom meio minuto, numa espécie de volúpia, com o descaramento mais malévolo, fitando Veltchanínov nos olhos. Este ficou estarrecido, como se estivesse diante de um fantasma. Mas seu estupor durou menos que um único e ínfimo instante; um sorriso desdenhoso e tranquilo, à beira do descaramento, surgiu nos lábios de Veltchanínov.

— Mas então, o que é que isso significa? — perguntou, em tom de descaso, esticando as palavras.

— Significa que são os chifres, senhor — respondeu Pável Pávlovitch de supetão, e retirou, finalmente, os dedos da testa.

— Quer dizer... os chifres do senhor?

— Os meus próprios, adquiridos! — e Pável Pávlovitch fez de novo uma careta, horrível e

asquerosa.

Os dois ficaram em silêncio.

— Mas o senhor é mesmo um homem atrevido! — exclamou Veltchanínov.

— Isso é porque mostrei os chifres para o senhor? Sabe de uma coisa, Aleksei Ivánovitch, era melhor que o senhor me servisse algo! Afinal, eu servi alguma coisa para o senhor lá em T., um ano inteiro, meu senhor, todo santo dia... Mande trazer uma garrafinha, minha garganta está seca.

— Com todo o prazer; o senhor já devia ter dito há muito tempo. O que deseja?

— Não diga o que *eu* desejo, mas o que *nós* desejamos; vamos beber os dois juntos, não é melhor assim? — com uma provocação, mas, ao mesmo tempo, com uma ansiedade estranha, Pável Pávlovitch fitou-o nos olhos.

— Champanhe?

— Claro, como não? A hora da vodca ainda não chegou...

Sem pressa, Veltchanínov levantou-se, chamou Mavra lá embaixo, com um toque da campainha, e fez o pedido.

— Pela alegria do encontro feliz, após nove anos de separação — e, sem necessidade e sem propósito, Pável Pávlovitch ia dando risadinhas —, e agora é o senhor, e apenas o senhor, quem sobrou como meu amigo sincero! Não existe mais o Stiepan Mikháilovitch Bagaútov! Como disse o poeta:

*O grande Pátroclo já não existe
Mas ainda vive o desprezível Tersites!**

E, ao pronunciar o nome “Tersites”, tocou no próprio peito com o dedo.

“Ora essa, seu porco, era melhor que se explicasse logo de uma vez, eu não gosto de indiretas”, pensou Veltchanínov. O rancor fervia dentro dele, que fazia tempo se continha a muito custo.

— O senhor me explique aqui uma coisa — começou, irritado —, se está acusando Stiepan Mikháilovitch de modo tão direto assim — ele já não o tratava simplesmente por Bagaútov —, então é de imaginar que ficasse alegre com a morte de quem o ofendeu tanto; então, por que o senhor está com raiva?

— Mas alegre como? Por que alegria?

— Estou julgando pelos sentimentos do senhor.

— He-he, nesse aspecto, o senhor está enganado quanto aos meus sentimentos, como diz a frase de um sábio: “Um inimigo morto é bom, mas vivo é melhor ainda”, hi-hi!

— Mas o senhor, eu creio, o viu vivo por cinco anos, todos os dias, e teve tempo de sobra para desfrutar — comentou Veltchanínov, com maldade e insolência.

— E por acaso, naquela época... por acaso eu sabia, meu senhor? — de repente, Pável Pávlovitch se ergueu de um salto, pulou como se estivesse escondido atrás do canto de uma parede, até com uma espécie de alegria, porque enfim tinham feito a pergunta que esperava havia tanto tempo. — Afinal, Aleksei Ivánovitch, por quem o senhor me toma?

E em seu olhar brilhou, de repente, uma expressão completamente nova e inesperada, que pareceu transformar e dar uma feição muito diferente a seu rosto raivoso, até então apenas contraído numa careta pífida.

— Será mesmo possível que o senhor não sabia de nada? — exclamou Veltchanínov,

desconcertado, tomado pela surpresa mais repentina.

— Ora essa, acha que era possível que eu soubesse? Acha mesmo que eu sabia? Oh, raça dos nossos Júpiteres! Para vocês, um ser humano é igual a um cachorro, e julgam todos segundo sua própria natureza rasteira! Tome aqui! Engula isto, vamos! — E, num ataque de fúria, bateu com o punho cerrado sobre a mesa, mas logo ele mesmo se assustou com seu soco e empalideceu, envergonhado.

Veltchanínov se fez de valente.

— Escute aqui, Pável Pávlovitch, o senhor há de convir que, para mim, não faz a menor diferença se o senhor sabia ou não sabia. Se não sabia, de todo modo, isso depõe a seu favor, se bem que... aliás, eu não compreendo por que o senhor me escolheu como seu confidente...

— Não é por sua causa... não se zangue, não é pelo senhor... — balbuciou Pável Pávlovitch, olhando para o chão.

Mavra entrou com o champanhe.

— Pronto, aí está ele! — começou a gritar Pável Pávlovitch, que se alegrou visivelmente com aquela solução. — Os copinhos, minha cara, os copinhos; que maravilha! Não quero mais nada da senhora, minha querida, não precisa. Já desenvolveu? Honra e glória à senhora, doce criatura! Muito bem, pode ir embora!

E, ganhando coragem de novo, olhou para Veltchanínov, mais uma vez com atrevimento.

— E confesse — de repente, deu uma risadinha — que o senhor sente uma curiosidade terrível em relação a tudo isso, e, no geral, não é nem um pouco verdade que “não faz a menor diferença”, como o senhor teve a bondade de se expressar há pouco, pois o senhor ficaria até decepcionado se eu levantasse e fosse embora neste exato minuto, sem lhe explicar nada.

— Na verdade, não ficaria decepcionado.

“Está mentindo!”, dizia o sorriso de Pável Pávlovitch.

— Muito bem, vamos lá! — E Pável Pávlovitch serviu a bebida nos copos. — Vamos brindar — proclamou, erguendo o copo — à felicidade do nosso amigo Stiepan Mikháilovitch, que entregou a alma a Deus!

Ergueu o copo e bebeu.

— Eu não vou beber com este brinde. — E Veltchanínov baixou seu copo na mesa.

— Mas por quê? É um brindezinho simpático.

— Escute aqui: quando o senhor chegou aqui, estava bêbado, não é?

— Bebi um pouquinho só. E daí?

— Não é nada de especial, mas me pareceu que, ontem e sobretudo hoje de manhã, o senhor lamentava com sinceridade a morte de Natália Vassílievna.

— E quem disse ao senhor que agora eu não lamento sinceramente por ela? — e logo Pável Pávlovitch se ergueu de um pulo, mais uma vez, como se tivesse sido projetado por uma espécie de mola.

— Quanto a isso, não digo nada; mas o senhor há de convir que podia estar enganado sobre Stiepan Mikháilovitch, e isso é importante.

Pável Pávlovitch sorriu com astúcia e piscou o olho, em sinal de entendimento mútuo.

— O senhor está se roendo de vontade de saber como foi que eu descobri a respeito do Stiepan Mikháilovitch, não é?

Veltchanínov ficou vermelho.

— Repito ao senhor, mais uma vez, que para mim não faz a menor diferença. — “Será que eu não devia botar esse sujeito para fora de uma vez, junto com sua garrafa?”, pensou furioso, e

ficou ainda mais vermelho.

— Não dê importância para isso, senhor! — exclamou Pável Pávlovitch, como que para encorajá-lo, e serviu mais um copo para si. — Daqui a pouco vou lhe explicar como eu soube de “tudo”, e assim vou satisfazer seus fogosos desejos... pois o senhor é um homem fogoso, Aleksei Ivánovitch, tremendamente fogoso! He-he-he! Mas me dê um cigarrinho, porque eu, desde o mês de março...

— Aqui está seu cigarrinho.

— De março para cá, me tornei um depravado, Aleksei Ivánovitch, e aqui está como tudo aconteceu, escute só, meu senhor. A tuberculose, como o senhor mesmo sabe, queridíssimo amigo — ele se mostrava cada vez mais íntimo —, é uma doença curiosa. Acontece mil vezes de o tuberculoso já estar morrendo sem nem sequer desconfiar que, no dia seguinte, estará morto. Garanto ao senhor que, apenas cinco horas antes de morrer, Natália Vassílievna fazia planos de ir, dali a duas semanas, à casa de sua tia, a umas quarenta versts. Além do mais, é provável que o senhor conheça o costume, ou, melhor dizendo, esta mania, comum a muitas damas e talvez também aos cavalheiros: guardar consigo velhas porcarias e restos da correspondência amorosa. Seria preferível botar tudo no forno, não acha, senhor? Mas, não, qualquer pedacinho de papel carinhoso fica guardado com bastante cuidado em caixinhas e bolsinhas: são até classificados por ano, por data e por tipo. Que grande consolo isso pode trazer eu não sei, meu senhor; mas deve ser para ter recordações agradáveis. Cinco horas antes do fim, quando estava resolvendo visitar a tia nos feriados, Natália Vassílievna naturalmente não tinha nenhum pensamento sobre a morte e, até o último instante, continuava esperando Koch. Desse modo, aconteceu que Natália Vassílievna morreu e uma caixinha de madeira preta, com incrustações em madrepérola e em prata, ficou na escrivaninha dela. E que caixinha linda, e com uma chave, meu senhor, um objeto da família, herdado da avó. Muito bem, pois foi nessa mesma caixinha que tudo foi revelado, ou seja, tudo mesmo, sem nenhuma exceção, separado por dia e por ano, todos os vinte anos. E como Stiepan Mikháilovitch tinha uma tendência para a literatura e chegou até a mandar um conto de paixão para uma revista, revelou-se que suas obras naquele escrínio beiravam uma centena de itens; é bem verdade, meu senhor, que foram escritas durante cinco anos. Alguns itens continham anotações feitas por Natália Vassílievna, de próprio punho. Que agradável para o marido, o senhor não acha?

Rapidamente Veltchanínov parou para refletir e lembrou que nunca tinha mandado nenhuma carta, não escrevera nenhum bilhete para Natália Vassílievna. Já de Petersburgo, embora tivesse escrito duas cartas, remeteu-as em nome do casal, conforme o combinado. E à última carta de Natália Vassílievna, na qual ela ordenava a separação, ele nem respondeu.

Encerrado o relato, Pável Pávlovitch ficou em silêncio por um bom minuto, sorrindo com ar impertinente e provocador.

— Por que o senhor não respondeu à minha perguntinha, hã? — disse, afinal, com angústia evidente.

— Que perguntinha?

— Aquela sobre os sentimentos agradáveis do marido que abriu a caixinha.

— Não é da minha conta! — Veltchanínov sacudiu a mão no ar, com raiva, levantou-se e se pôs a caminhar pelo quarto.

— Pois eu aposto que o senhor agora está pensando: “Você é um porco, capaz de mostrar os próprios chifres”, he-he! Que homem implacável, o senhor.

— Não é nada disso que estou pensando. Ao contrário, o senhor ficou bastante comovido com

a morte de quem o ofendeu e, além do mais, bebeu muito. Nada vejo de extraordinário em tudo isso: entendo perfeitamente por que razão o senhor precisava de Bagaútov vivo e estou pronto a respeitar o seu desgosto; mas...

— E, na sua opinião, por que razão eu precisava de Bagaútov vivo, meu senhor?

— Isso é da sua conta.

— Aposto que o senhor está pensando em um duelo, não é?

— Que o diabo o carregue! — Veltchanínov tinha cada vez mais dificuldade para se conter. — Eu estava pensando que qualquer homem decente... em circunstâncias semelhantes, não se rebaixa com palavrórios cômicos, caretas estúpidas, queixas ridículas e insinuações sórdidas, pois desse modo ele apenas se emporcalha mais ainda, mas sim, ao contrário, age de forma clara, direta, franca, como um homem decente!

— He-he, sim, talvez eu não seja um homem decente, não é, meu senhor?

— De novo, isso é da sua conta... mas, a propósito, depois de tudo isso, para que diabo o senhor precisaria mesmo do Bagaútov vivo?

— Quem sabe, só para olhar um pouco para o amiguinho, meu senhor. Talvez até, quem sabe, para comprar uma garrafinha com ele e bebermos os dois juntos.

— Ele não beberia com o senhor.

— Por quê? *Noblesse oblige?**** Afinal, olhe, o senhor está bebendo comigo; em que ele é melhor do que o senhor?

— Eu não bebi com o senhor.

— Por que todo esse orgulho de repente?

Veltchanínov, de súbito, nervoso e irritado, soltou uma gargalhada.

— Ufa! Diabo! O senhor certamente é mesmo um “tipo predador”, e eu pensei que fosse só um “eterno marido” e mais nada!

— E esse tal de “eterno marido”, o que é? — Pável Pávlovitch de repente pôs as orelhas de prontidão.

— É assim, um tipo de marido... é uma longa história. É melhor o senhor ir embora daqui, já passou da hora; o senhor me encheu a paciência!

— E esse predador, o que é? O senhor não disse “predador”?

— Eu disse que o senhor é um “tipo predador”... falei de brincadeira.

— E como é esse “tipo predador”, meu senhor? Por favor, explique, Aleksei Ivánovitch, pelo amor de Deus, ou pelo amor de Cristo.

— Ora essa, já chega, já chega! — de repente Veltchanínov irritou-se horivelmente outra vez e começou a berrar. — Já passou da hora, vá embora daqui!

— Não, não chega! — Pável Pávlovitch se pôs de pé, também. — Apesar de o senhor também ter me enchido a paciência, ainda não chega, não, porque antes eu e o senhor temos de beber juntos e brindar e bater nossos copos um no outro! Vamos beber e depois eu vou embora, meu senhor, mas agora ainda não chega, não!

— Pável Pávlovitch, o senhor hoje pode ou não pode sumir daqui e ir para o diabo?

— Posso ir para o diabo, sim, senhor, mas primeiro vamos beber! O senhor disse que não queria beber justamente *comigo*; só que *eu quero* que justamente *o senhor* beba comigo!

Ele já não fazia mais caretas, não dava mais risadinhas. De novo, todo ele pareceu transformar-se de repente, e de modo tão contrário à figura e ao tom do Pável Pávlovitch de pouco antes que Veltchanínov ficou totalmente desconcertado.

— Ei, vamos beber, Aleksei Ivánovitch, ei, não recuse! — prosseguia Pável Pávlovitch, segurando

seu braço com força e fitando seu rosto com ar estranho. Era óbvio, a questão não se limitava a uma bebedeira.

— Sim, pode ser — balbuciou o outro. — Mas, puxa... esta bebida é uma porcaria...

— Sobrou para dois copos certinho; é uma porcaria mesmo, meu senhor, mas vamos beber e bater nossos copos um no outro! Vamos, tenha a bondade, pegue aqui seu copo.

Bateram seus copos um no outro e beberam tudo.

— Bem, e se é assim, se é assim... ah! — de repente Pável Pávlovitch agarrou a testa com a mão e ficou nessa posição por alguns momentos. Veltchanínov teve a impressão de que, dali a pouco, ele diria a *última* palavra. Mas Pável Pávlovitch não falou nada; apenas olhou para ele e, em silêncio, sorriu de novo com a boca inteira, com o sorriso astuto e conspirador de pouco antes.

— O que o senhor quer de mim, seu bêbado? Quer me fazer de bobo? — começou a gritar Veltchanínov, freneticamente, batendo os pés no chão.

— Não grite, não grite, para que gritar? — Pável Pávlovitch abanou a mão no ar, afobado. — Não quero fazer o senhor de bobo, não quero fazer o senhor de bobo! Será que o senhor não sabe o que o senhor agora... olhe aqui, veja só o que o senhor passou a ser para mim.

E, de repente, agarrou a mão de Veltchanínov e beijou-a. Veltchanínov não conseguiu reagir.

— Aí está o que o senhor é para mim, agora! E agora, sim, eu vou para todos os diabos!

— Espere, espere! — começou a gritar Veltchanínov, depois de se refazer. — Eu me esqueci de dizer ao senhor...

Pável Pávlovitch virou-se, já na porta.

— Veja — começou a balbuciar Veltchanínov, extraordinariamente depressa, vermelho, olhando para o lado. — O senhor deveria ir amanhã, sem falta, à casa dos Pogoriéltsev, para conhecer e agradecer... sem falta...

— Sem falta, sem falta, como eu poderia não compreender isso, meu senhor? — respondeu Pável Pávlovitch com inesperada presteza, abanando depressa a mão no ar, em sinal de que nem seria preciso lembrar.

— E, além do mais, Liza também espera muito sua visita. Eu prometi.

— Liza — de repente, Pável Pávlovitch virou-se de novo. — Liza? E o senhor sabe o que Liza foi para mim, foi e é? Foi e é! — gritou de repente, quase num delírio. — Mas... He! Isso é para depois, meu senhor; tudo virá depois... e agora... já não basta mais, para mim, ter bebido com o senhor, Aleksei Ivánovitch, preciso de uma satisfação diferente!

Colocou o chapéu sobre a cadeira e, como antes, um pouco ofegante, ficou olhando para ele.

— Beije-me, Aleksei Ivánovitch — propôs, de repente.

— O senhor está bêbado? — gritou o outro, e se retraiu.

— Estou bêbado, meu senhor, e mesmo assim o senhor vai me beijar, Aleksei Ivánovitch, vamos, beije! Afinal, eu beijei agora mesmo a mãozinha do senhor!

Aleksei Ivánovitch ficou mudo por alguns instantes, como que atingido por uma porretada na testa. Mas, de repente, ele se inclinou para Pável Pávlovitch, que batia no seu ombro, e beijou-o nos lábios, de onde vinha um forte cheiro de bebida. Aliás, não teve muita certeza de que o havia beijado, de fato.

— Certo, e agora, e agora... — gritou, de novo, Pável Pávlovitch, num delírio de embriaguez, com os olhos bêbados cintilantes — ... agora é o seguinte, meu senhor, eu pensei, naquela ocasião: “Será possível que aquele também? Se aquele lá, eu pensei, se ele também, depois de tudo isso, afinal, em quem é que se pode acreditar?”.

Pável Pávlovitch de repente se desmanchou em lágrimas.

— Será que o senhor entende, então, que tipo de amigo o senhor se tornou para mim, agora?
E saiu correndo com seu chapéu. Veltchanínov, mais uma vez, ficou parado alguns instantes no mesmo lugar, como depois da primeira visita de Pável Pávlovitch.

“Eh, é um palhaço bêbado e mais nada!”, abanou a mão no ar.

“Decididamente, só isso mais nada!”, confirmou com energia, quando já havia trocado de roupa e deitado na cama.

* Referência ao antigo costume russo (e também de outros povos) de homens beijarem-se na boca, como expressão de forte simpatia.

** Versos de uma balada do alemão Schiller (“Triunfo dos vencedores”), citada aqui na tradução russa de Jukóvski (1828).

*** Francês: a honra obriga?

No dia seguinte, à espera de Pável Pávlovitch, que tinha prometido não se atrasar para ir à casa dos Pogoriéltsev, Veltchanínov andava pelo quarto, bebericava seu café, fumava e, a todo instante, admitia que estava parecendo uma pessoa que acorda de manhã e lembra, o tempo todo, que na véspera levou uma bofetada. “Hum... ele entende até demais do que se trata e vai se vingar de mim por meio de Liza!”, pensava, apavorado.

Num lampejo, a imagem gentil da pobre criança surgiu tristonha à sua frente. Seu coração bateu mais forte ao pensar que, naquele mesmo dia, dali a pouco, em duas horas mais ou menos, veria de novo a *sua* Liza. “Eh, nem se discute!”, decidiu com fervor. “Agora, é nisso que estão toda a minha vida e todo o meu propósito! Danem-se todas essas bofetadas e recordações!... E, até hoje, para que foi que eu vivi? Desordem e tristeza... mas agora tudo é diferente, tudo é muito diferente!”

No entanto, apesar de sua exaltação, ele se afundava mais e mais em pensamentos.

“Ele está usando Liza para me atormentar, isso está claro! E também atormenta Liza. Aí está, é assim que ele vai me atingir, por *tudo*... sem dúvida, não posso permitir os desatinos de ontem da parte dele. — E ruborizou-se de repente. — E... e, no entanto, pronto, ele não vai vir mais, já é meio-dia!”

Esperou muito tempo, até meio-dia e meia, e a angústia aumentava cada vez mais. Pável Pávlovitch não aparecia. Por fim, aquela ideia, que se agitava nele havia muito tempo, de que o outro não ia vir mesmo, e de propósito, unicamente para fazer mais um de seus desatinos, como os da véspera, acabou deixando Veltchanínov irritado: “Ele sabe que eu dependo dele; e agora, o que será de Liza? Como é que vou me apresentar diante de Liza sem ele?”

Enfim, não aguentou mais e, à uma hora da tarde em ponto, foi a galope para Pokrov. Na pensão, disseram que Pável Pávlovitch não tinha pernoitado em seu quarto, só chegara de manhã, depois das oito horas, ficando só uns quinze minutinhos e saindo de novo. Veltchanínov, postado na porta do quarto de Pável Pávlovitch, escutou o que a criada lhe disse e mecanicamente girou a maçaneta da porta trancada e puxou-a para trás e para a frente. Retomando o controle de si mesmo, cuspiu, largou a maçaneta e pediu que o levassem ao quarto de Mária Sissóievna. Mas ela mesma, ao saber que Veltchanínov estava ali, foi a seu encontro.

Era uma boa mulher, “com sentimentos nobres”, como se expressou Veltchanínov, mais tarde, quando relatou sua conversa com ela para Klávdia Petrovna. Depois de perguntar brevemente como ele havia levado a menina, na véspera, Mária Sissóievna logo passou a contar a história de

Pável Pávlovitch. Segundo suas palavras, “não fosse pela menininha, já teria me livrado dele há muito tempo. Ele já tinha sido expulso do hotel por se comportar de modo abominável. Olhe, veja se não é um pecado: certa noite, ele trouxe uma mocinha da rua, quando aqui estava uma criança que já tem noção das coisas! Gritou: ‘Esta aqui será sua mãe, se eu quiser!’”. Pois acredite que a própria mocinha, mesmo sendo quem era, cuspiu na cara dele! E ele também gritava: ‘Você não é minha filha, mas uma bastarda’”.

— O quê? — assustou-se Veltchanínov.

— Eu mesma ouvi. Mesmo para um bêbado, que parece não ter mais sentimento nenhum, isso não são modos de falar com uma criança; apesar de ser pequeninha, tudo isso vai acabar entrando na sua cabeça! A menina chora muito, eu vejo, ela sofre! Faz uns dias, aqui no nosso pátio, aconteceu um pecado: um comissário, alguma coisa assim, as pessoas contaram, se hospedou num quarto do hotel à noite e, de manhã, foram ver e ele tinha se enforcado. Contaram que torrou todo o dinheiro na farra, no jogo. O povo veio correndo, Pável Pávlovitch não estava em casa e a menina ficou andando abandonada, olhei e lá estava ela no meio do povo, no corredor, espiava por trás dos outros, olhava espantada para o tal enforcado. Aí eu trouxe logo a menina para cá. O que é que o senhor imagina?... Ela tremia toda, estava toda preta e, assim que eu a trouxe para cá, ela desabou no chão. Ficou se debatendo, se debatendo, só a muito custo conseguiu acordar. Uma convulsão, alguma coisa assim, e foi aí que começou a ficar doente. Ele soube, chegou, beliscou a menina toda, porque ele não é tanto de bater, mas belisca muito, e depois bebeu um bocado, e veio falar com a menina para fazer medo nela: “Eu também vou me enforçar, e vou me enforçar por sua causa; olhe, com esta corda aqui, vou me enforçar na cortina”; e fez até o laço na frente da menina. E aí ela não aguenta, grita, enlaça o homem com os bracinhos: “Não vou fazer mais, nunca mais vou fazer isso”, ela grita. Dá uma pena!

Veltchanínov, embora já esperasse algo muito estranho, ficou tão impressionado com aquelas histórias que nem acreditou. Mária Sissóievna contou muitas outras coisas; houve uma ocasião, por exemplo, em que, se não fosse Mária Sissóievna, Liza teria se jogado pela janela. Veltchanínov foi embora dali e parecia embriagado. “Vou matá-lo com um porrete, como a um cão, na cabeça!” Parecia que estava vendo coisas. Ficou repetindo isso para si mesmo.

Pegou um coche de praça e se dirigiu à casa dos Pogoriéltsev. Antes de sair da cidade, o coche teve de parar num cruzamento, diante de uma pontezinha sobre um canal, por onde se espremia um grande cortejo fúnebre. E dos dois lados da ponte se aglomeravam diversas carruagens paradas; o povo também se detinha. O enterro era de ricos e o séquito de carruagens formava um comboio muito comprido, e eis que na janelinha de uma daquelas carruagens, de repente, diante dos olhos de Veltchanínov, lampejou o rosto de Pável Pávlovitch. Ele nem acreditaria se Pável Pávlovitch não tivesse, ele mesmo, posto a cabeça um pouco para fora e acenado para ele com um sorriso. Pelo visto, ficou felicíssimo por ter reconhecido Veltchanínov; até fez um aceno para ele com a mão. Veltchanínov pulou para fora do coche e, apesar de todo o aperto da multidão e dos guardas e apesar de a carruagem de Pável Pávlovitch já estar entrando na ponte, Veltchanínov correu para junto da janelinha. Pável Pávlovitch estava sozinho na carruagem.

— O que foi que deu no senhor? — berrou Veltchanínov. — Por que o senhor não veio? O que está fazendo aqui?

— Estou pagando uma dívida. Não grite, não grite, estou pagando uma dívida. — Pável Pávlovitch deu uma risadinha, contraindo os olhos com alegria. — Estou acompanhando os restos mortais de um amigo sincero, Stiepan Mikháilovitch.

— Tudo isso é um absurdo, o senhor está bêbado, está louco! — berrou com mais força ainda Veltchanínov, que por um instante pareceu perplexo. — Saia já daí e venha para o meu coche; agora mesmo!

— Não posso, meu senhor, é uma dívida...

— Vou arrastar o senhor à força! — esbravejou Veltchanínov.

— Então eu vou gritar! Então eu vou gritar! — E Pável Pávlovitch, com a mesma alegria, não parava de dar suas risadinhas, como se estivesse brincando, e, no entanto, se encolheu todo no canto de trás da carruagem.

— Cuidado, cuidado, vão ser atropelados! — gritou um guarda. De fato, pela descida da ponte, uma carruagem alheia ao cortejo, furando a fila, criava um alvoroço. Veltchanínov teve de recuar; na mesma hora, outras carruagens e também o povo logo o arrastaram para longe. Ele cuspiu e abriu caminho até seu coche.

“Tanto faz, do jeito que ele está, também não posso levá-lo comigo!”, pensou, com a mesma perplexidade alarmada.

Quando contou para Klávdia Petrovna a história de Mária Sissóievna e o encontro estranho no cortejo fúnebre, ela pareceu muito hesitante:

— Tenho receio pelo senhor — disse ela. — O senhor deve romper todas as relações com ele, e quanto antes melhor.

— Não passa de um palhaço bêbado, mais nada! — exclamou Veltchanínov, exaltado. — Acha que vou ter medo dele? E como posso romper relações, quando existe a Liza? Não se esqueça de Liza!

Enquanto isso, Liza estava de cama, doente; à noite, teve febre e agora estavam esperando que chegasse da cidade um médico famoso, que mandaram chamar logo que amanheceu. Tudo aquilo deixou Veltchanínov completamente perturbado. Klávdia Petrovna levou-o para ver a enferma.

— Ontem eu a observei com muita atenção — comentou ela, detendo-se na porta do quarto de Liza. — É uma criança orgulhosa e triste; tem vergonha de estar aqui e de ter sido abandonada desse jeito pelo pai; para mim, toda a sua doença se resume nisso.

— Mas como assim abandonada? Por que a senhora acha que foi abandonada?

— O simples fato de o pai ter deixado a menina vir para cá, uma casa completamente desconhecida, e com um homem... também quase desconhecido ou com quem ele tem um tipo de relação...

— Sim, mas fui eu mesmo que a peguei, e peguei à força; não acho...

— Ah, meu Deus, mas é Liza, uma criança, quem acha isso! Para mim, era melhor que ele nunca viesse.

Quando viu Veltchanínov sozinho, Liza não ficou admirada; apenas sorriu com amargura e virou para a parede a cabecinha, que queimava de febre. Nada respondeu às tímidas palavras de consolo e às promessas fervorosas de Veltchanínov de que, no dia seguinte, sem falta, traria seu pai. Quando a deixou, de repente, ele começou a chorar.

O médico só veio à tardinha. Depois de examinar a paciente, assustou a todos logo com as primeiras palavras, dizendo que tinham feito mal em não chamá-lo mais cedo. Quando lhe explicaram que a menina só havia adoecido no fim da tarde anterior, ele, de início, não acreditou. “Tudo vai depender de como ela passar esta noite”, concluiu o médico e, depois de deixar suas orientações, foi embora, prometendo voltar no dia seguinte, o mais cedo possível. Veltchanínov queria a todo custo passar a noite ali, mas a própria Klávdia Petrovna o convenceu,

mais uma vez, a “tentar trazer aqui aquele monstro”.

— De novo? — retrucou Veltchanínov, num frenesi. — Dessa vez vou amarrá-lo e trazê-lo aqui nos meus braços!

A ideia de trazer Pável Pávlovitch amarrado, em seus braços, o dominou de repente e o levou à beira de uma impaciência extrema.

— Agora, não me sinto culpado de nada, de nada, diante dele! — disse para Klávdia Petrovna, ao se despedir. — Renego todas as palavras infames, lacrimosas, que falei aqui ontem! — acrescentou, com indignação.

Liza estava deitada de olhos fechados e parecia dormir; dava a impressão de estar melhor. Quando Veltchanínov se curvou com cuidado sobre sua cabecinha, a fim de se despedir, e talvez também para beijar a pontinha de seu vestido, de repente ela abriu os olhos, como se já estivesse esperando aquilo, e sussurrou: “Me leve embora”.

Foi um apelo baixinho, triste, sem nenhum vestígio da irritação da véspera, e, em lugar disso, o que se percebia era a sensação de que ela mesma estava plenamente convencida de que seu apelo não ia adiantar. Tão logo Veltchanínov, em completo desespero, começou a tentar convencer Liza de que aquilo era impossível, ela fechou os olhos, em silêncio, e não proferiu mais nenhuma palavra, como se não estivesse vendo nem ouvindo Veltchanínov.

Ao chegar à cidade, mandou que o cocheiro o levasse direto para Pokrov. Já eram dez horas; Pável Pávlovitch não estava na pensão. Veltchanínov esperou-o por meia hora, perambulando pelo corredor numa impaciência doentia. Mária Sissóievna o convenceu, afinal, de que Pável Pávlovitch só ia voltar, talvez, ao raiar do dia. “Muito bem, então virei ao raiar do dia”, decidiu Veltchanínov e, fora de si, foi para casa.

Porém, qual não foi sua surpresa quando, antes mesmo de entrar em casa, ouviu de Mavra que a visita da véspera já o esperava desde as nove horas.

— E ele ainda tomou a liberdade de provar nosso chá, mandou trazer mais vinho e até deu, ele mesmo, uma notinha azul* para pagar.

* Cinco rublos.

O FANTASMA

Pável Pávlovitch havia se acomodado com extraordinário conforto. Estava sentado na mesma cadeira do dia anterior, fumava cigarrinhos e tinha acabado de servir para si o quarto e último copo da garrafa. O bule e o copo, ainda com chá, estavam bem junto dele, sobre a mesa. Seu rosto vermelho irradiava simpatia. Tinha até tirado o fraque, como no verão, e estava só de colete.

— Desculpe, fidelíssimo amigo! — gritou ao ver Veltchanínov, e pulou para vestir o fraque. — Tirei para melhor desfrutar o momento...

Veltchanínov se aproximou com ar ameaçador.

— O senhor ainda não está completamente embriagado? Ainda é possível falar com o senhor?

Pável Pávlovitch ficou um pouco atônito.

— Não, completamente não... Bebi em memória do falecido, mas... não completamente...

— O senhor está entendendo o que eu falo?

— Foi para isso que eu vim, para entender o senhor.

— Certo, então vou começar logo dizendo que o senhor é um... um canalha! — gritou Veltchanínov com a voz embargada.

— Se o senhor começa assim, como vai terminar? — protestou Pável Pávlovitch bem de leve, visivelmente se fazendo de assustado, mas Veltchanínov continuou a gritar, sem lhe dar atenção.

— Sua filha está morrendo, está doente; o senhor a abandonou mesmo ou não?

— Será possível, está morrendo?

— Está doente, doente, e sua doença é muito perigosa!

— Deve ser um daqueles ataquezinhos...

— Não diga bobagem! Sua doença é mu-u-uito perigosa! O senhor deveria ir lá, nem que fosse só para...

— Para agradecer, não é, meu senhor? Agradecer a hospitalidade! Entendo perfeitamente! Aleksei Ivánovitch, prezado, perfeito. — De repente, agarrou a mão de Veltchanínov com as duas mãos e, com um sentimento bêbado, à beira das lágrimas, como se pedisse desculpas, vociferou:

— Aleksei Ivánovitch, não grite, não grite! Que eu morra, que eu me jogue agora mesmo, assim bêbado, no rio Nievá, que diferença isso faria para o significado verdadeiro das coisas? E, para ir à casa do sr. Pogoriéltsev, sempre encontraremos tempo, meu senhor...

Veltchanínov caiu em si e se controlou um pouquinho.

— O senhor está bêbado e é por isso que não compreendo o sentido do que está dizendo — respondeu, com ar severo. — Estou sempre pronto para tomar satisfações com o senhor; até

ficaria contente se fosse logo... Eu até cheguei a ir... Mas, antes de tudo, saiba que vou tomar providências: hoje o senhor tem de passar a noite comigo, aqui na minha casa! Amanhã de manhã vou levar o senhor, e iremos juntos até lá. Não vou largar o senhor! — E, de novo, começou a berrar. — Vou amarrar o senhor todo e levar nos meus braços! Esse sofá está confortável para o senhor? — E apontou, ofegante, para o sofá largo e macio, em frente ao sofá em que ele mesmo dormia, na parede oposta.

— Por favor, eu fico em qualquer lugar...

— Em qualquer lugar, mas nesse sofá! Tome, aqui está seu lençol, o cobertor, o travesseiro (Veltchanínov puxou tudo para fora do armário e, afobado, jogou na direção de Pável Pávlovitch, que, obediente, estendia a mão). Faça a cama, já, fa-ça-a-ca-ma!

Com os braços carregados, Pável Pávlovitch ficou parado no meio do quarto, como que indeciso, com um sorriso bêbado e comprido no rosto bêbado; porém, ao segundo berro ameaçador de Veltchanínov, de repente, com todo o afã, ele se pôs em atividade, empurrou a mesa e, ofegante, começou a estender e arrumar o lençol. Veltchanínov chegou perto para ajudar; em parte, ficou satisfeito com a obediência e com o medo do hóspede.

— Termine de beber seu copo e deite — ordenou, outra vez; sentia que não podia deixar de dar ordens. — Foi o senhor mesmo que mandou trazerem a bebida?

— Fui eu mesmo, senhor, a bebida... Eu sabia, Aleksei Ivánovitch, que o senhor não ia mandar trazer.

— Ainda bem que o senhor já sabia, mas é preciso que o senhor saiba de mais uma coisa. Vou explicar mais uma vez que, agora, tomei algumas providências: não vou mais tolerar suas caretas, não vou mais tolerar os beijos bêbados de ontem!

— Pois eu mesmo entendo, Aleksei Ivánovitch, que tudo aquilo só foi possível uma vez. — E Pável Pávlovitch deu um sorriso malicioso.

Ao ouvir a resposta, Veltchanínov, que caminhava devagar pelo quarto, parou de repente, quase solene, na frente de Pável Pávlovitch.

— Pável Pávlovitch, fale com franqueza! O senhor é inteligente, admito isso mais uma vez, porém asseguro ao senhor que tomou um caminho falso! Fale com franqueza, aja com franqueza e lhe dou minha palavra de honra de que vou responder tudo o que o senhor quiser!

De novo, Pável Pávlovitch deu um sorriso malicioso, aquele sorriso comprido que, sozinho, já estava deixando Veltchanínov louco.

— Espere! — começou a gritar, de novo. — Não finja, eu enxergo dentro do senhor! Repito: darei minha palavra de honra de que estou pronto para responder *tudo*, e o senhor receberá toda e qualquer satisfação possível, ou melhor, qualquer satisfação, ainda que impossível! Ah, como eu gostaria que o senhor me compreendesse!...

— Se o senhor tiver a bondade — com cautela, Pável Pávlovitch se aproximou um pouco —, veja, fiquei muito interessado no que o senhor mencionou ontem sobre o tal tipo predador!

Veltchanínov cuspiu e, de novo, e ainda mais depressa, se pôs a caminhar pelo quarto.

— Não, Aleksei Ivánovitch, não cuspa, meu senhor, pois estou muito interessado e vim aqui exatamente para verificar... Minha língua não está dizendo coisa com coisa, mas o senhor vai me perdoar. Acontece que foi sobre o tipo “predador” e sobre o tipo “manso” que eu li, certa vez, numa revista, na seção de crítica... lembrei hoje de manhã... tinha apenas esquecido, ou na verdade eu não entendi, naquela ocasião, meu senhor. Eu queria justamente esclarecer: Stiepan Mikháilovitch Bagaútov, o falecido, o que ele era, “predador” ou “manso”? Como classificar, meu senhor?

Veltchanínov continuava calado, não parava de caminhar.

— O tipo predador é aquele — parou de repente, de raiva —, é aquele homem que teria posto veneno no copo de Bagaútov, na hora em que “bebia champanhe” com ele para comemorar o agradável encontro, como o senhor bebeu ontem comigo, mas que jamais acompanharia seu caixão até a sepultura, como o senhor fez, só o diabo sabe por quais aspirações ocultas, infernais, asquerosas, e por quais palhaçadas, que só servem para emporcalhar o senhor mesmo! Sim, o senhor mesmo!

— É verdade, não acompanharia — concordou Pável Pávlovitch. — Só que o senhor, no entanto, está me...

— Ele não é o tipo de homem — inflamou-se Veltchanínov, e gritou, sem ouvi-lo —, que se imagina só Deus sabe o quê, que faz o balanço contábil da justiça e da equidade, que decora suas ofensas como uma lição, se queixa, faz gracinhas, palhaçadas, vive se pendurando no pescoço dos outros e, quando vê, descobre que consumiu com isso todo o seu tempo! Não é verdade que o senhor quis se enforcar? Não é verdade?

— Depois de beber um pouco, talvez, posso ter dito alguma bobagem, não lembro. Aleksei Ivánovitch, entre nós, é bastante errado envenenar uma pessoa. Além do mais, o que é que um funcionário que goza de boa reputação... E eu também tenho capital e, quem sabe, talvez eu queira me casar de novo, meu senhor.

— Sem falar dos trabalhos forçados.

— Sim, senhor, também existe esse transtorno, se bem que hoje em dia, nos julgamentos, consideram muitas circunstâncias atenuantes. Aliás, Aleksei Ivánovitch, ontem, na carruagem, lembrei-me de uma anedota engraçadíssima para contar para o senhor. Veja, o senhor acabou de dizer: “vive se pendurando no pescoço dos outros”. O senhor deve lembrar-se de Semion Petróvitch Livtsov, ele nos fez uma visita em T., quando o senhor estava lá; pois bem, o irmão dele é jovem, também se considera mais um jovem de Petersburgo, trabalhou com o governador V. e também se destacava com brilho por diversos méritos, meu senhor. Certa vez, ele discutiu com Golubienko, um coronel, numa reunião social, em presença de damas, e da dama do seu coração, e se considerou ofendido, mas engoliu a ofensa e guardou o rancor; enquanto isso, Golubienko tomou a dama de seu coração e pediu-a em casamento. O que o senhor acha? Esse Livtsov fez amizade, até sincera, com Golubienko, fez as pazes por completo, mas pouco a pouco... ele mesmo pediu para ser o padrinho de casamento, segurou a coroa* e, depois da cerimônia, quando foram para a festa, ele se aproximou para dar os parabéns e beijar Golubienko e, diante de toda a sociedade nobre e diante do governador, ele mesmo de fraque e cabelos frisados, meu senhor, meteu uma faca na barriga dele... e Golubienko rolou no chão! O próprio padrinho de casamento, que vergonha, meu senhor! Mas não foi só isso! O principal é que, depois de dar a facada, ele se atirou na direção das pessoas em redor: “Ah, o que foi que eu fiz! Ah, o que foi que eu fiz!”. E lágrimas correm, ele treme todo, se pendura no pescoço de todos, até das damas: “Ah, o que foi que eu fiz! Ah, o que foi que eu fiz agora!”. He-he-he! É de matar de rir, meu senhor. Pois é, só que dá pena do Golubienko; se bem que depois ele se recuperou, meu senhor.

— Não entendo por que o senhor me contou essa história — Veltchanínov franziu as sobrancelhas, com ar severo.

— Tudo isso é porque, no final, meu senhor, ele meteu a faca — Pável Pávlovitch deu uma risadinha. — Afinal, é evidente que ele não é um tipo, meu senhor, mas sim um homem-pirralho, quando, de tanto medo, esquece até a decência e se pendura no pescoço das damas, em

presença do governador... e, afinal de contas, ele meteu a faca, alcançou o que queria! Veja, foi só por causa disso, meu senhor, que eu contei.

— Vá para o di-a-bo — esbravejou Veltchanínov, de repente, com uma voz que não era a sua, como se algo tivesse estourado dentro dele. — Vá para o di-a-bo com sua imundície dos infernos, o senhor mesmo é uma imundície dos infernos... quer meter medo em mim... torturador de criança... ordinário... canalha, canalha, canalha! — berrou, fora de si e sufocando a cada palavra.

Pável Pávlovitch estremeceu todo, deu até um pulo; os lábios começaram a tremer:

— É a mim que o senhor, Aleksei Ivánovitch, está chamando de canalha, *o senhor*, é a *mim*?

Mas Veltchanínov já havia se recuperado.

— Estou disposto a me desculpar — respondeu, depois de calar-se um pouco e refletir com ar sombrio. — Mas apenas se o senhor mesmo, e agora mesmo, se dispuser a agir com franqueza.

— Pois, no seu lugar, Aleksei Ivánovitch, eu pediria desculpas em qualquer hipótese.

— Está bem, que seja — mais uma vez, Veltchanínov calou-se um pouco. — Peço desculpas ao senhor; mas o senhor mesmo há de convir, Pável Pávlovitch, que depois de tudo isso eu já não me considero em dívida com o senhor em nenhum aspecto, ou seja, estou falando em relação a tudo, e não só ao caso presente.

— Não tem importância, meu senhor, de que adianta prestar contas? — Pável Pávlovitch deu um sorriso malicioso, olhando, no entanto, para o chão.

— Se é assim, tanto melhor, tanto melhor! Tome sua bebida e deite, porque, apesar de tudo, não vou deixar o senhor ir embora daqui...

— Mas que bebida...? — Pável Pávlovitch pareceu um pouco confuso, no entanto se aproximou da mesa e tratou de beber até o fim seu último copo, que ele havia servido já fazia tempo. Talvez, antes disso, já tivesse bebido muito, pois agora sua mão tremia e derramou parte da bebida no chão, na camisa e no colete, mas mesmo assim ele bebeu tudo, até o fim, como se não pudesse deixar nenhuma bebida no copo, e, depois de colocar respeitosamente sobre a mesa o copo esvaziado, seguiu obediente na direção de seu leito para despir-se.

— Mas será que não seria melhor... eu não pernoitar aqui? — falou de repente, por qualquer motivo, depois de descalçar um pé e já com a bota na mão.

— Não, não é melhor! — respondeu furioso Veltchanínov, que caminhava pelo quarto sem parar e sem olhar para ele.

O outro se despiu e deitou-se. Depois de quinze minutos, Veltchanínov deitou-se também e apagou a vela.

Ao adormecer, estava inquieto. Algo novo, e que confundia ainda mais a *questão*, de repente, vindo não se sabe de onde, agora o perturbava e, ao mesmo tempo, ele sentia que essa mesma perturbação, por algum motivo, lhe dava vergonha. Já estava começando a adormecer, mas uma espécie de rumor o despertou, de repente. Na mesma hora, olhou para o leito de Pável Pávlovitch. O quarto estava escuro (as cortinas estavam baixadas), mas ele teve a impressão de que Pável Pávlovitch não estava deitado, tinha erguido o tronco e estava sentado na cama.

— O que é que você tem? — gritou Veltchanínov.

— A sombra, meu senhor — respondeu Pável Pávlovitch, com voz quase inaudível, depois de esperar um pouco.

— O que foi, que sombra?

— Ali, naquele quarto, na porta, parece que vi uma sombra, meu senhor.

— A sombra de quem? — perguntou Veltchanínov, depois de um breve silêncio.

— De Natália Vassílievna, meu senhor.

Veltchanínov ergueu o tronco, pôs os pés no tapete e também olhou, através da saleta da entrada, para o outro quarto, cuja porta ficava sempre aberta. Lá não havia cortinas na janela, apenas um estore, e por isso estava muito claro.

— Não há nada naquele quarto, e o senhor está bêbado, deite-se! — disse Veltchanínov, deitando-se e enrolando-se no cobertor. Pável Pávlovitch não disse nenhuma palavra e deitou-se também.

— O senhor nunca viu a sombra antes? — perguntou Veltchanínov, de repente, já uns dez minutos depois.

— Uma vez acho que vi, meu senhor — respondeu Pável Pávlovitch, com voz fraca e também depois de certa demora. Em seguida, de novo se fez um silêncio.

Veltchanínov não poderia dizer com segurança se dormira ou não, mas já havia passado mais ou menos uma hora quando ele, mais uma vez, se virou de repente: um rumor o despertou de novo — ele também não sabia, mas lhe pareceu que, no meio da escuridão completa, algo se erguia à sua frente, algo branco, que ainda não o havia alcançado, mas já estava no meio do quarto. Sentou-se na cama e olhou fixamente, durante um minuto inteiro.

— É o senhor, Pável Pávlovitch? — falou com voz debilitada. Foi sua própria voz que irrompeu de repente na escuridão e, de algum modo, na escuridão, lhe pareceu estranha.

Não veio resposta, mas já não havia a menor dúvida de que alguém estava ali.

— É o senhor, Pável Pávlovitch? — repetiu mais alto, e até tão alto que, caso Pável Pávlovitch estivesse dormindo tranquilo em sua cama, não poderia deixar de acordar e responder.

Porém, de novo, não veio resposta, em compensação lhe pareceu que aquela figura branca, e que mal dava para distinguir, estava chegando mais perto. Foi então que ocorreu uma coisa estranha: de repente, algo estourou dentro dele, exatamente como pouco antes, e Veltchanínov desatou a berrar com a mesma voz louca e absurda, quase sufocando a cada palavra:

— Se é o senhor, seu palhaço bêbado, nem se atreva a imaginar que é capaz de me meter medo, eu vou virar para a parede, cobrir a cabeça e não vou me virar de novo a noite toda, nenhuma vez, só para lhe mostrar a importância que estou dando, ainda que o senhor fique aí parado até de manhã... que nem um palhaço... eu cuspo no senhor!

E, depois de cuspir com raiva na direção do suposto Pável Pávlovitch, virou-se de repente para a parede, cobriu-se com o cobertor, como tinha dito, e ficou nessa posição sem se mexer, como um defunto. Fez-se um silêncio mortal. Se a sombra se aproximava ou estava no mesmo lugar ele não podia saber, mas o coração batia, batia, batia... Passaram, pelo menos, uns bons cinco minutos; e de repente, a dois passos dele, soou a voz fraca, toda queixosa, de Pável Pávlovitch:

— Eu, Aleksei Ivánovitch, me levantei para procurar... — e disse o nome de um objeto doméstico indispensável. — Não encontrei ao lado da minha cama... queria procurar ao lado da sua cama, discretamente, meu senhor.

— Por que o senhor ficou calado... quando eu gritei? — perguntou Veltchanínov, com voz entrecortada, após meio minuto de espera.

— Fiquei com medo. O senhor gritou de um jeito... e eu fiquei com medo, meu senhor.

— Ali no canto, à esquerda, junto à porta, na estantezinha, acenda a vela...

— Eu acho mesmo sem a vela, meu senhor... — respondeu Pável Pávlovitch humildemente, indo para o canto. — O senhor me perdoe, Aleksei Ivánovitch, por todo esse incômodo... de repente, parece que me embriaguei tanto...

Mas o outro já não respondeu nada. Continuou deitado, de cara para a parede, e assim ficou a

noite toda, sem se virar nem uma vez. Será que, dessa forma, queria cumprir sua promessa e lhe mostrar desprezo? Nem ele mesmo sabia o que estava acontecendo consigo; sua perturbação nervosa, afinal, se transformou quase num delírio, e ele passou muito tempo sem pegar no sono. Ao despertar, na manhã seguinte, depois de nove horas, ergueu-se bruscamente e sentou-se na cama, como se alguém o tivesse empurrado. Mas Pável Pávlovitch já não estava no quarto! Só restava uma cama vazia e desfeita, pois ele mesmo já havia escapulado ao nascer do dia.

— Eu já sabia! — Veltchanínov deu um tapa na testa.

* No casamento ortodoxo, os noivos são coroados.

10
NO CEMITÉRIO

Os temores do médico se revelaram justificados e Liza piorou de repente — e piorou de um modo como nem Veltchanínov nem Klávdia Petrovna haviam imaginado, na véspera. De manhã, Veltchanínov encontrou a enferma ainda consciente, embora ardesse toda de febre; depois, ele garantia que Liza havia sorrido para ele e que até lhe estendera a mãozinha ardente. Se era mesmo verdade ou se ele havia imaginado aquilo, de modo involuntário, como um consolo, Veltchanínov nem teve tempo de verificar; à noite, a enferma perdeu a consciência e assim continuou durante todo o tempo da doença. Dez dias depois de mudar-se para a casa de campo, ela morreu.

Foi um tempo sofrido para Veltchanínov; os Pogoriéltsev chegaram a temer por ele. Passou a maior parte daqueles dias na casa dos Pogoriéltsev. No último dia da enfermidade de Liza, Veltchanínov ficou sentado sozinho por horas inteiras num canto qualquer e, pelo visto, não pensava em nada; Klávdia Petrovna chegava perto para entretê-lo, mas ele pouco respondia, às vezes se mostrava visivelmente incomodado de conversar com ela. Klávdia Petrovna nem esperava que “tudo isso produzisse tamanha impressão” sobre ele. O que mais o distraía eram as crianças; com elas, Veltchanínov às vezes chegava a rir; mas, quase de hora em hora, levantava da cadeira e ia, na ponta dos pés, espiar a enferma. Às vezes, lhe parecia que Liza o reconhecia. Esperanças de cura ele não tinha nenhuma, como todos, mas não se afastava do quarto onde Liza estava morrendo e, em geral, ficava no quarto vizinho.

No entanto, por duas vezes naqueles dias ele entrou, de repente, numa agitação extraordinária: levantava-se, precipitava-se para Petersburgo em busca de médicos, chamava os mais famosos e formava juntas médicas. A segunda e última junta médica ocorreu na véspera da morte da paciente. Três dias antes, Klávdia Petrovna conversara com Veltchanínov, de modo enfático, sobre a necessidade de descobrir, afinal, o paradeiro do sr. Trussótski, onde quer que ele estivesse: “No caso de acontecer uma desgraça, não vai ser possível nem enterrar Liza, sem ele”. Veltchanínov balbuciou que ia escrever para Pável Pávlovitch. Então o velho Pogoriéltsev avisou que ele mesmo iria localizá-lo por meio da polícia. Veltchanínov, afinal, escreveu um bilhete de duas linhas e levou para o hotel Pokróvskaia. Como de costume, Pável Pávlovitch não estava, mas Veltchanínov deixou o bilhete com Mária Sissóievna para que ela o entregasse.

Enfim, Liza morreu numa bela tarde de verão, junto com o pôr do sol, e só então Veltchanínov pareceu despertar. Quando arrumaram a morta com um vestido branco de festa de uma das filhas de Klávdia Petrovna e a colocaram sobre a mesa na sala, com flores nas mãozinhas cruzadas, Veltchanínov se aproximou de Klávdia Petrovna e, com olhos faiscantes,

avisou que agora iria trazer o “assassino”. Sem ouvir os conselhos de deixar para o dia seguinte, ele partiu às pressas para a cidade.

Sabia onde encontrar Pável Pávlovitch: não foi só em busca de médicos que andara por Petersburgo. Naqueles dias, às vezes, ele tinha a impressão de que, se levasse o pai até a moribunda Liza, ela voltaria a si, ao ouvir sua voz; então, como um desesperado, Veltchanínov saía à sua procura. Até então, Pável Pávlovitch estava hospedado na pensão, só que já não adiantava mais perguntar por ele ali: “Há três dias que não dorme no seu quarto nem tem ficado aqui”, relatou Mária Sissóievna. “Quando por acaso aparece, está embriagado, não fica nem uma hora e vai embora de novo, se arrastando; está todo desarvorado.” Um funcionário da estrebária do hotel Pokróvskaia revelou para Veltchanínov, entre outras coisas, que Pável Pávlovitch, desde antes, visitava certas moças na avenida Voznessiénski. Sem demora, Veltchanínov encontrou as tais moças. Devidamente presenteadas e servidas de comes e bebes, elas logo se lembraram de seu visitante, sobretudo por causa do chapéu com uma fita de crepe, e aproveitaram para xingar o homem, claro, por não ter ido mais visitá-las. Uma delas, Kátia, se incumbiu de “encontrar o Pável Pávlovitch a qualquer hora, porque ele agora não sai mais da casa de Machka Prostakova, ele tem dinheiro que não acaba mais, e essa Machka não é Prostakova nada, mas sim Prokhvostova, e já foi até parar no hospital, uma vez, e era só ela, a Kátia, querer, que a tal Machka ia ser banida para a Sibéria, bastava dizer uma palavrinha só”. Kátia, no entanto, não o encontrou naquela vez, em compensação prometeu com ênfase que de outra vez o encontraria. E agora era com a ajuda dela que Veltchanínov estava contando.

Chegou à cidade já às dez horas e mandou chamá-la imediatamente, pagando a quem fosse devido para cobrir a ausência da moça, e saiu com Kátia à procura de Pável Pávlovitch. O próprio Veltchanínov ainda não sabia exatamente o que fazer com ele agora; iria matá-lo por sabe-se lá que motivo ou queria encontrá-lo apenas para comunicar a morte da filha e a necessidade de sua ajuda para o enterro? Na primeira vez, não deu certo: constatou-se que Machka Prokhvostova tinha brigado com Pável Pávlovitch dois dias antes e que certo tesoureiro tinha “quebrado a cabeça de Pável Pávlovitch com um banquinho”. De fato, por muito tempo ele não foi localizado, até que, finalmente, já às duas horas da madrugada, de súbito e de modo inesperado, na entrada de um estabelecimento que lhe foi indicado, Veltchanínov deu de cara com ele.

Pável Pávlovitch, completamente bêbado, estava sendo conduzido para aquele estabelecimento por duas damas; uma delas vinha de braço dado com ele e, atrás, os acompanhava um queixoso robusto, de costas largas, que berrava a plenos pulmões e, de modo terrível, ameaçava Pável Pávlovitch com sabe-se lá que horrores. Entre outras coisas, gritava que ele o “explorava e estava envenenando sua vida”. A questão parecia ter a ver com dinheiro; as damas estavam muito assustadas e caminhavam depressa. Ao ver Veltchanínov, Pável Pávlovitch se precipitou na direção dele e, de braços abertos, começou a gritar, como se estivesse levando facadas.

— Meu irmão de sangue, socorro!

Diante da figura atlética de Veltchanínov, na mesma hora o queixoso bateu em retirada; Pável Pávlovitch, triunfante, cerrou o punho, brandiu-o no ar na direção das costas do outro e esbravejou em sinal de vitória; nesse ponto, Veltchanínov agarrou-o pelo ombro com fúria e, sem que ele mesmo soubesse para quê, começou a sacudi-lo com as duas mãos, a tal ponto que os dentes chegaram a bater uns contra os outros. Na mesma hora, Pável Pávlovitch parou de gritar e, com um temor bêbado e obtuso, olhava para seu carrasco. Provavelmente sem saber o que mais fazer com ele, Veltchanínov abaixou-o com força e o pôs sentado num pequeno pilar

na calçada.

— Liza morreu! — exclamou.

Pável Pávlovitch, sempre sem desviar os olhos dele, continuava sentado, amparado por uma das damas. Por fim, caiu em si e, de repente, seu rosto pareceu murchar.

— Morreu... — sussurrou de modo estranho. Se ele sorriu com aquele seu repugnante sorriso comprido e bêbado ou se algo se retorceu em seu rosto Veltchanínov não conseguiu distinguir, porém, um instante depois, Pável Pávlovitch ergueu com esforço a trêmula mão direita para fazer o sinal da cruz; no entanto, não conseguiu formar a cruz e a trêmula mão baixou. Depois de esperar um pouco, lentamente se levantou do pequeno pilar, agarrou-se à sua dama e, escorando-se nela, seguiu seu caminho como que fora de si, como se Veltchanínov nem estivesse ali. Mas este, de novo, o segurou pelo ombro.

— Será que você, seu demônio embriagado, não entendeu que sem você não vai ser possível fazer o enterro? — berrou, sufocado.

O outro virou a cabeça para ele.

— O subtenente... de artilharia... lembra? — gaguejou aturdido, com a língua enrolada.

— O quê-ê-ê? — esbravejou Veltchanínov, com um choque doloroso.

— Pois é, esse é o pai! Vá atrás dele... para fazer o enterro...

— Está mentindo! — começou a gritar Veltchanínov como que desnorreado. — Está falando por maldade... eu já sabia que você estava me preparando alguma coisa!

Fora de si, ergueu o punho terrível acima da cabeça de Pável Pávlovitch. Mais um instante e talvez o matasse com um só golpe; as damas deram guinchos esganiçados e voaram sobre ele, mas Pável Pávlovitch nem piscava. Uma espécie de delírio, feito do rancor mais atroz, retorcia todo o seu rosto.

— E o senhor conhece — falou com imensa firmeza, quase como se não estivesse embriagado — a nossa expressão russa...? — E pronunciou uma expressão chula impubescível. — Pois é para lá que eu quero que você vá! — Então, desvencilhando-se com força das mãos de Veltchanínov, pisou em falso e quase caiu. As damas o seguraram mais uma vez e logo correram, aos gritos, quase arrastando Pável Pávlovitch atrás de si. Veltchanínov não os seguiu.

No dia seguinte, à tarde, na casa de campo dos Pogoriéltsev, apareceu um funcionário de meia-idade, muito respeitável, de uniforme,* e entregou educadamente para Klávdia Petrovna um pacote endereçado a ela, da parte de Pável Pávlovitch Trussótski. O pacote continha uma carta, acompanhada de trezentos rublos, e os indispensáveis documentos de Liza. Pável Pávlovitch escreveu de modo sucinto, muitíssimo respeitoso e com todo o decoro. Agradecia muito a sua excelência Klávdia Petrovna por seu virtuoso cuidado com a órfã, pelo que só Deus poderia recompensá-la. De modo vago, mencionava que uma doença grave não permitia que ele fosse pessoalmente enterrar a filha infeliz, que ele amava com ternura, e portanto depositava todas as esperanças na angelical bondade de espírito de sua excelência. Os trezentos rublos, como ele explicava mais adiante, na carta, destinavam-se ao enterro e, em geral, às despesas causadas pela enferma. Caso ainda sobrasse algo daquela quantia, ele pedia, da maneira mais respeitosa e humilde, que fosse empregado encomendando missas pelo repouso eterno da alma da finada Liza. O funcionário que entregou a carta não pôde explicar mais nada; a julgar por algumas de suas palavras, parecia até que ele só se dispusera a entregar pessoalmente a carta e o pacote a sua excelência em razão de um pedido enfático de Pável Pávlovitch. Pogoriéltsev quase se ofendeu com a expressão “despesas causadas pela enferma” e, depois de reservar cinquenta rublos para o funeral — já que não era possível impedir que um pai enterrasse a filha —, decidiu

devolver prontamente ao sr. Trussótski os duzentos e cinquenta rublos restantes. Klávdia Petrovna decidiu, no final, em vez de devolver os duzentos e cinquenta rublos, mandar um recibo da igreja do cemitério, atestando que o dinheiro foi usado para encomendar missas pelo repouso eterno da alma da finada adolescente Elizavieta. Mais tarde, o recibo foi entregue a Veltchanínov para que o encaminhasse o mais depressa possível; ele o enviou para a pensão pelo correio.

Depois do enterro, Veltchanínov desapareceu por completo da casa de campo. Ficou duas semanas inteiras à toa na cidade, sem nenhum propósito, sozinho, tão pensativo que chegava a esbarrar nas pessoas. Às vezes, ficava dias inteiros deitado, estendido no sofá, em seu quarto, esquecendo-se das coisas mais corriqueiras. Várias vezes, os Pogoriéltsev mandaram chamá-lo para ir à casa deles; Veltchanínov prometia ir e logo depois esquecia. Klávdia Petrovna chegou a ir à casa dele, mas não o encontrou lá. O mesmo aconteceu com o advogado de Veltchanínov; entretanto, o advogado tinha uma notícia para lhe dar: a questão do litígio fora resolvida de forma inteiramente favorável e a parte contrária aceitara um acordo, em troca de uma compensação que era uma fração insignificante da herança em disputa. Restava apenas a aprovação do próprio Veltchanínov. Quando, afinal, o encontrou em casa, o advogado ficou admirado com o extraordinário abatimento e a indiferença com que ele, até pouco antes um cliente tão inquieto, o escutou.

Eram os dias mais quentes de julho, mas Veltchanínov nem reparava no tempo. Seu desgosto doía na alma, como um abscesso maduro, e se apresentava para ele, com clareza e a todo momento, na forma de uma ideia consciente e dolorosa. Seu principal sofrimento consistia em que Liza não tinha conseguido reconhecê-lo e havia morrido sem saber como ele a amava de maneira torturante! Todo o seu propósito na vida, que reluzia diante dele numa luz tão alegre, de repente se apagou na escuridão eterna. Esse propósito se resumia exatamente a — agora ele pensava nisso sem parar — Liza sentir de modo ininterrupto, todo dia, toda hora e a vida toda, o amor que ele tinha por ela. “Ninguém, pessoa nenhuma, pode ter na vida um objetivo mais elevado do que esse!”, pensava, às vezes, numa exaltação sombria. “Se existem outros propósitos, nenhum pode ser mais sagrado do que esse!” “Por meio do amor de Liza”, sonhava Veltchanínov, “poderia redimir toda a minha vida sórdida e inútil; em vez do indolente, depravado e caduco que sou, eu poderia criar para a vida uma criatura pura e bela e, por causa dessa criatura, tudo me seria perdoado e eu mesmo me perdoaria por tudo.”

Todos esses pensamentos *conscientes* sempre se apresentavam a ele inseparáveis da lembrança clara da criança morta, sempre próxima e que sempre causava um choque em sua alma. Veltchanínov reconstituía o rostinho pálido, recordava todas as suas expressões; lembrava-se dela também no caixão, com as flores, e ainda antes, inconsciente, com febre, de olhos abertos e imóveis. De repente, lembrou que, quando Liza já estava estirada sobre a mesa, ele reparou que durante a doença um de seus dedinhos tinha ficado enegrecido, só Deus sabe a razão; na hora, aquilo o impressionou tanto, e ele sentiu tanta pena daquele pobre dedo, que pela primeira vez lhe veio à cabeça a ideia de ir, na mesma hora, atrás de Pável Pávlovitch e matá-lo — até então, ele “estava como que inconsciente”. Teria sido o orgulho ferido que torturou aquele coraçãozinho infantil, ou foram os três meses de sofrimentos causados pelo pai, que de repente trocou o amor pelo ódio e a ofendeu com palavras infames, escarneceu de seus temores e, por fim, abandonou-a com pessoas estranhas? Veltchanínov refletia sobre tudo aquilo sem cessar e de mil maneiras. “E o senhor sabe o que Liza é para mim?”, lembrou-se de repente da exclamação do bêbado Trussótski e sentiu que essa exclamação já não era uma de suas

palhaçadas e que, na verdade, ali existia amor. “Como é que esse monstro pôde ser tão cruel com uma criança a quem amava tanto, será possível?” No entanto, ele sempre deixava logo de lado essa pergunta e como que se esquivava dela; havia algo terrível naquela pergunta, para ele, algo insuportável e... sem solução.

Certo dia, sem que ele mesmo se desse conta, Veltchanínov foi parar no cemitério onde Liza estava enterrada e procurou sua sepultura. Desde o enterro, não ia ao cemitério; sempre achava que o sofrimento seria demais e não tomava coragem de ir. Mas o estranho é que, quando se inclinou sobre a sepulturazinha e beijou-a, de repente sentiu um alívio. A noite estava clara, o sol estava se pondo; em volta, ao redor do túmulo, crescia a grama verde e viçosa, perto, numa roseira silvestre, uma abelha zumbia; as flores e as grinaldas, deixadas sobre a sepultura de Liza pelas crianças e por Klávdia Petrovna depois do enterro, continuavam no mesmo lugar, com metade das pétalas caídas. Pela primeira vez depois de muito tempo, uma espécie de esperança refrescou seu coração. “Que alívio!”, pensou, sentindo o silêncio do cemitério e olhando para o céu claro e sereno. O extravasamento de uma espécie de fé, pura e tranquila, em alguma coisa, inundou sua alma. “Foi Liza que mandou isso para mim, é ela que está falando comigo”, lhe veio ao pensamento.

Já estava escurecendo bastante quando tomou o caminho de volta, do cemitério para casa. Não muito longe do portão do cemitério, na rua, numa casinha baixa de madeira, havia algo semelhante a uma taberna ou uma cantina; pelas janelas abertas, viam-se os fregueses sentados às mesas. De repente, teve a impressão de que um deles, que se encontrava bem junto à janela, era Pável Pávlovitch e que ele também o estava vendo e observando com curiosidade, através da janelinha. Veltchanínov seguiu adiante, mas logo ouviu que alguém estava vindo atrás dele; de fato, Pável Pávlovitch vinha correndo em sua direção; na certa, a expressão conciliadora no rosto de Veltchanínov o atraíu e o encorajou, quando o outro o observou através da janelinha. Depois que o alcançou, Pável Pávlovitch sorriu, tímido, mas já não era o sorriso bêbado de antes; ele nem estava bêbado.

— Boa noite — disse.

— Boa noite — respondeu Veltchanínov.

* No Império Russo, os funcionários civis usavam uniformes.

PÁVEL PÁVLOVITCH SE CASA

Ao responder àquele “boa noite”, ele mesmo se admirou. Pareceu-lhe estranhíssimo que encontrasse, agora, aquele homem sem raiva nenhuma, e que, em seus sentimentos por ele, naquele instante, houvesse algo completamente diferente e até uma espécie de ânsia de algo novo.

— Que noite agradável — falou Pável Pávlovitch, fitando seus olhos.

— O senhor ainda não partiu — Veltchanínov pronunciou a frase não como se fizesse uma pergunta, mas como se apenas estivesse refletindo, e continuou a andar.

— Acabei adiando, mas... saiu aquela minha nomeação, meu senhor, a promoção. Vou embora depois de amanhã, com certeza.

— O senhor ganhou a promoção? — dessa vez, ele já perguntou.

— Por que não ganharia, meu senhor? — de repente, Pável Pávlovitch fez uma careta.

— Eu só falei por falar... — explicou-se Veltchanínov e, franzindo as sobrancelhas, olhou de lado para Pável Pávlovitch. Para sua surpresa, a roupa, o chapéu com a fita de crepe, todo o aspecto do sr. Trussótski estava incomparavelmente mais digno do que duas semanas antes. “O que ele estava fazendo naquela taberna?”, pensava o tempo todo.

— Aleksei Ivánovitch, eu queria comunicar ao senhor a minha nova alegria — começou Pável Pávlovitch, mais uma vez.

— Que alegria?

— Vou me casar, meu senhor.

— Como é?

— Depois da dor, vem a alegria, meu senhor, na vida é sempre assim; eu, Aleksei Ivánovitch, gostaria muito, meu senhor... mas... não sei, talvez o senhor agora esteja com pressa, porque está com um aspecto, meu senhor...

— Sim, estou com pressa, e além disso... pois é, estou doente.

De repente, sentiu uma vontade enorme de desvencilhar-se dele; a disposição para uma espécie de sentimento novo desapareceu num instante.

— Mas, meu senhor, eu gostaria de...

Pável Pávlovitch não terminou de dizer o que gostaria; Veltchanínov continuou calado.

— Nesse caso, fica para mais tarde, meu senhor, se ainda nos encontrarmos...

— Sim, sim, mais tarde, mais tarde — balbuciou Veltchanínov, atropelando as palavras, sem olhar para ele e sem se deter. Ficaram mais um minuto em silêncio; Pável Pávlovitch continuou a caminhar a seu lado.

— Nesse caso, até logo, meu senhor — disse, afinal.

— Até logo; desejo...

Veltchanínov voltou para casa, mais uma vez completamente perturbado.

Topar com “aquele homem” era algo acima de suas forças. Ao deitar para dormir, pensou, de novo: “O que ele estava fazendo ali do lado do cemitério?”.

No dia seguinte, de manhã, resolveu finalmente fazer uma visita aos Pogoriéltsev, e resolveu a contragosto; agora, para ele, a simpatia dos outros era algo penoso demais, ainda que viesse dos Pogoriéltsev. Porém se mostravam tão preocupados com ele que era indispensável ir até lá. De repente, pareceu-lhe que, por alguma razão, sentiria muita vergonha naquele primeiro reencontro. “Vou ou não vou?”, pensava, enquanto terminava às pressas o café da manhã, quando, de súbito, para seu extraordinário espanto, Pável Pávlovitch entrou em sua casa.

Apesar do encontro da véspera, Veltchanínov não poderia imaginar que aquele homem, algum dia, voltaria à sua casa, e ficou tão perplexo que olhava para ele sem saber o que dizer. Mas o próprio Pável Pávlovitch tomou a iniciativa, cumprimentou-o e se instalou na mesma cadeira em que sentara três semanas antes, em sua última visita. De repente, Veltchanínov recordou com clareza aquela visita. Olhava para ele com inquietação e repugnância.

— O senhor está admirado? — começou Pável Pávlovitch, que adivinhou o sentido do olhar de Veltchanínov.

No geral, parecia muito mais à vontade que na véspera e, entretanto, transparecia que estava ainda mais intimidado que no dia anterior. Sua aparência era especialmente curiosa. O sr. Trussótski estava vestido de modo não apenas decente, mas no primor da elegância — casaco leve de verão, calças claras e apertadas, colete claro; luvas, um lornhão de ouro, que apareceu de repente, não se sabe para quê, a camisa branca — tudo imaculado; exalava até um perfume. Havia em toda a sua figura algo ridículo e que, entretanto, sugeria uma ideia estranha e desagradável.

— Naturalmente, Aleksei Ivánovitch — prosseguiu ele, se retraindo —, eu o deixei surpreso com minha chegada, meu senhor... sinto muito. Porém, entre as pessoas, é o que eu penso, sempre se conserva... e, para mim, também se deve conservar... algo superior, não acha, meu senhor? Ou seja, superior em relação a todas as condições, e mesmo as mais desagradáveis que possam surgir... não acha, senhor?

— Pável Pávlovitch, diga tudo logo de uma vez e sem cerimônia — Veltchanínov franziu as sobrancelhas.

— Em duas palavras — apressou-se Pável Pávlovitch —, eu vou me casar e estou indo, agora, me encontrar com minha noiva, meu senhor. Eles também estão numa casa de campo. Eu gostaria de ter a profunda honra de poder tomar a liberdade de apresentar o senhor a essa família, e vim aqui, meu senhor, apresentar esse pedido extraordinário (Pável Pávlovitch baixou a cabeça, com humildade) e solicitar ao senhor que me acompanhe...

— Acompanhar até onde? — Veltchanínov fitou-o nos olhos.

— Até a casa deles, ou seja, à casa de campo, meu senhor. Desculpe, estou falando como se estivesse febril e talvez soe confuso; mas tenho tanto receio de que o senhor não aceite...

E olhou para Veltchanínov com ar choroso.

— O senhor quer que eu vá agora, com o senhor, à casa da sua noiva? — concluiu Veltchanínov, lançando um olhar ligeiro para ele e sem acreditar nos próprios ouvidos, nos próprios olhos.

— Sim, senhor — de súbito, Pável Pávlovitch se assustou horivelmente. — O senhor não se

zangue, Aleksei Ivánovitch, não há nisso nenhum atrevimento; eu só estou convidando com a maior humildade e de forma excepcional. Sonhei que talvez o senhor não quisesse recusar esse...

— Em primeiro lugar, é absolutamente impossível — Veltchanínov começou a se revirar, com inquietação.

— É apenas meu desejo desmedido e não mais do que isso, meu senhor — o outro continuou a implorar. — Tampouco vou esconder que existe, aqui, um motivo, meu senhor. Mas esse motivo eu gostaria de revelar somente mais tarde; agora, meu senhor, eu apenas peço de forma excepcional...

E chegou a se levantar da cadeira, em sinal de respeito.

— Mas, em todo caso, é realmente impossível, o senhor mesmo há de convir... — Veltchanínov levantou-se também.

— É perfeitamente possível, Aleksei Ivánovitch... planejei apresentar o senhor como um amigo; em segundo lugar, mesmo sem isso, o senhor já é conhecido deles; pois se trata da família Zakhliébínin, estão em sua casa de campo. O conselheiro de Estado Zakhliébínin, meu senhor.

— Como assim? — exclamou Veltchanínov. Era o mesmo conselheiro de Estado que, um mês antes, ele tanto havia procurado, sem conseguir encontrá-lo em casa, e que parecia trabalhar em favor da parte contrária, em seu litígio judicial.

— Pois é, pois é — sorriu Pável Pávlovitch, que se mostrou animado com a extrema surpresa de Veltchanínov. — Ele mesmo, veja só, o senhor ainda lembra quando estava caminhando ao lado dele e os dois estavam conversando, e eu, parado do outro lado da rua, olhava para o senhor; naquela ocasião, eu estava só esperando uma chance para me aproximar e falar com ele, depois do senhor. Faz uns vinte anos, nós dois até trabalhamos juntos, meu senhor, e então, naquela ocasião, na hora em que eu queria me aproximar dele, depois do senhor, eu ainda não tinha essa ideia. Foi só agora que a ideia me veio, de supetão, uma semana atrás.

— Mas, escute, afinal, parece que se trata de uma família perfeitamente respeitável, não é? — sorriu Veltchanínov, com ar inocente.

— Mas claro, por que não seria respeitável, meu senhor? — Pável Pávlovitch fez uma careta.

— Não, sem dúvida, eu não quis dizer... Mas, pelo que percebi, quando estive lá...

— Eles se lembram, meu senhor, eles se lembram da sua visita — confirmou Pável Pávlovitch, com alegria. — Só que, na ocasião, o senhor não pôde conhecer a família; mas ele mesmo está bem lembrado e respeita o senhor. Falei com eles respeitosamente sobre o senhor.

— Mas como pode ser, se faz apenas três meses que o senhor enviuvou?

— Mas, afinal de contas, o casamento não vai ser agora, meu senhor; o casamento será daqui a nove ou dez meses, e assim vai se completar exatamente um ano de luto, meu senhor. Acredite, está tudo certo. Primeiro, Fedossiéi Petróvitch me conhece desde a mocidade, conhecia minha falecida esposa, sabe como eu vivia, conhece minha reputação e, por fim, sabe que tenho uma boa condição, e agora, veja, estou ganhando uma promoção... portanto, tudo isso pesa, meu senhor.

— Mas então é com a filha dele?

— Vou contar tudo isso em detalhes, meu senhor. — Pável Pávlovitch se encolheu, com satisfação. — Permita que eu fume um cigarrinho. Além do mais, o senhor mesmo vai ver, hoje. Em primeiro lugar, homens de negócio como Fedossiéi Petróvitch, aqui em Petersburgo, às vezes são muito estimados no serviço público, se conseguem chamar a atenção, meu senhor.

Porém, veja só, afora o salário e outras coisas, gratificações, abonos, complementações de despesa, subsídios e subvenções isoladas, ele não tem nada, meu senhor, ou seja, nada que constitua um capital fixo. Vivem bem, mas, com toda a família, é absolutamente impossível acumular um patrimônio, meu senhor. Imagine o senhor mesmo: Fedossiéi Petróvitch tem oito filhas solteiras e só um menino, o caçula, ainda pequeno. Se ele morrer agora, vai deixar apenas uma pensão minguada. E são oito filhas solteiras... não, o senhor pode imaginar, pense bem: só para comprar sapatos para cada uma delas, imagine a despesa! Das oito filhas, cinco já estão em idade de casar, a mais velha tem vinte e quatro anos (que moça mais adorável, o senhor mesmo vai se admirar!), e a sexta tem quinze anos, ainda estuda no liceu. Pois bem, para as cinco mais velhas, é preciso encontrar noivos, o que deve ser feito o mais depressa possível, e portanto, meu senhor, o pai precisa apresentar as filhas... E quanto isso custa, eu pergunto ao senhor? E aí, de repente, eu apareço, o primeiro noivo na casa deles, meu senhor, e já sou bem conhecido deles, ou seja, no sentido de que tenho um patrimônio sólido. Pois aí está, isto é tudo, meu senhor.

Pável Pávlovitch explicava com entusiasmo.

— O senhor pediu a mão da mais velha?

— Não, meu senhor, eu... não foi da mais velha; olhe, pedi a mão da sexta, aquela que ainda está estudando no liceu.

— Como? — Veltchanínov não pôde deixar de sorrir. — Mas o senhor acabou de dizer que ela tem quinze anos!

— Quinze anos agora; daqui a nove meses, já vai ter dezesseis, dezesseis anos e três meses, e então por que não, meu senhor? Como, neste momento, tudo isso não fica bem, por enquanto não se comenta nada, só com os pais... Acredite, tudo está acertado, meu senhor!

— Portanto, ainda não foi decidido?

— Sim, está decidido, tudo está decidido, meu senhor. Acredite, está acertado.

— E ela sabe?

— Quer dizer, por uma questão de decência, eles fazem de conta que não há nada e não comentam; mas como ela pode não saber? — Pável Pávlovitch contraiu os olhos com satisfação. — E então, ficou contente, Aleksei Ivánovitch? — concluiu, com uma timidez horrorosa.

— Mas para que eu vou lá? Aliás — acrescentou, às pressas —, não irei em nenhuma hipótese, nem adianta me apresentar motivos.

— Aleksei Ivánovitch...

— Já pensou, eu sentar ao lado do senhor num coche e ir até lá, imagine só!

A sensação abominável e hostil retornou, de novo, após o momento de distração criado pela tagarelice de Pável Pávlovitch sobre a noiva. Pelo visto, bastaria só mais um minuto para que ele o enxotasse pela porta afora. Por algum motivo, sentia raiva até de si mesmo.

— Vamos, Aleksei Ivánovitch, sente-se ao meu lado no coche e não vai se arrepender! — implorou Pável Pávlovitch, com voz compenetrada. — Não-não-não! — Abanou as mãos no ar, ao notar um gesto impaciente e decidido de Veltchanínov. — Aleksei Ivánovitch, Aleksei Ivánovitch, espere um pouquinho antes de julgar, meu senhor! Vejo que o senhor talvez tenha me entendido muito mal: afinal, compreendo perfeitamente que nem o senhor nem eu somos camaradas um do outro; também não sou tão desatinado a ponto de não entender isso, meu senhor. E o favor que estou pedindo hoje ao senhor não o obriga a nada no futuro. Além do mais, eu mesmo vou embora daqui depois de amanhã, por completo, para sempre, meu senhor; ou seja, será como se não tivesse acontecido nada. Este dia será só um incidente. Vim à casa do senhor e fundamentei minha esperança na nobreza dos sentimentos próprios do seu coração,

Aleksei Ivánovitch, aqueles mesmos sentimentos que, ultimamente, podem estar aguçados no seu coração, meu senhor... Enfim, vejamos, está claro o que estou dizendo ou ainda não está, meu senhor?

A comoção de Pável Pávlovitch tinha crescido ao máximo. Veltchanínov olhava para ele, com ar estranho.

— O senhor está pedindo uma espécie de favor da minha parte — perguntou ele, pensativo — e insiste de modo horrível... isso me deixa desconfiado: quero saber mais.

— Todo esse favor se resume em ir comigo até lá. Depois, quando voltarmos, vou revelar tudo ao senhor, como numa confissão. Aleksei Ivánovitch, confie em mim!

Mas Veltchanínov continuava a recusar, e com ainda mais tenacidade, porque sentia dentro de si uma espécie de pensamento opressivo, malévolos. Já havia algum tempo que esse pensamento ruim se remexia dentro dele, desde o início, a partir do momento em que Pável Pávlovitch mencionou a noiva: Veltchanínov ignorava se era simples curiosidade ou alguma atração ainda de todo obscura, mas que o impelia a aceitar o convite. E quanto mais o impelia, mais ele ficava na defensiva. Sentou-se, apoiou os braços nos cotovelos e se pôs a refletir. Pável Pávlovitch não parava de se movimentar à sua volta e o instigava.

— Está bem, eu vou — concordou Veltchanínov, de repente, aflito e quase angustiado, levantando-se da cadeira. Pável Pávlovitch se alegrou de forma desmedida.

— Mas, não, Aleksei Ivánovitch, o senhor agora tem de se vestir melhor — e ele se movimentava com alegria em redor de Veltchanínov, que estava se arrumando. — Vista-se com elegância, à sua maneira.

“O que será que ele está querendo? Que sujeito estranho!”, pensava Veltchanínov.

— E também não é só esse favor que espero do senhor, Aleksei Ivánovitch. Gostaria, meu senhor, que aceitasse, enfim, ser o meu conselheiro.

— Por exemplo?

— Por exemplo, a grande questão: e a fita de crepe? O que será mais digno: tirar ou deixar a fita de crepe no chapéu?

— Como preferir.

— Não, eu desejo seguir a decisão do senhor: como o senhor mesmo agiria, bem entendido, caso estivesse com uma fita de crepe? Minha ideia pessoal é de que, se eu mantiver a fita, será um sinal da constância dos sentimentos, meu senhor, e portanto, algo que me recomendaria de forma lisonjeira.

— Retire, não há dúvida.

— Será mesmo, não há dúvida? — Pável Pávlovitch se pôs pensativo. — Não, acho que seria melhor manter...

— Como preferir. — “No entanto, ele não confia em mim, que bom”, pensou Veltchanínov.

Saíram. Com satisfação, Pável Pávlovitch observava Veltchanínov, que tinha se arrumado bastante; no rosto de Pável Pávlovitch parecia até haver mais dignidade e importância. Veltchanínov se admirava com ele e mais ainda consigo mesmo. Junto ao portão, uma esplêndida carruagem os aguardava.

— Então o senhor já estava com uma carruagem pronta? Portanto, o senhor estava seguro de que eu iria?

— Contratei a carruagem para mim, meu senhor, mas estava quase seguro de que o senhor aceitaria ir — respondeu Pável Pávlovitch, com o aspecto de um homem perfeitamente feliz.

— Ora, Pável Pávlovitch — desatou a rir Veltchanínov, um pouco nervoso, quando já estavam

sentados na carruagem e em movimento. — Será que o senhor não está com certezas demais a meu respeito?

— Mas, ora essa, não há de ser o senhor, Aleksei Ivánovitch, não há de ser justamente o senhor quem vai me dizer que eu sou um tolo, não é? — retrucou Pável Pávlovitch, com firmeza e voz penetrante.

“E a Liza?”, pensou Veltchanínov, e imediatamente tratou de pôr essa ideia de lado, como que apavorado de cometer algum sacrilégio. E, de súbito, teve a impressão de que ele mesmo era tão minúsculo, tão insignificante naquele momento, lhe pareceu que o pensamento que o seduzia era um pensamento tão pequeno, tão sórdido... e então lhe veio de novo a vontade de largar tudo e saltar da carruagem, a despeito das consequências, ainda que para isso fosse necessário agredir Pável Pávlovitch. Mas o outro começou a falar e, de novo, a tentação dominou seu coração.

— Aleksei Ivánovitch, o senhor entende de joias?

— Que joias?

— Brillhantes, meu senhor.

— Entendo.

— Eu queria levar um presentinho. Oriente-me: devo ou não devo?

— A meu ver... não deve.

— Mas eu queria tanto... — Pável Pávlovitch começou a se remexer. — Só que não sei o que comprar, meu senhor. Um conjunto completo, ou seja, um broche, brincos, uma pulseira, ou uma coisinha só?

— Quanto o senhor pretende gastar?

— Bem, aí por volta de quatrocentos ou quinhentos rublos, meu senhor.

— Puxa!

— Acha muito, então? — Pável Pávlovitch sobressaltou-se.

— Compre só uma pulseira por cem rublos.

Pável Pávlovitch chegou a se mostrar amargurado. Sentia uma vontade tremenda de pagar caro e comprar um conjunto “completo”. Ele insistiu. Foram a uma loja. No entanto, acabou comprando só uma pulseira, e não foi a que Pável Pávlovitch queria, mas sim a que Veltchanínov indicou. Pável Pávlovitch queria levar as duas. Quando o comerciante, que pedira cento e setenta e cinco rublos pela pulseira, baixou para cento e cinquenta, ele ficou ainda mais aborrecido. Pagaria duzentos com satisfação, se cobrassem esse preço, tamanha era sua vontade de pagar mais caro.

— Não faz mal essa minha pressa de dar presentes — desabafou, exaltado, quando retomaram o caminho. — Afinal, eles não são da alta sociedade, são gente simples, meu senhor. A inocência ama os presentinhos. — Ele sorriu com astúcia e alegria. — Agora há pouco, Aleksei Ivánovitch, o senhor deu um sorriso, por causa dos quinze anos; pois foi isso mesmo o que mexeu com a minha cabeça, exatamente o fato de que ela vai ao liceu, com a bolsinha na mão, onde estão os cadernos e as canetas, he-he! Foi essa bolsinha que encheu meus pensamentos! Eu, no fundo, sou pela inocência, Aleksei Ivánovitch. A questão, para mim, está menos na beleza do rosto do que nisso, meu senhor. Ela e a amiguinha, num canto, dão suas risadinhas, e como riem, meu Deus! E do que riem, meu senhor? Todo esse riso é porque um gatinho deu um pulo da cômoda para a caminha e se enrolou todo, feito um novelo... Entende, isso tem um cheiro de maçã fresca, meu senhor! Então, não é melhor tirar a fita de crepe?

— Como preferir.

— Vou tirar! — Tirou o chapéu, arrancou a fita de crepe e jogou-a na rua.

Veltchanínov viu que o rosto dele irradiava a mais luminosa esperança, quando repôs o chapéu na cabeça calva.

“Será que ele é mesmo assim?”, pensou, já com verdadeiro rancor. “Será que não há algum *ardil* no fato de ter me convidado? Será que ele está mesmo contando com a minha nobreza?”, continuou, quase ofendido com a última hipótese. “O que é ele, um palhaço, um tolo ou um ‘eterno marido’? Ora, é impossível, enfim!...”

De fato, os Zakhliebínin eram “uma família muito decente”, como Veltchanínov havia se expressado pouco antes, e o próprio Zakhliebínin era um funcionário de aspecto muito sólido. Também era verdade tudo o que Pável Pávlovitch tinha dito sobre seus recursos: “Parece que vivem bem, mas, se o homem morrer, não vai deixar nada”.

O velho Zakhliebínin recebeu Veltchanínov muito bem e de modo amistoso, e o “inimigo” de antes se transformou em amigo.

— Parabéns, assim foi melhor — disse logo de saída, com ar simpático e solene. — Eu mesmo insisti na conciliação e Piotr Karlóvitch (o advogado de Veltchanínov), nesse aspecto, é uma pessoa que vale ouro. E como não? O senhor vai receber mil e sessenta rublos, e sem aborrecimentos, sem discussões! E o processo ainda poderia se arrastar por três anos!

Veltchanínov foi logo apresentado à Mme. Zakhliebínina, senhora bastante obesa e idosa, de rosto simplório e cansado. As moças também começaram a vir à tona, uma depois da outra ou em pares. Mas já era um número grande demais de mocinhas; pouco a pouco, se juntaram dez ou doze — Veltchanínov nem conseguia contar; umas entravam, outras saíam. Porém, entre elas, havia muitas amigas das casas de campo vizinhas. A casa de campo dos Zakhliebínin — grande, feita de madeira, num estilo desconhecido e extravagante, com acréscimos construídos em épocas diversas — contava com um grande jardim; só que esse jardim servia a mais três ou quatro casas, por vários lados, e portanto era um jardim comum, o que naturalmente favorecia o contato entre as moças das casas vizinhas. Veltchanínov, desde as primeiras palavras da conversa, notou que já o aguardavam, e que sua vinda, na condição de um amigo de Pável Pávlovitch que desejava conhecê-los, tinha sido anunciada quase que de forma solene. Experiente e perspicaz naqueles assuntos, seu olhar logo distinguiu até algo especial: pela recepção excessivamente amistosa dos pais, por certo aspecto especial das mocinhas e por sua aparência (se bem que, na realidade, fosse um dia festivo), lhe veio a desconfiança de que Pável Pávlovitch tinha sido muito ardiloso, de que havia incutido ali, sem dizer nada de forma direta, é claro, algo parecido com a suposição de que Veltchanínov andava entediado com sua vida de solteiro, “um homem da boa sociedade”, de boa condição econômica e que, muito, muito provavelmente, podia decidir, de repente, “pôr um ponto final” a isso e constituir família — “ainda mais porque ganhou uma herança”. Pelo visto, a Mlle. Zakhliebínina mais velha, Katierina Fedossiévna, exatamente a que tinha vinte e quatro anos e a quem Pável Pávlovitch se referira como uma pessoa encantadora, estava bastante afinada com esse tom. Ela sobressaía, entre as irmãs, por seus trajes e por um tipo especial de arranjo em sua cabeleira exuberante. As irmãs e todas as

outras mocinhas olhavam como se já soubessem com toda a segurança que Veltchanínov tinha vindo “para conhecer Kátia” e para “vê-la”. O olhar delas, e até certas palavrinhas que escaparam por acidente no decorrer do dia, confirmaram para ele essa suspeita, mais tarde. Katierina Fedossiévna era uma loura alta, de corpo farto até a exuberância, rosto de uma meiguice extraordinária e personalidade obviamente sossegada, de pouca iniciativa, beirando a sonolência. “É estranho que uma jovem assim tenha ficado solteira”, não pôde deixar de pensar Veltchanínov, “ainda que não tenha dote e que, não demora muito, vá ficar bem gorda, por enquanto ainda existem muitos admiradores para ela...” Todas as outras irmãs também não eram nada feias, e entre as amigas apareciam alguns rostinhos graciosos e até bem bonitos. Aquilo começou a divertir Veltchanínov; de resto, ele tinha ido até lá com algumas ideias especiais. Nadiejda Fedossiévna, a sexta, a aluna do liceu e noiva hipotética de Pável Pávlovitch, se fez esperar. Veltchanínov a aguardava com uma impaciência que a ele mesmo surpreendeu e, no íntimo, ele zombava de si mesmo. Por fim, ela apareceu, e não deixou de causar efeito, acompanhada por uma amiga vívida e esperta, Mária Nikítichna, moreninha de rosto divertido, que, como logo se revelou, tinha um medo extraordinário de Pável Pávlovitch. Essa Mária Nikítichna, moça já de uns vinte e três anos, zombeteira e até inteligente, trabalhava como governanta dos filhos menores de uma família vizinha; era bem conhecida deles e havia muito tempo já se considerava como uma pessoa da família na casa dos Zakhliebínin, e as mocinhas a estimavam tremendamente. Era óbvio que, agora, Nádia* também precisava muito dela. Desde o primeiro olhar, Veltchanínov percebeu que as mocinhas estavam todas contra Pável Pávlovitch, até as amiguinhas, e num segundo minuto, após a saída de Nádia, ele concluiu que ela também o *detestava*. Notou também que Pável Pávlovitch não percebia isso absolutamente, ou não queria perceber. Era indiscutível que Nádia era a melhor de todas as irmãs — uma moreninha pequena, com ar selvagem e audácia de nilista; um demônio sorrateiro, de olhos flamejantes, sorriso encantador, embora também muitas vezes malévolo, com dentes e lábios maravilhosos, magrinha, esbelta, com uma inteligência que dava os primeiros passos na expressão do rosto ardente e, ao mesmo tempo, ainda quase completamente uma criança. Os seus quinze anos se denunciavam em cada passo, em cada palavra. Depois, verificou-se que Pável Pávlovitch, de fato, a vira pela primeira vez com a bolsinha nas mãos; porém, agora, ela não a levava mais.

O presente da pulseira não obteve nenhum sucesso e produziu até uma impressão desagradável. Assim que viu a noiva entrar, Pável Pávlovitch logo se aproximou, com um sorriso forçado. Estava dando o presente sob o pretexto “da agradável satisfação, experimentada na visita anterior, em razão da agradável romança cantada por Nadiejda Fedossiévna ao som do pianoforte...”. Ele se atrapalhou, não terminou a frase e parou, como que perdido, enquanto estendia o braço e fincava na mão de Nadiejda Fedossiévna o estojo com a pulseira, que ela não queria pegar e, vermelha de vergonha e de raiva, encolhia as mãos para trás. Com audácia, virou-se para a mãe, em cujo rosto se exprimia o constrangimento, e falou bem alto:

— Não quero aceitar, *maman*!

— Pegue e agradeça — disse o pai, com severidade tranquila, mas ele mesmo também incomodado. — Não precisava! Não precisava! — balbuciou para Pável Pávlovitch em tom desaprovador. Nádia, sem outra opção, pegou o estojo, baixou os olhos e sentou-se como fazem as meninas pequenas, ou seja, se deixou cair de repente, para logo depois levantar-se de um pulo, como impelida por molas. Uma das irmãs chegou perto para ver e Nádia entregou o estojo para ela, ainda fechado, como que para mostrar que ela mesma não queria ver. Retiraram a pulseira do estojo e ela foi passando por todas, de mão em mão; porém todas olhavam em

silêncio, algumas até com ar de zombaria. Só a mãe balbuciou que a pulseira era muito graciosa. A vontade de Pável Pávlovitch era de sumir, enterrar-se chão adentro.

Veltchanínov o acudiu.

De repente, começou a falar alto e com animação, pegou a primeira ideia que lhe apareceu e, em menos de cinco minutos, já havia atraído a atenção de todos na sala. Havia aprendido de forma primorosa a arte de tagarelar diante da alta sociedade, ou seja, a arte de mostrar-se perfeitamente ingênuo e, ao mesmo tempo, fazer de conta que considerava seus ouvintes pessoas tão ingênuas quanto ele. De modo extraordinariamente natural, quando necessário, ele podia se fazer passar por um homem alegríssimo e felicíssimo. Também sabia, com muita habilidade, entremear em suas palavras ditos cortantes e audaciosos, insinuações alegres, trocadilhos divertidos, porém como se fosse absolutamente por acaso, como se ele nem notasse — quando, ao contrário, a sutileza, o trocadilho e talvez a própria fala inteira já estava pronta e decorada desde muito tempo e já tinha sido usada várias vezes. Porém, naquele momento, a própria natureza veio aliar-se à sua arte: sentia-se animado, sentia que algo o atraía; sentia em si a confiança vitoriosa e absoluta de que, em poucos minutos, todos aqueles olhos estariam voltados para ele, todas aquelas pessoas só escutariam a ele, só falariam com ele, só ririam do que ele dissesse. E, de fato, logo se ouviu uma risada, pouco a pouco, outras pessoas também entraram na conversa — pois ele sabia, com perfeição e competência, como atrair os outros para a conversa — e logo ressoaram vozes, três ou quatro ao mesmo tempo. O rosto cansado e entediado da sra. Zakhliebínina se iluminou à beira da alegria; o mesmo aconteceu com Katierina Fedossiévna, que escutava e olhava como que enfeitiçada. Nádia o espiava com olhar arguto, de esguelha; era evidente que já estava predisposta contra ele. Aquilo deixou Veltchanínov ainda mais inflamado. A “malvada” Mária Nikítichna, entretanto, conseguiu introduzir na conversa uma tirada mordaz bastante sensível com relação a Veltchanínov; ela inventou e frisou bem que Pável Pávlovitch o havia recomendado ali mesmo, na véspera, como um amigo de infância e, dessa forma, numa clara alusão à sua idade, acrescentava uns bons sete anos a Veltchanínov. Mas a malvada Mária Nikítichna também acabou gostando dele. Pável Pávlovitch estava francamente perplexo. Ele tinha noção dos expedientes que seu amigo sabia usar, é claro, no início chegou a ficar contente com o sucesso de Veltchanínov e ele mesmo deu risadinhas e interveio na conversa; mas, por algum motivo, pouco a pouco pareceu se fechar nos próprios pensamentos até, enfim, cair numa melancolia, o que se expressava com clareza em sua fisionomia inquieta.

— Ora, o senhor é um desses convidados com quem o anfitrião não precisa se preocupar — concluiu, afinal, com alegria, o velho Zakhliebínin, erguendo-se da cadeira a fim de subir ao seu quarto, onde, apesar de ser feriado, ele tinha já preparado alguns papéis que trouxera do trabalho para conferir. — E, afinal, veja só, eu imaginava que o senhor, entre todos os jovens, fosse o mais soturno e hipocondríaco. Está vendo só como a gente se engana!

Na sala, havia um piano de cauda; Veltchanínov perguntou quem estudava música e, de repente, voltou-se para Nádia.

— E a senhorita, eu creio, canta, não é?

— Quem contou para o senhor? — retrucou Nádia.

— Pável Pávlovitch me disse, há pouco.

— Não é verdade; eu só canto de brincadeira; não tenho voz.

— Pois eu também não tenho voz, mas canto assim mesmo.

— Então o senhor vai cantar para nós? Aí eu também canto para o senhor. — Os olhinhos de

Nádia brilharam. — Só que não vai ser agora, mas depois do jantar. Não aguento mais ouvir música — acrescentou ela —, esses pianos me encham a paciência; aqui em casa, de manhã até de noite, todo mundo toca piano e canta; mas só vale a pena ouvir a Kátia.

Veltchanínov logo aproveitou a deixa, e ficou claro que Katierina Fedossiévna era a única que estudava piano a sério. Na mesma hora, se dirigiu a ela e pediu que tocasse. Pelo visto, agradou a todos o fato de Veltchanínov ter se dirigido a Kátia, e *maman* chegou a ficar vermelha de satisfação. Katierina Fedossiévna se ergueu sorrindo, foi até o piano e, de repente, sem que ela mesma esperasse, também ficou toda vermelha e, de súbito, sentiu uma vergonha terrível, pois ela, já tão crescida, já com vinte e quatro anos e tão gorda, tinha ficado vermelha como uma menininha — e tudo isso estava estampado em seu rosto quando sentou para tocar. Tocou algo de Haydn com precisão, porém sem expressão; mas estava acanhada. Quando terminou, Veltchanínov tratou de fazer elogios tremendos a ela, a Haydn e, sobretudo, à pequena bagatela que ela havia tocado — e Kátia, pelo visto, achou tão agradável e escutou com tanta gratidão e felicidade os elogios, a ela e a Haydn, que Veltchanínov não pôde deixar de olhar para Kátia com mais atenção e carinho. “Puxa, como você é simpática!”, brilhava no olhar dele, e todos, especialmente a própria Katierina Fedossiévna, como que ao mesmo tempo, compreenderam aquele olhar.

— Vocês têm aqui um jardim maravilhoso — Veltchanínov dirigiu-se de repente a todos, enquanto olhava para a porta da varanda. — Escutem, que tal se formos todos para o jardim?

— Vamos, vamos! — irromperam gritos agudos e alegres, como se ele tivesse adivinhado o maior desejo de todos.

Ficaram passeando no jardim até a hora do jantar. A sra. Zakhliebínina, que havia muito tempo queria dormir, também não se conteve e saiu para passear com os outros, mas, sensatamente, sentou-se na varanda para descansar, onde logo cochilou. No jardim, a relação entre Veltchanínov e todas as mocinhas se tornou ainda mais amistosa. Ele notou que, das casas vizinhas, vieram juntar-se dois ou três homens muito jovens; um era estudante universitário e o outro, apenas um aluno do liceu.

Cada um deles logo pulou para junto de *sua* menina e era evidente que tinham vindo por causa delas; o terceiro “jovem”, rapaz de vinte anos, muito sombrio, desganhado, de óculos azuis enormes, com ar afobado e carrancudo, pôs-se a sussurrar alguma coisa para Mária Nikítichna e Nádia. Ele observava Veltchanínov com ar severo e parecia considerar-se obrigado a tratá-lo com extraordinário desprezo. Algumas mocinhas sugeriram que comesçassem logo a brincar. Quando Veltchanínov perguntou de que elas brincavam, responderam que gostavam de todos os jogos e de pique esconde, mas que ao entardecer iriam brincar de provérbios, ou seja, todos ficavam sentados e, a cada vez, um deles saía; os outros escolhiam um provérbio, por exemplo: “Devagar se vai ao longe”, e então chamavam a pessoa que tinha saído e um de cada vez tinha de inventar uma frase e dizer para ela. O primeiro tinha de dizer uma frase com a palavra “devagar”, o segundo, com a palavra “se”, e assim por diante. Desse modo, a pessoa precisava descobrir todas aquelas palavras e, por meio delas, adivinhar o provérbio.

— Isso deve ser muito divertido — comentou Veltchanínov.

— Ah, não, é enjoado demais — responderam duas ou três vozes, ao mesmo tempo.

— Então vamos brincar de teatro — sugeriu Nádia, dirigindo-se a ele. — Olhe, está vendo aquela árvore gorda com um banquinho em volta? Lá, atrás da árvore, estão os bastidores e é onde ficam os atores, o rei, a rainha, a princesa, o rapaz, o que você quiser; cada um aparece quando quer e fala o que vier à cabeça, na hora, e disso tudo acaba saindo alguma coisa.

— Mas é formidável! — elogiou Veltchanínov, mais uma vez.

— Ah, não, é enjoado demais! No início, até que é engraçado, mas no fim sempre fica uma coisa sem pé nem cabeça, porque ninguém sabe como terminar direito; mas quem sabe com o senhor fique mais divertido? Nós pensamos que o senhor era um amigo de Pável Pávlovitch, mas agora estamos vendo que ele estava só querendo se gabar. Estou muito contente com sua vinda... por uma circunstância. — E Nádia olhou para Veltchanínov com ar sério e solene, e logo depois se afastou para junto de Mária Nikítichna.

— Mais tarde, vamos brincar de provérbios — de repente, em tom confidencial, sussurrou para Veltchanínov uma das amiguinhas, que ele, até então, mal havia notado e com a qual não trocara nenhuma palavra. — No fim da tarde, todos vamos rir do Pável Pávlovitch, e o senhor também.

— Ah, que bom que o senhor veio, senão tudo seria muito maçante — lhe disse, em tom simpático, outra das amiguinhas, que ele até então nem havia notado e que apareceu só Deus sabe de onde, uma ruivinha com sardas e com o rosto afogeuado, de modo divertidíssimo, por causa do calor e do vaivém incessante.

A inquietação de Pável Pávlovitch aumentava cada vez mais. No jardim, afinal, Veltchanínov conseguiu se tornar bem próximo de Nádia; ela já não olhava de esguelha como antes, e parecia ter posto de lado a ideia de examiná-lo em mais detalhes, e ria, pulava, dava gritos agudos e, por uma ou duas vezes, até segurou sua mão; ela estava tremendamente feliz, mas continuava sem dar a mínima atenção a Pável Pávlovitch, como se nem o notasse. Veltchanínov se convenceu de que havia uma conspiração definida contra Pável Pávlovitch; Nádia, com um bando de meninas, levou Veltchanínov para um lado, enquanto outras amiguinhas, sob diversos pretextos, atraíram Pável Pávlovitch para outro lado; mas ele escapou e logo correu afoito na direção deles, ou seja, até Veltchanínov e Nádia, e de repente meteu entre ambos sua cabeça careca, que estava escutando às escondidas. No fim, até parou de disfarçar; a ingenuidade de seus gestos e movimentos era, às vezes, surpreendente. Veltchanínov, mais uma vez, não pôde deixar de prestar uma atenção especial também a Katierina Fedossiévna; naturalmente, agora já estava claro para ela que Veltchanínov não tinha vindo absolutamente por sua causa e que estava muito mais interessado em Nádia; porém o rosto dela estava tão meigo e amável quanto antes. Parecia feliz só por estar também ao lado dele e por ouvir o que o novo visitante dizia; coitadinha, ela mesma não sabia como entrar numa conversa com elegância.

— Mas que irmã simpática você tem, a Katierina Fedossiévna! — disse de repente Veltchanínov para Nádia, baixinho.

— Ah, a Kátia! Será que pode existir uma alma melhor que a dela? É o anjo de todos, aqui em casa, e eu a adoro — respondeu com entusiasmo.

Enfim, chegou a hora do jantar, cinco da tarde, e também ficou claro que não haviam preparado um jantar comum, mas especialmente para os convidados. Serviram dois ou três pratos bastante requintados, sem dúvida acrescentados ao cardápio de costume, e um deles era tão completamente estranho que ninguém foi capaz de dizer seu nome. Além dos vinhos de mesa costumeiros, também serviram uma garrafa de vinho Tokay, obviamente trazida em homenagem ao convidado; no fim do jantar, não se sabe para quê, serviram também champanhe. O velho Zakhliebínin, depois de beber uns cálices a mais, estava extremamente bem-humorado e disposto a rir de tudo que Veltchanínov dissesse. Acabou que, no final, Pável Pávlovitch não se conteve: de repente, induzido pelo espírito competitivo, também cismou de inventar algum trocadilho e disse: na ponta da mesa onde estava sentado junto à Mme.

Zakhliebínina, ouviu-se de repente a forte gargalhada das mocinhas, cheias de alegria.

— Papai, papai! Pável Pávlovitch também fez um trocadilho — gritaram as duas Zakhliebínin do meio, a uma só voz. — Ele disse que nós somos “uma mina de meninas”...

— Ah, ele também faz trocadilhos! Muito bem, e qual foi o trocadilho que ele fez? — indagou o velho, com voz grave, dirigindo-se a Pável Pávlovitch com ar protetor e já rindo previamente, à espera do trocadilho.

— Mas foi esse que ele fez, que nós somos “uma mina de meninas”.

— S-s-sim! Claro! — o velho continuava sem entender e, com ar ainda mais simpático, sorria, à espera.

— Ah, papai, puxa, o senhor não está entendendo! Olhe, mina e depois meninas; mina parece com menina, a mina onde encontram as meninas...

— A-a-ah! — perplexo, o velho prolongou a exclamação. — Hum! Tudo bem... da próxima vez, ele vai se sair melhor! — E o velho riu, com alegria.

— Pável Pávlovitch, é impossível ter todas as perfeições ao mesmo tempo! — alfinetou Mária Nikítichna, bem alto. — Ah, meu Deus, ele se engasgou com uma espinha de peixe! — gritou e pulou da cadeira.

Chegou a se formar um tumulto, mas era exatamente o que Mária Nikítichna queria. Pável Pávlovitch apenas engasgou com um gole de vinho, que ele havia tomado a fim de esconder seu embaraço, mas Mária Nikítichna insistia e jurava para todo mundo que era “uma espinha de peixe, eu mesma vi, uma pessoa pode morrer por causa disso”.

— Deem um tapa na nuca! — gritou alguém.

— De fato, é o melhor que se pode fazer! — aprovou Zakhliebínin em voz alta, mas já tinham aparecido voluntárias: Mária Nikítichna, a amiga ruivinha (também convidada para o jantar) e, por fim, a própria mãe da família, horivelmente assustada, todas queriam dar um tapa na nuca de Pável Pávlovitch. Depois de levantar-se da mesa bruscamente, Pável Pávlovitch se desvencilhou e levou um minuto inteiro para convencer a todos de que tinha apenas engasgado com vinho e que a tosse ia passar logo, até que adivinharam, afinal, que tudo aquilo era só uma travessura de Mária Nikítichna.

— Ora essa, mas você, hein, sua implicante!... — disse Mme. Zakhliebínina, em tom severo, para Mária Nikítichna. Mas não se conteve e logo desatou a rir de um jeito que era raro acontecer com ela, o que também produziu seu efeito. Depois do jantar, todos saíram para a varanda a fim de tomar café.

— Que dias bonitos tem feito! — Afável, o velho elogiou a natureza, enquanto contemplava o jardim com satisfação. — Mas bem que podia cair uma chuvinha... Bom, eu vou descansar. Fiquem com Deus, divirtam-se! E você também se divirta! — e deu um tapinha no ombro de Pável Pávlovitch, ao sair.

Quando todos desceram, de novo, para o jardim, Pável Pávlovitch correu de repente para Veltchanínov e o segurou pela manga.

— Um minutinho, por favor — sussurrou com impaciência.

Saíram para uma trilha lateral do jardim, mais isolada.

— Não, aqui, não, me perdoe, mas aqui eu não vou admitir, meu senhor... — sussurrou, sufocando de raiva, enquanto segurava Veltchanínov pela manga.

— O que foi? O que houve? — perguntou Veltchanínov, de olhos arregalados. Pável Pávlovitch olhava para ele em silêncio, movendo os lábios e sorrindo com raiva.

— Para onde o senhor foi? Onde é que o senhor está? Já está tudo pronto! — Soaram as vozes

impacientes das mocinhas, que chamavam. Veltchanínov encolheu os ombros e voltou para junto delas. Pável Pávlovitch também correu atrás.

— Eu aposto que ele pediu ao senhor um lenço de nariz — disse Mária Nikítichna. — Na outra vez que veio, também esqueceu.

— Sempre esquece! — confirmou a Zakhliebínina do meio.

— Esqueceu o lenço! Pável Pávlovitch esqueceu o lenço! *Maman*, Pável Pávlovitch esqueceu de novo o lenço de nariz, *maman*, Pável Pávlovitch está com o nariz escorrendo de novo! — ressoaram vozes.

— Então por que ele não disse logo? Como o senhor é cheio de cerimônia, Pável Pávlovitch! — disse Mme. Zakhliebínina, com voz cantada e arrastada. — É perigoso brincar com esses resfriados; já vou mandar que lhe deem um lenço. Mas por que será que ele vive resfriado? — acrescentou ao sair, alegre com a oportunidade de voltar para casa.

— Eu tenho dois lenços e não estou resfriado, minha senhora! — gritou Pável Pávlovitch atrás dela, que, pelo visto, não entendeu e, um minuto depois, quando Pável Pávlovitch andava a trote atrás de todos e cada vez ficava mais perto de Nádia e Veltchanínov, uma criada ofegante o alcançou e, apesar de tudo, lhe entregou um lenço.

— Vamos brincar, vamos brincar de provérbios! — gritavam de todos os lados, como se já esperassem alguma coisa dos “provérbios”.

Escolheram um lugar e sentaram em banquinhos; Mária Nikítichna foi sorteada para adivinhar primeiro; exigiram que ela se afastasse o máximo possível e não ficasse escutando; na sua ausência, escolheram um provérbio e distribuíram as palavras. Mária Nikítichna voltou e, num piscar de olhos, adivinhou. O provérbio era: “O sonho é terrível, mas Deus é misericordioso”.

Depois de Mária Nikítichna, foi a vez do jovem de cabelo desganhado e óculos azuis. Dele, exigiram ainda mais medidas de precaução: teve de ficar junto à casinha de jardim, com o rosto virado para a cerca. O rapaz sombrio cumpriu seu dever com desdém e parecia até sentir certa humilhação moral. Quando gritaram que voltasse, ele não conseguiu adivinhar nada, foi passando de um para outro, ouviu duas vezes o que lhe disseram, refletiu demoradamente e com ar sombrio, mas não chegou a lugar nenhum. Deixaram-no com vergonha. O provérbio era: “Orações a Deus e serviços ao tsar nunca são desperdiçados!”.

— Que provérbio mais nojento! — resmungou, com indignação, o rapaz magoado, enquanto se retirava para seu lugar.

— Ah, como é enjoado! — ouviram-se vozes.

Chegou a vez de Veltchanínov; esconderam-no em um lugar ainda mais afastado; também ele não adivinhou.

— Ah, que enjoado! — ouviram-se mais vozes ainda.

— Bem, agora sou eu que vou — disse Nádia.

— Não, não, agora quem vai é o Pável Pávlovitch, é a vez de Pável Pávlovitch — gritaram todas, e se animaram um pouquinho.

Levaram Pável Pávlovitch até junto à cerca, num canto, puseram-no de cara para a cerca e, para que não se virasse para olhar, postaram a ruivinha atrás dele. Pável Pávlovitch, já mais animado e quase alegre outra vez, tinha intenção de cumprir religiosamente seu dever e ficou parado como um toco de pau, olhando para a cerca e sem se atrever a virar-se. A ruivinha o vigiava vinte passos atrás, mais perto do grupo, junto à casinha de jardim, e, agitada por algum motivo, piscava os olhos para as mocinhas, que também piscavam para ela; era evidente que todas esperavam alguma coisa, até com certa inquietação; algo tinha sido armado. De repente, da

casinha de jardim, a ruivinha acenou com as mãos. No mesmo instante, todas deram um pulo e saíram em desabalada carreira.

— Corra, corra o senhor também! — sussurraram para Veltchanínov dez vozes, quase horrorizadas por ele não correr.

— O que é? O que aconteceu? — perguntou ele, correndo atrás de todos.

— Fale baixo, não grite! Ele que fique lá parado olhando para a cerca, enquanto todos nós fugimos. Olhe, a Nástia também está correndo.

A ruivinha (Nástia) abalou a correr, abanando as mãos, como se tivesse acontecido Deus sabe o quê. Por fim, todas chegaram ao outro lado do lagunho, na extremidade oposta do jardim. Quando Veltchanínov também chegou lá, viu que Katierina Fedossiévna discutia asperamente com todas as mocinhas e, em especial, com Nádia e Mária Nikítichna.

— Kátia, minha querida, não fique zangada! — Nádia beijou-a.

— Bem, está certo, não vou contar para a mamãe, mas eu vou embora, porque isso é muito feio. Como é que o coitado vai se sentir, lá na cerca?

E foi embora, de pena, mas todas as outras continuaram implacáveis e impiedosas, como antes. Com todo o rigor, exigiram que também Veltchanínov não desse a menor atenção a Pável Pávlovitch, quando ele voltasse, como se não tivesse acontecido nada.

— E agora vamos todos brincar de pique! — gritou a ruivinha, extasiada.

Pável Pávlovitch só se uniu ao grupo pelo menos quinze minutos mais tarde. Dois terços desse tempo, com certeza, ele ficou parado diante da cerca. A brincadeira de pique já estava a pleno vapor e era um completo sucesso — todos gritavam e se divertiam. Enlouquecido de raiva, Pável Pávlovitch arremeteu na direção de Veltchanínov e, de novo, agarrou-o pela manga.

— Um minutinho só, meu senhor!

— Ah, meu Deus, lá vem ele com os seus minutinhos!

— Vai pedir um lenço outra vez! — gritaram atrás deles.

— Agora, desta vez, foi o senhor; aqui, a causa desta vez é o senhor!... — Ao dizer isso, Pável Pávlovitch chegou a bater os dentes.

Veltchanínov o interrompeu e, em tom tranquilizador, recomendou que ficasse mais alegre, do contrário voltariam a provocá-lo mais ainda. “Elas ficam provocando o senhor porque está irritado, quando todos estão se divertindo.” Para sua surpresa, as palavras e o conselho causaram tremenda impressão em Pável Pávlovitch; na mesma hora ele se acalmou, a tal ponto que voltou para junto do grupo com ar de culpa e, humildemente, participou da brincadeira comum; com isso, durante algum tempo, não o perturbaram e brincaram com ele, como faziam com todos — e, antes de meia hora, ele estava quase alegre, outra vez. Para todas as brincadeiras em que era necessário um par, ele convidava, de preferência, a ruivinha traidora ou uma das irmãs Zakhliebínin. Porém, para sua surpresa maior ainda, Veltchanínov notou que Pável Pávlovitch quase nunca se atrevia a falar com Nádia, embora circulasse o tempo todo a seu lado ou perto dela; aceitava sua condição de ignorado e desprezado por Nádia como algo, no mínimo, justo e natural. Mas apesar disso, no fim das contas, elas acabaram pregando mais uma peça nele.

Era um jogo de esconde-esconde. Porém quem se escondia podia percorrer toda a área em que estava autorizado a esconder-se. Pável Pávlovitch, que tinha conseguido se ocultar, agachado numa densa moita, de repente cismou de atravessar o jardim correndo e pular para dentro de casa. Ressoaram gritos, viram-no; a toda a pressa, ele se esgueirou pela escada e subiu para o mezanino, já sabendo que ali havia um cantinho atrás da cômoda onde ele queria se esconder. Mas a ruivinha voou atrás dele, subiu sorrateira, na ponta dos pés, até a porta e trancou-a com o

ferrolho. Na mesma hora, como tinham feito pouco antes, todos abandonaram a brincadeira no meio e correram para o outro lado do lagunho, na extremidade oposta do jardim. Uns dez minutos depois, percebendo que ninguém procurava por ele, Pável Pávlovitch espiou pela janelinha. Não havia ninguém. Ele não se atrevia a gritar, para não incomodar os pais; a arrumadeira e a criada tinham recebido ordens rigorosas de não aparecer e não atender os chamados de Pável Pávlovitch. Katierina Fedossiéievna poderia abrir a porta para ele, mas ela, depois que voltou a seu quarto e sentou, abandonou-se aos devaneios e, inesperadamente, acabou dormindo também. Desse modo, ele ficou ali cerca de uma hora. Por fim, as mocinhas começaram a aparecer, como que por acaso, em pares ou em trios.

— Pável Pávlovitch, por que o senhor não vem com a gente? Ah, como lá está divertido! Estamos brincando de teatro. Aleksei Ivánovitch representou o papel do “mocinho”.

— Pável Pávlovitch, por que o senhor não vem? Para nós, isso nos deixa muito admiradas! — comentaram as outras mocinhas que passavam.

— O que deixa vocês admiradas? — de repente, soou a voz de Mme. Zakhliebínina, que tinha acabado de acordar e resolveu, afinal, percorrer o jardim e dar uma olhada nas brincadeiras “infantis”, enquanto esperava a hora do chá.

— É o Pável Pávlovitch, olhe lá — apontaram para a janela na qual um rosto espiava, sorrindo meio torto e pálido de raiva, o rosto de Pável Pávlovitch.

— Como alguém pode ter vontade de ficar sozinho, quando todos estão se divertindo tanto! — a mãe de família balançou a cabeça.

Nesse meio-tempo, Veltchanínov tinha finalmente conseguido receber de Nádía uma explicação das palavras que ela dissera, mais cedo, quando falou que “estava contente com sua vinda, por uma circunstância”. A explicação foi dada numa trilha isolada. Mária Nikítichna, de propósito, chamou Veltchanínov, que estava participando de algumas brincadeiras e já começava a ficar bastante entediado, e levou-o para aquela trilha, onde o deixou a sós com Nádía.

— Estou plenamente convencida — desatou a falar Nádía, depressa e sem medo — de que o senhor não é tão amigo de Pável Pávlovitch quanto ele nos disse só para se gabar. Concluí que só o senhor pode me prestar um favor da maior importância; tome aqui esta pulseira medonha que ele me deu há pouco. — Ela tirou a joia do bolso. — Vou pedir ao senhor, com toda a humildade, que a devolva sem demora, porque eu mesma nunca mais vou falar com ele, por nada neste mundo, e pelo resto da vida. Aliás, o senhor pode dizer isso para ele em meu nome e acrescentar também que é melhor que, daqui em diante, não se atreva mais a trazer presentes. Quanto ao resto, já cuidei para que ele venha a saber por meio de outras pessoas. O senhor faria essa bondade, me daria a satisfação de atender meu desejo?

— Ah, pelo amor de Deus, me poupe disso! — quase gritou Veltchanínov, erguendo as mãos.

— Como? Como assim, poupar? — Nádía admirou-se, incrédula com sua recusa, e fitou-o, de olhos arregalados. Todo o tom que havia ensaiado se desmanchou num piscar de olhos e por pouco ela não começou a chorar. Veltchanínov deu uma risada. — Não é por nada... eu até ficaria muito contente... mas eu também tenho minhas contas para acertar com ele...

— Eu sabia que o senhor não é amigo dele e que ele estava mentindo! — Nádía o interrompeu depressa e com fervor. — Nunca vou casar com ele, saiba disso! Nunca! Nem entendo como foi que ele se atreveu a... Só que o senhor tem de entregar para ele sua pulseira nojenta, senão o que será de mim? Eu quero, a todo custo, a todo custo mesmo, que hoje, ainda neste dia, ele receba a pulseira de volta e engula essa desfeita. E se ele for fazer mexericos com o papai, aí é que ele vai ver uma coisa.

Da maneira mais inesperada, de trás de um arbusto, saltou o rapaz descabelado, de óculos azuis.

— O senhor tem de entregar a pulseira — ele partiu furioso para Veltchanínov. — Nem que seja apenas em nome dos direitos da mulher, caso o senhor mesmo esteja à altura dessa questão...

Mas não teve tempo de terminar; Nádia, com toda a força, puxou-o pela manga e arrastou-o para longe de Veltchanínov.

— Meu Deus, como o senhor é bobo, Predpossílov! — gritou. — Vá embora daqui! Vá embora, vá embora e não ouse ficar ouvindo escondido, eu mandei o senhor ficar longe!... — Ela batia com os pezinhos no chão, para ele, e quando o rapaz escapuliu de novo para trás do seu arbusto, Nádia continuou a andar pela trilha, para um lado e para outro, como que fora de si, os olhos faiscantes, as palmas das mãos juntas, à frente do peito.

— O senhor nem vai acreditar como ele é bobo! — Ela parou de repente diante de Veltchanínov. — Para o senhor, é engraçado, mas para mim, pense só!

— Então, não é ele, não é *ele*? — riu Veltchanínov.

— Claro que não é *ele*. Como o senhor pôde sequer pensar nisso? — Nádia sorriu e ruborizou-se. — É só um amigo dele. Mas os amigos que ele escolhe, isso eu não entendo, todos dizem que ele é um “futuro motor”, mas eu não entendo nada... Aleksei Ivánovitch, eu não tenho a quem apelar; dê sua última palavra, sim ou não?

— Está bem, eu vou devolver para ele, pode deixar.

— Ah, como senhor é gentil, ah, como o senhor é bom! — De repente, ela se alegrou, ao lhe entregar a joia. — Por causa disso, vou cantar a noite toda para o senhor, pois eu canto muito bem, fique sabendo, mais cedo eu menti, quando disse que não gosto de música. Ah, quem dera se o senhor pudesse vir mais uma vezinha só, como eu ficaria contente, eu contaria tudo, tudo, tudo para o senhor, e até mais ainda, porque o senhor é tão bom, tão bom quanto... quanto Kátia!

E, de fato, quando voltaram para casa, na hora do chá, Nádia cantou para ele duas romanças com uma voz ainda muito mal treinada, apenas incipiente, porém bastante agradável e forte. Na hora em que todos voltaram do jardim, Pável Pávlovitch estava sentado, com ar grave, junto aos pais, diante da mesa de chá, sobre a qual já fervia o grande samovar da casa, entre as xícaras de chá da família, de porcelana de Sèvres. Pelo visto, ele estava tratando de assuntos de extrema seriedade com os velhos — pois dali a dois dias ele iria partir e só retornaria depois de nove meses. Pável Pávlovitch nem sequer olhou para aqueles que voltaram do jardim, sobretudo para Veltchanínov; também estava claro que ele não tinha feito “mexericos” e que, por enquanto, tudo estava calmo.

Mas, quando Nádia começou a cantar, na mesma hora ele também apareceu. Nádia, de propósito, não respondeu a uma pergunta que ele fez diretamente a ela, mas isso não deixou Pável Pávlovitch constrangido nem abalado; ele se postou atrás do espaldar da cadeira de Nádia e, em toda a sua atitude, mostrava que aquele era seu lugar e que não abriria mão dele para ninguém.

— Aleksei Ivánovitch vai cantar, *maman*, Aleksei Ivánovitch quer cantar! — quase todas as mocinhas começaram a gritar, comprimindo-se em torno do piano, diante do qual Veltchanínov sentou-se, com ar confiante, preparando-se para acompanhar a si mesmo. Também vieram os velhos e Katierina Fedossiévna, que estivera sentada com eles e havia servido o chá.

Veltchanínov escolheu uma romança de Glinka,** hoje quase desconhecida:

*Na hora feliz em que você abrir os lábios
E arrulhar para mim, mais meiga do que uma pombinha...*

Cantava dirigindo-se apenas para Nádia, que estava junto a seu cotovelo e mais perto dele que os demais. Fazia muito tempo que ele não tinha mais voz, porém, pelo que havia sobrado, era evidente que não havia sido ruim. Veltchanínov tinha ouvido aquela romança pela primeira vez havia uns vinte anos, quando ainda era estudante, cantada pelo próprio Glinka, na casa de um amigo do compositor já falecido, numa festa artístico-literária de solteiros. Entusiasmado, Glinka cantou e tocou todas as suas composições favoritas, entre elas essa romança. Na época, ele também tinha perdido a voz, mas Veltchanínov lembrava-se da impressão extraordinária produzida justamente por aquela romança. Nenhum experiente cantor de salão jamais alcançaria tal efeito. Na romança, a intensidade da paixão avançava, crescia e ganhava força a cada verso, a cada palavra; precisamente por causa da força dessa intensidade admirável, a menor falsidade, o menor exagero e a mais ínfima inverdade — que facilmente passam em branco numa ópera —, ali, acabariam por destruir e deturpar todo o sentido. Para cantar aquela pequena, mas extraordinária, bagatela, era indispensável que existisse verdade, uma inspiração plena e inequivocamente real, uma paixão verdadeira ou uma plena assimilação poética de tal paixão. De outro modo, a romança não só seria um fracasso total como poderia até parecer horrorosa, à beira da indecência: seria impossível mostrar a força da intensidade de tal sentimento apaixonado sem despertar repulsa, mas a verdade e a ingenuidade salvaram tudo. Veltchanínov lembrava-se de que ele mesmo, em outros tempos, já cantara aquela romança com bom resultado. Havia quase assimilado a maneira de cantar de Glinka; mas agora, desde a primeira nota, desde o primeiro verso, uma inspiração verdadeira acendeu em sua alma e vibrou na voz. A cada palavra da romança, o sentimento irrompia e se desvelava cada vez com mais força e audácia, nos últimos versos se ouviram gritos de paixão e, quando, afinal, voltando para Nádia um olhar faiscante, ele cantou as últimas palavras da romança:

*Agora, miro teus olhos com mais coragem,
Aproximo a boca e nada consigo ouvir,
Quero beijar, beijar, beijar!
Quero beijar, beijar, beijar!*

... então, Nádia quase estremeceu de susto, chegou até a recuar um pouquinho; o rubor inundou suas faces e, no mesmo instante, pareceu a Veltchanínov que alguma reciprocidade deslizou pelo seu rostinho envergonhado e quase intimidado. Um encantamento e, ao mesmo tempo, uma perplexidade espreitaram no rosto de todos os ouvintes; era como se a todos parecesse que era inconcebível e vergonhoso cantar assim, mas, ao mesmo tempo, todos aqueles rostinhos e olhinhos ardiam e cintilavam, como se também esperassem mais alguma coisa. Entre os rostinhos, ressaltava diante de Veltchanínov, em especial, o de Katierina Fedossiévna, que se tornara quase lindo.

— Mas que romança! — balbuciou o velho Zakhliebínin, um pouco desconcertado. — Mas... não será um pouco forte demais? É agradável, mas é forte...

— É forte... — Mme. Zakhliebínina quis confirmar a ideia, mas Pável Pávlovitch não deixou que terminasse: de súbito, com aspecto transtornado, ele deu um pulo para a frente, estava tão fora de si que agarrou a mão de Nádia e puxou-a para longe de Veltchanínov, postou-se na frente dele e fitou-o com ar perdido, os lábios trêmulos.

— O senhor pode me dar um minutinho? — falou, por fim, a muito custo.

Veltchanínov percebeu claramente que, mais um minuto, e aquele cavalheiro era bem capaz de tomar a decisão de fazer algo ainda dez vezes mais absurdo; depressa o tomou pelo braço e, sem dar atenção à perplexidade geral, levou-o para a varanda e até desceu com ele e deu alguns passos pelo jardim, já quase totalmente escuro.

— O senhor compreende que precisa ir embora comigo agora mesmo, neste instante! — exclamou Pável Pávlovitch.

— Não, eu não compreendo...

— O senhor não lembra — prosseguiu Pável Pávlovitch, com seu sussurro frenético —, não lembra que exigiu de mim, naquele dia, que eu contasse tudo para o senhor, *tudo*, com toda a sinceridade, meu senhor? “Até a última palavra...”, não lembra, meu senhor? Pois bem, chegou a hora de dizer essa palavra, meu senhor... vamos!

Veltchanínov pensou, olhou mais uma vez para Pável Pávlovitch e concordou em ir embora com ele.

O anúncio repentino da partida de ambos perturbou os pais e chocou tremendamente todas as mocinhas.

— Pelo menos tomem mais uma xícara de chá... — gemeu Mme. Zakhliebínina, pesarosa.

— Mas o que foi que deixou o senhor perturbado? — voltou-se o velho, em tom severo e descontente, para Pável Pávlovitch, que sorriu forçado e nada disse.

— Pável Pávlovitch, por que o senhor vai levar embora o Aleksei Ivánovitch? — arrulharam as mocinhas pesarosas, ao mesmo tempo que olhavam para ele com ar feroz. A própria Nádia lançou para ele um olhar tão rancoroso que Pável Pávlovitch chegou a torcer a cara, mas não se rendeu.

— Acontece que, na verdade, Pável Pávlovitch me lembrou, e sou grato a ele, de um assunto de extraordinária importância, que eu podia acabar perdendo — riu Veltchanínov, enquanto apertava a mão do anfitrião, inclinava-se para despedir-se da anfitriã e das mocinhas e, entre todas, inclinou-se especialmente diante de Katierina Fedossiévna, o que mais uma vez chamou a atenção de todos.

— Somos gratos ao senhor pela visita e sua presença sempre nos trará alegria, a todos — concluiu Zakhliebínin, com voz firme.

— Ah, nós vamos ficar muito contentes... — acrescentou com emoção a mãe de família.

— Venha, Aleksei Ivánovitch! Venha, sim! — soaram vozes numerosas da varanda, quando ele já estava sentado na carruagem, ao lado de Pável Pávlovitch; quase não dava para ouvir uma vozinha, que dizia, mais baixo do que as outras: “Venha, sim, querido, querido Aleksei Ivánovitch!”.

“É a ruivinha!”, pensou Veltchanínov.

* Hipocorístico de Nadiejda.

** Compositor russo (1804-57). Os versos citados são de Adam Mickiewicz (1798-1855).

PARA QUE LADO PENDE A BALANÇA

Ele podia até estar pensando na ruivinha, entretanto já fazia tempo que a irritação e o arrependimento afligiam sua alma. E durante todo aquele dia, que pareceu passar de forma tão divertida, a angústia quase não o largou. Antes de cantar a romança, ele nem sabia onde se enfiar; talvez por isso tenha cantado com tamanho fervor.

“Como fui capaz de me humilhar tanto... desligar-me de tudo!”, já ia começar a se censurar, mas logo tratou de interromper seus pensamentos. Lamuriar-se também lhe pareceu humilhante; era muito mais agradável irritar-se de uma vez com alguém.

— Im-be-cil! — sussurrou com raiva, olhando com o rabo do olho para Pável Pávlovitch, que ia a seu lado na carruagem, sem falar nada.

Pável Pávlovitch se mantinha obstinadamente calado, talvez concentrado, se preparando. Às vezes, com um gesto impaciente, tirava o chapéu e esfregava a testa com um lenço.

— Está suando! — enfurecia-se Veltchanínov.

Só uma vez, Pável Pávlovitch se dirigiu ao cocheiro e perguntou:

— Vai haver tempestade?

— E daque-e-e-elas! Pode ter certeza; o dia todo ficou abafado. — De fato, o céu estava escurecendo e estouravam relâmpagos, ao longe. Chegaram à cidade já dez e meia.

— Muito bem, agora vou à casa do senhor — disse Pável Pávlovitch, em tom de advertência, para Veltchanínov, que já estava perto de casa.

— Entendo; mas vou logo avisando ao senhor que estou me sentindo muito mal...

— Não vou demorar, não vou demorar!

Quando entraram pelo portão, Pável Pávlovitch correu por um instante para o quarto do zelador, a fim de falar com Mavra.

— Por que o senhor correu para lá? — perguntou Veltchanínov, em tom severo, quando o outro o alcançou e os dois entraram no quarto.

— Por nada, meu senhor, essas coisas... o cocheiro...

— Não vou dar bebida nenhuma para o senhor!

Não houve resposta. Veltchanínov acendeu as velas e Pável Pávlovitch logo se instalou numa poltrona. Veltchanínov postou-se diante dele, de cara fechada.

— Eu também prometi ao senhor dizer minha “última palavra” — começou, com uma irritação interior, ainda reprimida —, e aqui está ela, esta palavra: com toda a franqueza, considero que quaisquer relações entre nós estão terminadas, a tal ponto que nem temos sobre o que conversar; escutou bem? Não há nada a dizer; por isso, acho que o melhor era o senhor ir

embora já, para depois eu trancar essa porta.

— Vamos acertar nossas contas, Aleksei Ivánovitch! — exclamou Pável Pávlovitch, embora o fitasse nos olhos de modo singularmente dócil.

— Acertar... nossas... contas? — Veltchanínov se mostrou admiradíssimo. — Que expressão estranha o senhor usou! Que “contas” temos para acertar? Ora! Será que é essa a tal “última palavra” que o senhor, há pouco, prometeu... me revelar?

— É ela mesma, meu senhor.

— Não temos mais conta nenhuma para acertar, nós... há muito tempo que já estamos quites! — falou Veltchanínov, em tom orgulhoso.

— Será possível que o senhor pense mesmo assim? — exclamou Pável Pávlovitch com voz penetrante, as mãos estranhamente cruzadas à sua frente, com os dedos entrelaçados, junto ao peito.

Veltchanínov não respondeu e se pôs a andar pela sala. “Liza? Liza?”, gemia dentro do coração.

— Mas, afinal, de que forma o senhor pretende acertar as contas? — dirigiu-se para ele, de sobranceiras contraídas, depois de um silêncio bastante demorado. O outro, todo o tempo, o seguia com os olhos pela sala, mantendo, como antes, as mãos cruzadas junto ao peito.

— Não vá mais lá, meu senhor — quase sussurrou ele, com voz de súplica, e de repente se levantou.

— O quê? Então era só isso que o senhor queria dizer? — Veltchanínov deu uma risada de raiva. — No entanto, hoje, o dia todo, o senhor me deixou surpreso! — começou em tom venenoso, porém, de repente, todo o seu rosto se transformou: — Escute aqui — falou em tom triste e com um sentimento profundamente sincero. — Considero que nunca, e de maneira nenhuma, eu me humilhei tanto como hoje... em primeiro lugar, aceitei ir até lá com o senhor; depois... tudo que aconteceu lá... Foi tão mesquinho, tão lamentável... eu me emporcalhei, me acanalhei, quando travei relações... e me esqueci... Mas de que adianta! — Dominou-se, de repente. — Escute: o senhor hoje me pegou desprevenido, irritado e doente... mas não adianta me justificar! Não irei mais lá e garanto ao senhor que não tenho o menor interesse em ir lá — concluiu em tom resoluto.

— É mesmo, é mesmo? — gritou Pável Pávlovitch, sem esconder sua comoção de alegria. Veltchanínov olhou para ele com desprezo e, mais uma vez, começou a caminhar pela sala.

— O senhor, pelo visto, resolveu ser feliz a qualquer preço, não é? — observou, afinal, com conseguir se conter.

— Sim, senhor — admitiu Pável Pávlovitch, em tom tranquilo e inocente.

“O que é que eu tenho a ver”, pensou Veltchanínov, “se ele se faz de palhaço e de malvado por pura estupidez? Apesar de tudo, não consigo deixar de sentir ódio dele... embora nem isso ele mereça!”

— Eu sou o “eterno marido”, meu senhor! — exclamou Pável Pávlovitch, sorrindo de si mesmo, humilde e resignado. — Faz muito tempo que aprendi essa expressõesinha com o senhor, Aleksei Ivánovitch, ainda no tempo em que convivemos lá, em T., meu senhor. Lembro-me de muitas palavras do senhor, naquela época, naquele ano. Na última vez, quando o senhor, aqui, falou em “eterno marido”, eu compreendi afinal, meu senhor.

Mavra entrou com uma garrafa de champanhe e dois copos.

— Desculpe, Aleksei Ivánovitch, mas o senhor sabe que sem isso eu não aguento. Não encare como uma impertinência; veja-me como um excêntrico, que não está à altura do senhor...

— Sim... — admitiu Veltchanínov, com repulsa. — Mas garanto ao senhor que estou me sentindo mal e...

— É rapidinho, é rapidinho, eu já vou, um minuto só! — agitou-se Pável Pávlovitch. — Só um copinho, mais nada, porque a garganta...

Sorveu o copo com sofreguidão, de uma só vez, e sentou-se — olhava para Veltchanínov quase com carinho. Mavra saiu.

— Que imundície! — sussurrou Veltchanínov.

— São só amiguinhas, meu senhor — falou Pável Pávlovitch, de repente alegre, completamente animado.

— Como? O quê? Ah, sim, o senhor ainda está falando do...

— São só amiguinhas, meu senhor! Além do mais, é assim a mocidade; de tanta graça, elas se fazem de importantes, e pronto, meu senhor! Chega até a ser belo. E depois... depois, o senhor sabe: vou me tornar escravo dela; ela vai conhecer o respeito, a sociedade... ela vai se reeducar por completo, meu senhor.

“No entanto, ainda tenho de lhe devolver a pulseira!”, Veltchanínov franziu as sobrancelhas, enquanto apalpava o estojo no bolso do casaco.

— O senhor, agorinha mesmo, estava dizendo que resolvi ser feliz, não é, meu senhor? Preciso casar, Aleksei Ivánovitch — prosseguiu Pável Pávlovitch, em tom confidencial e quase comovente. — Do contrário, o que será de mim? O senhor mesmo pode ver! — E apontou para a garrafa. — E isso é só um centésimo... das minhas qualidades, meu senhor. Sem um casamento, eu não vou aguentar, de jeito nenhum... sem uma nova fé; vou crer a fundo e vou renascer, meu senhor.

— Mas por que está me contando isso? — Veltchanínov quase bufou com uma risada. De resto, tudo aquilo lhe parecia uma barbaridade. — Mas, afinal de contas, me diga de uma vez — gritou — para que o senhor me arrastou até lá? Que necessidade tinha de me levar lá?

— Para experimentar, meu senhor... — de repente, Pável Pávlovitch se mostrou confuso.

— Experimentar o quê?

— O efeito, meu senhor... Eu, veja só, Aleksei Ivánovitch, faz apenas uma semana que... estou indo lá, meu senhor (ele se mostrava cada vez mais constrangido). Ontem, encontrei o senhor e pensei: “Eu ainda nunca a vi na companhia de estranhos, por assim dizer, ou seja, com um homem que não eu”... Ideia idiota, meu senhor, eu mesmo percebo, agora; supérflua. Mas minha vontade era grande demais, por causa do meu caráter asqueroso, meu senhor... — De repente, levantou a cabeça e ruborizou-se.

“Será mesmo que está dizendo a verdade?”, espantou-se Veltchanínov, até o estupor.

— Sei, mas e daí? — perguntou.

Pável Pávlovitch sorriu com doçura e com certo ar de astúcia.

— É apenas uma linda infância, meu senhor! Sempre amiguinhas! Desculpe meu comportamento tolo com o senhor, hoje, Aleksei Ivánovitch; nunca mais farei isso, meu senhor; isso nunca mais vai acontecer.

— Mas eu também nunca mais irei lá — Veltchanínov forçou o riso.

— Em parte, é justamente disso que estou falando, meu senhor.

Veltchanínov se contraiu um pouco.

— No entanto, afinal, eu não sou o único homem no mundo — comentou, irritado.

Pável Pávlovitch ruborizou-se, de novo.

— Para mim, é triste ouvir isso, Aleksei Ivánovitch, e eu, acredite, tenho tanta estima por

Nadiejda Fedossiévna...

— Desculpe, desculpe, eu não quis dizer isso... só que eu acho um pouco estranho que o senhor tenha exagerado tanto as minhas capacidades... e... com tanta sinceridade, tenha depositado em mim suas esperanças...

— Depositei no senhor minhas esperanças justamente porque foi depois de tudo... de tudo o que aconteceu, meu senhor.

— Se é assim, quer dizer que, ainda agora, o senhor me considera uma pessoa nobre? — Veltchanínov parou de repente. Em outra ocasião, ele mesmo ficaria horrorizado com a ingenuidade de sua pergunta abrupta.

— Sempre o considerei assim, meu senhor — Pável Pávlovitch baixou os olhos.

— Ora, eu sei, é claro... mas não é nesse sentido que estou falando... eu queria apenas dizer que, apesar de alguns... preconceitos...

— Sim, meu senhor, apesar dos preconceitos.

— E quando o senhor chegou a Petersburgo? — Veltchanínov já não conseguiu mais se conter, sentindo, ele mesmo, toda a monstruosidade da sua indiscrição.

— Quando vim para Petersburgo, Aleksei Ivánovitch, eu também considerava o senhor a pessoa mais digna do mundo. — Pável Pávlovitch ergueu os olhos e, com clareza, já sem o menor constrangimento, fitou seu adversário.

Veltchanínov, de repente, se assustou: decididamente, não queria que algo acontecesse, ou que algo passasse dos limites, ainda mais provocado por ele mesmo.

— Eu amava o senhor, Aleksei Ivánovitch — falou Pável Pávlovitch, como se tivesse tomado uma decisão repentina. — E o amei durante todo aquele ano, em T. O senhor não percebeu — prosseguiu, com voz um pouco trêmula, para franco horror de Veltchanínov. — Eu era insignificante demais em comparação com o senhor, para que o senhor me notasse. E talvez, até, nem fosse necessário. E, durante todos esses nove anos, eu me lembrava do senhor, porque não tive, durante toda a vida, outro ano como aquele. (Os olhos de Pável Pávlovitch começaram a brilhar de modo peculiar.) Eu me lembrava de muitas palavras e aforismos do senhor, de suas ideias. Eu sempre me lembrava do senhor como um homem entusiasmado pelos bons sentimentos e pela cultura, dotado da mais elevada educação e dos melhores pensamentos, meu senhor. “As grandes ideias nascem não tanto de uma grande inteligência quanto de um grande sentimento.” Foi o senhor mesmo que disse, talvez tenha esquecido, mas eu lembro, meu senhor. Portanto, eu sempre tive o senhor como um homem de grande sentimento... e, portanto, meu senhor, eu acreditava... apesar de... — De repente, seu queixo começou a tremer. Veltchanínov ficou assustado; era preciso, a todo custo, interromper aquele tom inesperado.

— Chega, por favor, Pável Pávlovitch — balbuciou, de repente, vermelho e numa impaciência irritada. — E para que, para que — gritou, de súbito —, para que o senhor se agarra assim a uma pessoa doente, nervosa, à beira da loucura, e a arrasta para essa escuridão... quando tudo isso é uma fantasmagoria, uma miragem, uma mentira, uma vergonha, uma encenação... além de todas as medidas... e isso é o mais importante, o mais vergonhoso, o fato de ir além de todas as medidas! E tudo não passa de um disparate: nós dois somos pessoas pervertidas, dissimuladas, asquerosas... E se o senhor quiser, se o senhor quiser, vou lhe mostrar agora que o senhor não só não me ama como me odeia, e com todas suas forças, e que o senhor está mentindo, sem que o senhor mesmo saiba disso: o senhor me pegou e me carregou para lá nem de longe com esse objetivo ridículo de pôr a noiva à prova (onde é que já se viu?), mas simplesmente o senhor me encontrou ontem e aí *se enraiveceu* e me levou lá para me mostrar e dizer: “Veja só que

menina! Vai ser minha; vamos lá, tente agora alguma coisa!”. O senhor me fez um desafio! Pode ser que nem o senhor mesmo soubesse, mas foi assim, porque o senhor sentia tudo isso... E, sem ódio, é impossível fazer tal desafio; portanto, o senhor me odiava! — Ele andava muito depressa pela sala, esbravejando, e o que mais torturava e afrontava sua consciência humilhada era o fato de se rebaixar a tal ponto e de se pôr no mesmo nível de Pável Pávlovitch.

— Eu queria fazer as pazes com o senhor, Aleksei Ivánovitch! — exclamou de repente, em tom decidido, naquele sussurro acelerado, e seu queixo começou de novo a tremer.

Uma fúria desenfreada dominou Veltchanínov, era como se nunca alguém tivesse lançado contra ele tamanha ofensa!

— Vou dizer ao senhor mais uma vez — esbravejou — que o senhor se pendurou num homem doente e nervoso para... arrancar dele sei lá que palavra fantasiosa, num delírio! Nós... mas nós somos pessoas de mundos diferentes, entenda isso, e... e... entre nós dois, jaz uma sepultura! — sussurrou furioso e, de repente, dominou-se.

— E como o senhor sabe — de repente, o rosto de Pável Pávlovitch se contraiu e empalideceu —, como o senhor sabe o que essa sepulturazinha significa aqui... dentro de mim, meu senhor? — gritou, aproximando-se de Veltchanínov, e, com um gesto ridículo, mas terrível, batia com o punho no coração. — Eu conheço bem esta sepulturazinha aqui, meu senhor, e nós dois estamos nos dois lados desta sepultura, só que o meu lado pesa mais do que o seu, meu senhor... — sussurrou como que num delírio, sem parar de bater no coração. — Pesa mais, mais... pesa mais, meu senhor... — De repente, um inesperado toque da campainha na porta fez os dois voltarem a si. A sineta tocou com tanta força que parecia que alguém tinha jurado arrancar a campainha ao primeiro toque.

— Não é assim que costumam tocar quando me chamam — disse Veltchanínov, desconcertado.

— Mas para mim é que não pode ser — sussurrou Pável Pávlovitch, assustado, também confuso e, num instante, voltou a ser o Pável Pávlovitch de antes. Veltchanínov fez cara feia e foi abrir a porta.

— É o sr. Veltchanínov, se não estou enganado? — ouviu-se, na entrada, uma voz jovem, sonora e extraordinariamente confiante.

— O que o senhor deseja?

— Tenho a informação precisa — prosseguiu a voz sonora — de que certo Trussótski, neste exato momento, se encontra na casa do senhor. Necessito, a todo custo, falar imediatamente com ele.

Claro que Veltchanínov teria prazer em pôr aquele cavalheiro petulante para fora imediatamente, com um pontapé, escada abaixo. Mas pensou um pouco, abriu caminho e deixou-o entrar.

— Aqui está o sr. Trussótski, entre...

Na sala, entrou um rapaz muito jovem, uns dezenove anos, talvez até um pouco menos — de tão jovial que parecia seu rosto bonito, confiante e empinado. Não estava malvestido, pelo menos tudo lhe caía bem; estatura acima da mediana; os cabelos pretos, espessos, repartidos em mechas desencontradas, e os olhos grandes, atrevidos e escuros eram o que se destacava, em especial, na sua fisionomia. Só o nariz era um pouco grande e curvado para baixo; não fosse isso, seria uma beleza perfeita. Ele entrou com ar de importância.

— Parece que tenho... a oportunidade... de falar com o sr. Trussótski — disse em tom cadenciado e sublinhando com prazer especial a palavra “oportunidade”, dessa forma dando a entender que não poderia haver, para ele, nenhuma honra ou satisfação numa conversa com o sr. Trussótski.

Veltchanínov começava a entender; parece que, para Pável Pávlovitch, algo também ganhava sentido. Em seu rosto exprimia inquietude; no entanto, ele se continha.

— Como não tenho a honra de conhecê-lo — respondeu, com ar importante —, suponho que eu não posso ter nada para tratar com o senhor.

— Primeiro, o senhor escute e depois pode dar sua opinião — declarou o jovem, com segurança e em tom professoral, pegou o lornhão com aro de tartaruga, que ele trazia pendurado a um cordão, e pôs-se a observar, através das lentes, a garrafa de champanhe sobre a mesa. Depois de encerrar, com calma, o exame da garrafa, baixou o lornhão e, voltando-se de novo para Pável Pávlovitch, declarou:

— Aleksandr Lóbov.

— E quem vem a ser Aleksandr Lóbov, meu senhor?

— Sou eu. Não ouviu falar?

— Não senhor.

— De resto, não poderia mesmo me conhecer. Tenho um assunto importante a tratar, que diz respeito especialmente ao senhor; no entanto, permita que eu me sente, estou cansado...

— Sente-se — convidou Veltchanínov. Mas o jovem sentou-se antes mesmo de ser convidado. Apesar da crescente dor no peito, Veltchanínov ficou interessado naquele pequeno petulante. Em seu rostinho bonito, infantil e rosado, ele distinguia uma remota semelhança com o rosto de Nádia.

— Sente-se o senhor também — propôs o jovem a Pável Pávlovitch, apontando um lugar na sua frente, com um aceno displicente da cabeça.

— Não precisa, fico em pé.

— Vai se cansar. O senhor, cavalheiro Veltchanínov, se preferir, não precisa se retirar.
— Não tenho aonde ir e estou na minha casa.
— Como queira. Admito, e até desejo, que o senhor testemunhe minha conversa com esse cavalheiro. Nadiejda Fedossiévna me recomendou o senhor de modo bastante lisonjeiro.

— Ora essa! Quando foi que ela fez isso?

— Agora há pouco, depois que os senhores saíram, pois eu também estou vindo de lá. Muito bem, sr. Trussótski — virou-se para Pável Pávlovitch, que estava de pé —, nós, ou seja, eu e Nadiejda Fedossiévna — ele filtrava as palavras devagar entre os dentes, esparramando-se na poltrona com displicência —, nos amamos já faz muito tempo e demos nossa palavra de honra um ao outro. Agora, o senhor é um obstáculo entre nós; vim propor ao senhor que desimpeça nosso caminho. O senhor está disposto a aceitar minha proposta?

Pável Pávlovitch chegou a cambalear; empalideceu, mas logo um sorriso rancoroso brotou em seus lábios.

— Não, senhor, não estou nem um pouco disposto — rebateu, lacônico.

— Pois bem, aí está! — o jovem revirou-se na poltrona e cruzou as pernas.

— Nem sei com quem estou falando, meu senhor — acrescentou Pável Pávlovitch. — Acho até que não temos razão nenhuma para continuar.

Dito isso, ele achou necessário sentar-se também.

— Eu avisei que o senhor ia ficar cansado — comentou o jovem, em tom displicente. — Agora há pouco, tive a oportunidade de comunicar ao senhor que meu nome é Lóbov e que eu Nadiejda Fedossiévna empenhamos nossa palavra de honra um ao outro e, portanto, o senhor não pode dizer, como acabou de dizer, que não sabe com quem está falando; e também não pode pensar que não há motivo para continuarmos nossa conversa: ainda que seja por mim, a questão diz respeito a Nadiejda Fedossiévna, a quem o senhor está assediando de forma tão insolente. E só isso já constitui motivo suficiente para uma explicação.

Tudo isso ele filtrou devagar entre os dentes, como um esnobe, quase sem se dignar a articular direito as palavras; chegou a pegar de novo o lornhão e, por um instante, apontou-o para algo, enquanto falava.

— Com sua licença, meu jovem... — exclamou Pável Pávlovitch com irritação, mas o “jovem” tomou-lhe a frente.

— Em qualquer outra circunstância, naturalmente, eu proibiria o senhor de me chamar de “meu jovem”, mas agora, o senhor mesmo há de convir, minha juventude é minha principal vantagem sobre o senhor, que hoje mesmo, por exemplo, quando deu sua pulseira de presente, gostaria muito de ser mais jovem, um pinguinho que fosse.

— Ah, seu moleque! — sussurrou Veltchanínov.

— Em todo caso, prezado senhor — Pável Pávlovitch se recuperou, com dignidade —, ainda assim, não acho que os motivos propostos pelo senhor, motivos indecorosos e totalmente dúbios, sejam suficientes para prosseguir uma discussão sobre eles. Vejo que toda essa questão é infantil e vazia; amanhã mesmo irei tratar do assunto com o honrado Fedossiéi Semiónov,** e agora peço ao senhor que se retire.

— Está vendo que tipo de homem ele é? — gritou o rapaz para Veltchanínov, na mesma hora, inflamado, sem conseguir manter o mesmo tom. — De pouco adianta que seja expulso de lá, que lhe mostrem a língua; ele, ainda por cima, quer nos denunciar ao velho, amanhã! Por acaso o senhor, homem obstinado, não está dando, desse modo, a prova de que deseja mesmo tomar a mocinha à força, comprá-la de pessoas já caducas e que, por causa da barbárie social, detêm um

poder sobre ela? Pois parece que ela já deu ao senhor mostras suficientes de que o despreza; afinal, não lhe devolveram o presente indecoroso que o senhor deu hoje para ela, a sua pulseira? O que mais o senhor quer?

— Ninguém me devolveu pulseira nenhuma, e isso não pode ser verdade — sobressaltou-se Pável Pávlovitch.

— Como não? Será que o sr. Veltchanínov não lhe entregou?

“Ah, que o diabo te carregue!”, pensou Veltchanínov.

— De fato — falou ele, franzindo as sobrancelhas. — Nadiejda Fedossiévna me incumbiu, há pouco, de entregar ao senhor, Pável Pávlovitch, este estojo. Eu não queria trazer, mas ela pediu... tome aqui... é pena...

Pegou o estojo e, constrangido, colocou-o diante do estupefato Pável Pávlovitch.

— Por que o senhor não havia entregado até agora? — indagou o jovem, com ar severo, para Veltchanínov.

— Não tive chance, ao que parece — fechou a cara.

— Estranho.

— O quê-ê-ê?

— No mínimo, é estranho, e o senhor mesmo há de convir. De resto, admito que existe aqui um mal-entendido.

Veltchanínov teve uma vontade tremenda de levantar e arrancar as orelhas do garoto, mas não conseguiu se conter e, de repente, bufou uma gargalhada; na mesma hora, o garoto também começou a rir. Já com Pável Pávlovitch, foi diferente; se Veltchanínov pudesse perceber o olhar terrível que Pável Pávlovitch dirigia a ele, enquanto ria de Lóbov, teria entendido que, naquele momento, o homem estava cruzando a fronteira fatal... Mas Veltchanínov, embora não visse o olhar, compreendeu que era preciso apoiar Pável Pávlovitch.

— Escute, sr. Lóbov — começou, em tom amigável. — Sem entrar na discussão sobre outras razões, nas quais eu não quero tocar, eu apenas lembraria ao senhor que Pável Pávlovitch, ao cortejar Nadiejda Fedossiévna, traz consigo, em primeiro lugar, uma reputação perfeitamente conhecida naquela família respeitável; em segundo lugar, sua honrosa posição pessoal; por fim, um patrimônio e, portanto, é natural que ele fique admirado ao ver um rival como o senhor, uma pessoa, talvez, de grandes méritos, mas ainda tão jovem que não pode ser levado a sério como rival... e, por isso, tem razão de pedir ao senhor que ponha um fim nessa questão.

— O que significa “ainda tão jovem”? Já faz um mês que completei dezenove anos. Pela lei, já posso me casar há muito tempo. E, para o senhor, isso basta.

— Mas que pai aceitaria dar a filha em casamento ao senhor, ainda que, no futuro, o senhor possa vir a ser um milionário ou um benfeitor da humanidade? Uma pessoa de dezenove anos não está em condições nem de ser responsável por si mesmo, e o senhor quer ainda por cima assumir a responsabilidade pelo futuro de outra pessoa, ou seja, o futuro de outra criança, como o senhor! Ora, isso também não tem nada de nobre, o senhor não acha? Tomei a liberdade de falar com franqueza, porque o senhor mesmo, agora há pouco, se dirigiu a mim como um mediador entre o senhor e Pável Pávlovitch.

— Ah, sim, a propósito, o nome dele é Pável Pávlovitch! — observou o rapaz. — Como é que eu achei, o tempo todo, que era Vassíli Petróvitch? Veja só — disse para Veltchanínov —, o senhor não me surpreende nem um pouco; eu sabia que são todos iguais! O estranho, no entanto, é que me disseram que o senhor era um homem até de um tipo um pouco novo. De resto, tudo isso é bobagem, e a questão é que aqui não só não existe nenhuma falta de nobreza da minha

parte, como o senhor teve a bondade de se exprimir, como é até exatamente o contrário, e é isso que eu pretendo lhe explicar: em primeiro lugar, nós demos nossa palavra de honra um ao outro e, além disso, eu prometi diretamente a ela, diante de duas testemunhas, que, caso ela se apaixone por outro ou apenas se arrependa de ter casado comigo e queira separar-se, então eu prontamente lhe entregarei uma declaração oficial confessando meu adultério e, assim, darei o respaldo necessário ao seu pedido de divórcio. Além disso, no caso de eu, mais tarde, querer voltar atrás e me recusar a entregar essa declaração, então, por segurança, no mesmo dia do nosso casamento, entregarei nas mãos dela uma nota promissória no valor de cem mil rublos contra mim, de modo que, em caso de eu me recusar a entregar a declaração, ela poderá, na mesma hora, resgatar a nota promissória... e eu vou ficar com a corda no pescoço! Dessa forma, tudo está assegurado e não ponho o futuro de ninguém em risco. Muito bem, isso é só para começar.

— Aposto que quem inventou tudo isso foi aquele... como se chama... Predpossílov, não foi?
— exclamou Veltchanínov.

— Hi-hi-hi-hi! — Pável Pávlovitch deu uma risadinha venenosa.

— Do que esse cavalheiro está rindo? O senhor adivinhou: foi uma ideia de Predpossílov; e convenhamos que é perspicaz. A legislação absurda fica totalmente paralisada. Claro, eu tenho intenção de amá-la para sempre, e ela ri de mim terrivelmente... mesmo assim, é uma ideia sagaz e o senhor há de convir que é até nobre e também que não é qualquer um que se arriscaria a agir assim.

— A meu ver, não só não é nobre como chega a ser sórdido.

O jovem encolheu os ombros.

— Mais uma vez, o senhor não me surpreende — comentou, depois de uma pausa. — Faz muito tempo que tudo isso deixou de me causar admiração. Predpossílov, de forma direta, teria retrucado ao senhor que tal incompreensão, como a sua, das coisas naturais provém da perversão dos seus próprios sentimentos e das ideias mais comuns... em primeiro lugar, por causa de uma vida longa e absurda e, em segundo lugar, por conta de uma prolongada ociosidade. No entanto, talvez ainda não tenhamos nos entendido; apesar de tudo, me falaram bem do senhor... A propósito, o senhor já tem uns cinquenta anos, não é?

— Por favor, entre logo no assunto.

— Perdoe a indiscrição e não fique irritado; não tive a intenção. Prossigo: não sou mesmo nenhum futuro milionário, como o senhor teve a bondade de se exprimir (e de onde o senhor foi tirar uma ideia dessas?). Eu sou este que o senhor está vendo, em compensação tenho confiança absoluta no meu futuro. Não serei nem herói nem benfeitor de nada, mas vou garantir a vida da minha esposa e a minha. Claro, agora não possuo nada, e eu até fui criado na casa deles, desde pequeno...

— Como assim?

— É que sou filho de um parente distante da esposa daquele mesmo Zakhliebínin e, quando todos os meus familiares morreram e me deixaram sozinho aos oito anos, o velho me levou para sua casa e depois me pôs no ginásio. Ele até que é um homem bom, se o senhor quer saber...

— Eu sei disso, meu senhor...

— Sim; mas sua cabeça é antiquada demais. No entanto, ele é bom. Agora, é claro, já faz tempo que eu me livre de sua tutela, pois queria ganhar minha própria vida e só depender de mim mesmo.

— E quando o senhor saiu de casa? — Veltchanínov estava curioso.

— Bem, já vai fazer quatro meses.

— Ah, agora tudo está explicado: uma amizade desde a infância! E, então, o senhor tem um emprego?

— Sim, um emprego particular, no escritório de um tabelião, por vinte e cinco rublos ao mês. Naturalmente, é um emprego temporário, mas quando eu fiz o pedido de casamento, nem esse emprego eu tinha. Na ocasião, eu trabalhava na estrada de ferro, por dez rublos, mas tudo isso é temporário.

— Quer dizer, então, que o senhor fez um pedido de casamento?

— Um pedido formal, e já faz tempo, quase três semanas.

— E aí?

— O velho riu muito, depois ficou muito irritado e trancou Nádia no mezanino. Mas ela resistiu com heroísmo. No entanto, todo o insucesso foi porque ele já estava com as garras afiadas contra mim, pois eu tinha largado o emprego na repartição para o qual ele havia me indicado, quatro meses antes, ainda antes da estrada de ferro. É um velho excelente, repito, em casa ele é simples e alegre, só que lá na repartição, o senhor nem pode imaginar! Fica sentado como se fosse um Júpiter! Naturalmente, eu fiz ver a ele que suas maneiras não me agradavam, mas o problema principal foi por causa do ajudante do chefe do refeitório: aquele cavalheiro cismou de reclamar de mim, dizendo que eu o havia “desrespeitado”, mas tudo o que eu fiz foi lhe dizer que ele era um retardado. Larguei todos eles e agora estou no escritório de um tabelião.

— E na repartição, o senhor ganhava bem?

— Uh, eu era um empregado extranumerário! Quem pagava meu salário era o próprio velho... estou dizendo a vocês, ele é bom; mas, mesmo assim, não desistimos. Naturalmente, vinte e cinco rublos não bastam, mas espero, em breve, me encarregar da administração das propriedades do conde Zaviliéiski, que se encontram em desordem, e então vou ganhar três mil, de saída; se não, vou ser advogado. Hoje, estão precisando de gente... Nossa! Que trovoadas, vai vir uma tempestade, ainda bem que cheguei antes; afinal, eu vim de lá a pé, quase correndo.

— Mas, permita que eu pergunte, como foi que o senhor conseguiu conversar com Nadiejda Fedossiévna, se lá eles nem estão recebendo o senhor?

— Ah, mas dá para pular a cerca! Não notaram a ruivinha? — ele riu. — Pois é, ela dá um jeito, e a Mária Nikítichna também; só que essa Mária Nikítichna é uma serpente!... Por que está com o rosto contraído? Tem medo das trovoadas?

— Não, eu não estou me sentindo bem, estou muito doente... — Veltchanínov, de fato, sofria com uma repentina dor no peito, levantou-se da poltrona e tentou andar pelo quarto.

— Ah, é claro, eu estou incomodando o senhor... não se preocupe, já vou embora! — E o rapaz se levantou de um salto.

— Não está incomodando, não é nada — disse Veltchanínov, por delicadeza.

— Como não é nada, quando “Kobílnikov tem dor de barriga”? — Lembra-se de Schedrin?*** O senhor gosta de Schedrin?

— Sim...

— Eu também. Muito bem, sr. Vassíli... como é mesmo?... Ah é, Pável Pávlovitch, vamos terminar este assunto! — dirigiu-se para Pável Pávlovitch, quase rindo. — Vou formular a pergunta mais uma vez, para seu melhor entendimento: o senhor aceita, amanhã, diante do velho e em minha presença, renunciar a qualquer pretensão relativa a Nadiejda Fedossiévna?

— Não aceito coisa nenhuma, meu senhor — Pável Pávlovitch também se levantou, com ar exasperado e acerbo. — E, além disso, mais uma vez, peço que me poupe... porque tudo isso não passa de criancice e bobagem.

— Veja lá, hein! — E o jovem, com um sorriso arrogante, brandiu o dedo no ar, num gesto de ameaça. — Não se engane nos cálculos! Será que o senhor sabe o que um erro de cálculo como esse pode acarretar? E também previno o senhor que, quando voltar para cá, daqui a nove meses, depois que já tiver gastado muito dinheiro e se atormentado bastante, o senhor mesmo vai se sentir obrigado a desistir de Nadiejda Fedossiévna e, se não desistir, pior para o senhor; está vendo até que ponto o senhor vai levar essa questão? Tenho de adverti-lo de que, agora, o senhor é como um cão deitado em cima do feno... perdoe, é só uma comparação... não come nem deixa ninguém comer. Mas, por uma questão de humanidade, repito: pense bem, nem que seja uma vez na vida, faça um esforço para refletir a fundo.

— Peço ao senhor que me poupe de suas lições de moral — gritou Pável Pávlovitch, com raiva. — E, quanto a suas alusões pérfidas, amanhã mesmo tomarei minhas providências, e providências severas, meu senhor!

— Alusões pérfidas? Mas do que o senhor está falando? O senhor é que é pérfido, se tem isso na sua cabeça. No entanto, concordo em esperar até amanhã, mas se... Ah, mais uma vez essa trovoada! Até logo, muito prazer em conhecê-lo — cumprimentou Veltchanínov com a cabeça e saiu correndo, às pressas, pelo visto para escapar do temporal e não ser apanhado pela chuva.

* Diminutivos de Aleksandr e Nadiejda.

** Ao longo de todo o livro, esse personagem é chamado Fedossiéi Petróvitch.

*** Trata-se do conto “Para a idade infantil” (1863), do escritor humorístico russo Saltikov-Schedrin (1826-89). Vários pontos dessa narrativa coincidem com *O eterno marido*, como o nome e a idade da heroína, que são idênticos aos de Nádia, conforme apontou o crítico soviético G. M. Fridlender, em suas notas na edição das *Obras reunidas de Dostoiévski em 15 volumes* (Leningrado: Nauka, 1980, v. 8.)

15
QUITES

— O senhor viu só? O senhor viu só? — Pável Pávlovitch deu um pulo na direção de Veltchanínov, assim que o jovem saiu.

— É, você não tem sorte mesmo! — Veltchanínov deixou escapar. Não diria isso, se aquela dor no peito não o atormentasse e exasperasse tanto. Pável Pávlovitch estremeceu, como se algo o tivesse queimado.

— Muito bem, senhor, mas o senhor... então, foi por pena de mim que não me devolveu a pulseira... hein?

— Não tive tempo...

— Sentiu pena, no fundo do coração, como um amigo sincero tem pena de outro amigo sincero, não é?

— Está bem, tive pena, sim — Veltchanínov exasperou-se.

De todo modo, contou-lhe de forma sucinta como havia recebido a pulseira de volta e como Nadiejda Fedossiévna quase o obrigou à força a tomar parte...

— Entenda, eu não faria isso por nada; já são tantos aborrecimentos sem mais esse, ainda!

— O senhor foi seduzido e fez! — Pável Pávlovitch deu uma risada.

— Isso é tolice da sua parte; no entanto, é preciso perdoar o senhor. Agora, o senhor mesmo está vendo que o importante na história não sou eu, mas sim os outros!

— Mesmo assim, foi seduzido.

Pável Pávlovitch sentou-se e encheu seu copo.

— O senhor acha que eu vou me render a um menino qualquer? Vou obrigá-lo a baixar a crista, isto sim! Amanhã mesmo irei lá e ele vai baixar aquela crista. Vamos dar umas boas baforadas e varrer esse mau cheiro do quarto das crianças, meu senhor...

Quase de um só gole, bebeu o copo todo, e encheu de novo; passou a se comportar com um atrevimento absolutamente estranho a ele, até então.

— Quem diria, Nádienka e Sáchenka, as doces criancinhas... hi-hi-hi!

Pável Pávlovitch não conseguiu resistir à maldade. De novo, estourou uma forte trovoadas; rompeu um relâmpago ofuscante e a chuva se derramou como se fosse despejada de um balde. Pável Pávlovitch levantou-se e passou a tranca na janela.

— Há pouco, ele lhe perguntou: “O senhor tem medo da tempestade?”. Hi-hi-hi! Veltchanínov tem medo de trovão! Kobílnikov... como é mesmo... Kobílnikov tem dor de... E sobre os cinquenta anos, hein? O senhor lembra? — disse Pável Pávlovitch, sarcástico.

— Mas, pelo visto, o senhor já se instalou mesmo aqui — comentou Veltchanínov, mal

conseguindo falar, de tanta dor. — Vou deitar... e o senhor faça como preferir.

— Também, com um tempo desses, não se deixa na rua nem um cachorro! — emendou Pável Pávlovitch, com ar ofendido, quase alegre por ter o direito de sentir-se ofendido.

— Está certo, fique, beba... passe logo a noite toda! — resmungou Veltchanínov, estendeu-se no sofá e gemeu de leve.

— Passar a noite, meu senhor? E o senhor... não vai ter medo?

— De quê? — de repente, Veltchanínov levantou a cabeça.

— De nada, meu senhor, falei por falar, meu senhor. Na última vez, o senhor pareceu um pouco assustado, ou foi impressão minha...

— O senhor é um tolo! — Veltchanínov não se conteve e, com raiva, virou-se para a parede.

— Está bem, meu senhor — respondeu Pável Pávlovitch.

De todo modo, o enfermo pegou no sono de repente, um minuto depois de deitar-se.

Toda a estranha tensão daquele seu dia, sem falar do forte distúrbio de saúde dos últimos tempos, pareceu explodir de repente e ele, como uma criança, tombou prostrado. Mas a dor, no entanto, era mais forte e venceu o cansaço e o sono; uma hora depois, Veltchanínov acordou e, com sofrimento, levantou-se do sofá. A tempestade tinha passado; no quarto, havia fumaça de cigarro, a garrafa estava vazia e Pável Pávlovitch dormia no outro sofá. Estava de barriga para cima, a cabeça sobre a almofada do sofá, todo vestido e ainda de botas. O lornhão de antes tinha escapulado do bolso, estava pendurado pelo cordão e quase tocava no piso. O chapéu jazia a seu lado, no chão mesmo. Veltchanínov olhou para ele com ar soturno e não quis acordá-lo. Encolhido, andando devagar pelo quarto, porque já não tinha forças para deitar-se, ele gemia e pensava em sua dor.

Estava com medo daquela dor no peito, e não era sem motivo. Os ataques tinham começado já fazia tempo, mas o acometiam raramente — a intervalos de um ou dois anos. Ele sabia que era por causa do fígado. No início, a dor parecia se concentrar em algum ponto do peito, debaixo das costelas inferiores, ou mais acima, uma pressão ainda surda, sem força, mas que incomodava. Durante dez horas seguidas, a dor aumentava sem parar e, por fim, alcançava tamanha força e a pressão se tornava tão insuportável que o doente começava a pensar na morte. No último ataque que havia sofrido, fazia um ano, quando a dor afinal amainou, depois de dez horas, ele se sentiu tão debilitado que, estirado na cama, mal conseguia mover a mão e o médico só lhe permitiu tomar, durante um dia inteiro, algumas colherezinhas de um chá fraco e uns pedacinhos de pão encharcado na sopa, como se fosse uma criança de peito. A dor aparecia por força de várias circunstâncias, mas sempre quando os nervos já estavam perturbados. E também desaparecia de forma estranha; às vezes, acontecia de conseguir conter a dor bem no início, na primeira meia hora, com a ajuda apenas de compressas quentes, e tudo passava de uma vez só; às vezes, porém, como no último ataque, nada ajudava e a dor só amainava com numerosos e graduais procedimentos vomitivos. O médico, tempos depois, admitiu estar convencido de que a causa era uma intoxicação. Agora, ainda faltava muito para amanhecer, ele não queria chamar o médico à noite; além de tudo, não gostava do médico. Por fim, não se conteve mais e começou a gemer alto. Os gemidos acordaram Pável Pávlovitch: ele sentou-se no sofá e ficou assim por um tempo, escutando apavorado, enquanto, com os olhos perplexos, seguia Veltchanínov, que quase corria pelos dois quartos. A garrafa que tinha bebido inteira, também de maneira visivelmente incomum, produziu nele um efeito forte, de modo que Pável Pávlovitch não estava conseguindo recuperar a noção das coisas; por fim, voltou a si e se atirou na direção de Veltchanínov; este gemeu alguma palavra em resposta.

— Você tem isso por causa do fígado, eu sei! — de repente, Pável Pávlovitch ficou muito animado. — Aconteceu exatamente a mesma coisa com Piotr Kuzmitch e com Polossúkhin, por causa do fígado, meu senhor. O jeito são compressas quentes, meu senhor. Piotr Kuzmitch sempre punha compressas quentes... Pode até levar à morte, meu senhor! Eu vou correndo chamar a Mavra, hein?

— Não precisa, não precisa — retrucou Veltchanínov, irritado. — Não é nada.

Mas Pável Pávlovitch, sabe Deus por quê, estava quase fora de si, como se fosse uma questão de salvar o próprio filho. Não obedeceu e, com toda a energia, insistiu na necessidade das compressas e, sobretudo, de duas ou três xícaras de chá fraco, tomadas de uma vez só, “mas não apenas quente, e sim escaldante, meu senhor!”. E foi quase correndo chamar Mavra, sem esperar permissão, junto com ela acendeu o fogo na cozinha, que sempre ficava apagado, e esquentou o samovar; ao mesmo tempo, conseguiu deitar o enfermo, tirou sua roupa, agasalhou-o nas cobertas e, em mais ou menos vinte minutos, ao todo, já havia preparado o chá e a primeira compressa.

— São pratos bem quentes, meu senhor, incandescentes! — dizia, quase em êxtase, enquanto aplicava o prato escaldante, envolvido num guardanapo, sobre o peito do enfermo Veltchanínov. — Não há aqui outra forma de fazer compressas, meu senhor, vai demorar muito tempo para arranjar, e os pratos, eu juro ao senhor, palavra de honra, vão ser até melhores, no final; experimentei no Piotr Kuzmitch, diante de meus próprios olhos e com minhas próprias mãos, meu senhor. Isso pode até levar à morte. Beba o chá, engula... não importa que queime um pouco; a vida vale mais do que... esses requintes, meu senhor...

Mavra estava morta de sono, mas Pável Pávlovitch não lhe dava sossego; ele substituíra os pratos a cada três ou quatro minutos. Depois da terceira compressa de pratos e da segunda xícara de chá fervente, sorvida de um só gole, de repente Veltchanínov sentiu-se aliviado.

— Se enfraquecemos a dor, já é bom sinal, graças a Deus! — exclamou Pável Pávlovitch, e correu, alegre, para pegar mais um prato e mais um chá. — Temos de eliminar essa dor! Temos de fazer essa dor recuar! — repetia sem parar.

Em meia hora, a dor perdera toda a força, mas o enfermo estava a tal ponto exaurido que, por mais que Pável Pávlovitch suplicasse, não deixou que ele aplicasse “mais um pratinho só, meu senhor”. Os olhos de Veltchanínov estavam se fechando de tanta fraqueza.

— Dormir, dormir — repetiu, com voz débil.

— É bom! — concordou Pável Pávlovitch.

— Passe a noite aqui... que horas são?

— Quase duas, faltam quinze minutos.

— Passe a noite aqui.

— Vou passar, vou passar.

Um minuto depois, o enfermo chamou Pável Pávlovitch de novo.

— O senhor, o senhor — balbuciou, quando o outro acudiu correndo e debruçou-se sobre ele.

— O senhor é melhor do que eu! Compreendo tudo, tudo... obrigado.

— Durma, durma — sussurrou Pável Pávlovitch e, depressa, na ponta dos pés, foi para seu sofá.

Enquanto pegava no sono, o doente ainda ouviu como Pável Pávlovitch arrumou sua cama às pressas, em silêncio, tirou a roupa e, enfim, depois de apagar a vela, e quase sem respirar, para não fazer barulho, estendeu-se no sofá.

Depois disso, sem dúvida, Veltchanínov também adormeceu muito rapidamente, como uma vela que se apaga; mais tarde, ele se lembrou daquilo com clareza. Porém, durante todo o seu

sono, até o minuto em que despertou, sonhou que não estava dormindo e que parecia não conseguir dormir de jeito nenhum, apesar de toda a sua fraqueza. Por fim, sonhou que estava delirando acordado e que não conseguia, de maneira nenhuma, dispersar as visões que se aglomeravam à sua volta, em multidão, apesar de ter plena consciência de que tudo era apenas um delírio, e não a realidade. Todas as visões eram conhecidas; o seu quarto parecia estar cheio de gente e a porta para o vestíbulo estava destrancada; as pessoas entravam em bandos e se espremiavam na escada. Atrás da mesa, que haviam recuado para o meio do quarto, estava sentado um homem — era igualzinho ao sonho que Veltchanínov tivera um mês antes. Como naquele sonho, o homem apoiava os cotovelos sobre a mesa e não queria falar; só que agora ele estava com uma fita de crepe no chapéu-coco, em sinal de luto. “Como assim? Será que já era o Pável Pávlovitch da outra vez, como agora também?”, pensou Veltchanínov. Mas, depois de olhar melhor para o rosto do homem calado, convenceu-se de que era outra pessoa. “Por que está com a fita de crepe?”, Veltchanínov intrigou-se. O barulho, o vozerio e os gritos das pessoas que se espremiavam na escada eram tremendos. Parecia que aquelas pessoas estavam agora mais revoltadas com Veltchanínov do que no outro sonho; elas o ameaçavam com as mãos e, por alguma razão que ele não conseguia atinar, berravam com ele com toda a força. “Mas, afinal, isso é um delírio, eu sei!”, pensou. “Sei que eu não estava conseguindo dormir e agora me levantei, porque a angústia não me deixava ficar deitado!” No entanto, os gritos, as pessoas, seus gestos e tudo era tão presente, tão real, que às vezes lhe vinha a dúvida: “Será que isto é mesmo um delírio? O que querem de mim essas pessoas, meu Deus! Porém, se não é um delírio, como é possível que tais gritos, até agora, não tenham acordado Pável Pávlovitch? Pois ele está dormindo aqui no sofá, não está?”. Por fim, de repente, algo aconteceu de novo, agora como antes, no outro sonho; todos subiam a escada correndo e se comprimiam na porta, porque mais um bando de gente se derramava da escada para dentro do quarto. Essas pessoas estavam carregando alguma coisa, algo grande e pesado; dava para ouvir como seus passos reverberavam com força nos degraus e como suas vozes berravam, entre eles mesmos, e bufavam. No quarto, todos passaram a gritar: “Estão trazendo, estão trazendo!”. Todos os olhos começaram a cintilar e dispararam na direção de Veltchanínov; ameaçadores, exultantes, todos lhe apontavam a escada. Já sem a menor dúvida de que tudo aquilo não era delírio, mas sim a verdade, Veltchanínov se pôs na ponta dos pés a fim de ver mais depressa, por trás das cabeças das pessoas, o que estavam trazendo. Seu coração batia, batia, batia, e de repente, igualzinho ao sonho anterior, ressoaram três toques fortíssimos da campainha. E, mais uma vez, o som foi tão claro, tão real, quase palpável, que, naturalmente, não podia existir só no sonho!... Ele começou a gritar e acordou.

Mas não abalou a correr para a porta, como na outra vez. Que pensamento guiou seu primeiro movimento — se é que ele teve algum pensamento, naquele instante —, isso não se sabe, mas foi como se alguém lhe dissesse o que devia fazer: saltou da cama, precipitou-se de braços estendidos para a frente, como que para se proteger e evitar uma agressão, atirou-se direto para o lugar onde Pável Pávlovitch estava dormindo. Seus braços logo esbarraram de encontro a outros braços, estendidos por cima dele e curvados para baixo. As cortinas da janela estavam fechadas, mas a escuridão não era completa, porque do outro quarto, onde não havia cortinas, já se infiltrava uma claridade fraca. De repente, algo horivelmente doloroso cortou a palma e os dedos da sua mão esquerda e, na mesma hora, ele entendeu que tinha segurado uma faca ou uma navalha de barbear e a apertava com força na mão... Nesse instante, algo caiu no chão com um baque surdo e pesado.

Veltchanínov talvez fosse três vezes mais forte do que Pável Pávlovitch, mas a luta entre eles se prolongou por uns bons três minutos. Enfim, conseguiu curvá-lo até o chão e torceu seus braços para trás, porém, por alguma razão, lhe veio a vontade de amarrar seus braços. Tateando com a mão direita — enquanto, com a esquerda, ferida, segurava o assassino —, procurou o cordão da cortina, mas demorou a encontrar, até que, afinal, agarrou o cordão e o arrancou da janela. Mais tarde, ele mesmo se admirou com a força extraordinária que aquilo exigiu. Durante aqueles três minutos, nem um nem outro pronunciou nenhuma palavra; só se ouvia sua respiração pesada e os sons surdos da luta. Por fim, depois de torcer e amarrar os braços de Pável Pávlovitch nas costas, Veltchanínov jogou-o no chão, levantou-se, abriu a cortina e ergueu o estore. Na rua solitária, já estava claro. Depois de abrir a janela, ficou parado, de pé, alguns momentos, respirando fundo. Já passava um pouco das quatro. Fechou a janela e, sem pressa, caminhou na direção do armário, pegou uma toalha limpa e enrolou-a, bem apertada, na mão esquerda, para estancar o sangue, que escorria. A seus pés, sobre o tapete, estava caída uma navalha aberta; apanhou a navalha, fechou, colocou dentro do estojo de barbear, que, desde a manhã, ele havia esquecido na mesinha ao lado do sofá em que Pável Pávlovitch estava dormindo, e trancou o estojo à chave numa gaveta da escrivaninha. Depois de fazer tudo isso, chegou perto de Pável Pávlovitch e se pôs a observá-lo.

Nessa altura, ele já tivera tempo de levantar-se do tapete com esforço e sentar-se na poltrona. Não estava vestido, só tinha as roupas de baixo, nem as botas calçava. Nas costas e nas mangas, a camisa estava ensopada de sangue; mas o sangue não era dele e sim da mão cortada de Veltchanínov. Naturalmente, aquele era Pável Pávlovitch, só que, se alguém o encontrasse por acaso naquele estado, seria quase impossível reconhecê-lo, à primeira vista, a tal ponto sua fisionomia se modificara. Estava mal acomodado na poltrona, por causa dos braços amarrados nas costas, tinha o rosto desfigurado, exaurido e esverdeado, de vez em quando era sacudido por tremores. Fitava Veltchanínov fixamente, mas com uma espécie de olhar turvo, como se ainda não conseguisse distinguir bem as coisas. De repente, sorriu de modo obtuso, inclinou-se na direção do jarro de água sobre a mesa e falou, num sussurro escasso:

— Uma aguinha só, meu senhor.

Veltchanínov pôs água no copo e lhe deu de beber nas próprias mãos. Pável Pávlovitch curvou-se para a água com sofreguidão; depois de uns três goles, ergueu a cabeça, olhou muito fixamente para o rosto de Veltchanínov, à sua frente, com o copo na mão, mas não disse nada e voltou a beber até o fim. Depois, suspirou fundo. Veltchanínov pegou seu travesseiro, apanhou sua roupa e foi para o outro quarto, depois de trancar Pável Pávlovitch à chave no primeiro quarto.

Sua dor tinha passado por completo, mas ele sentiu de novo uma fraqueza extraordinária, depois da tensão momentânea de toda a força que fizera pouco antes e que só Deus sabe de onde tinha vindo. Tentou refletir sobre o incidente, mas os pensamentos já não se concatenavam; o choque tinha sido forte demais. Os olhos se cerravam, às vezes até por uns dez minutos, e de repente ele estremecia todo, despertava, recordava tudo, erguia a mão dolorida, envolta na toalha molhada de sangue, e se punha a pensar, sôfrego e febril. Só uma coisa ele concluiu com clareza: que Pável Pávlovitch queria, de fato, matá-lo com a navalha, mas que, quinze minutos antes, talvez nem ele mesmo soubesse disso. Talvez, ao anoitecer, seus olhos tivessem esbarrado no estojo de barbear, sem despertar nenhuma ideia, e ele apenas guardou aquilo na memória. (A navalha ficava sempre fechada à chave na escrivaninha e Veltchanínov a havia pegado na manhã anterior, a fim de raspar uns pelinhos supérfluos em torno do bigode e

das costeletas, como às vezes fazia.)

“Se ele, há muito tempo, tivesse a intenção de me matar, certamente teria preparado uma faca ou uma pistola com antecedência, em vez de depender da minha navalha, que até ontem à noite ele nunca tinha visto”, lhe passou pela cabeça.

Enfim, soaram as seis horas da manhã. Veltchanínov acordou, vestiu-se e foi para o quarto de Pável Pávlovitch. Quando abriu a porta, não conseguiu entender por que havia trancado Pável Pávlovitch e por que não tinha deixado que ele fosse embora. Para sua surpresa, o prisioneiro já estava vestido e arrumado; pelo visto, sabe-se lá como, tinha encontrado um jeito de se desamarrar. Estava sentado na poltrona, porém, assim que Veltchanínov entrou, ele prontamente se pôs de pé. Já tinha o chapéu nas mãos. Seu olhar angustiado, com ar afoito, dizia: “Não comece a falar; não vale a pena começar; não há nada a dizer...”.

— Vá embora! — disse Veltchanínov. — Pegue sua pulseira — acrescentou, às suas costas.

Já na porta, Pável Pávlovitch voltou, pegou na mesa o estojo com a pulseira, enfiou-o no bolso e saiu pela escada. Veltchanínov foi até a porta para fechá-la com a chave e deteve-se ali. O olhar de ambos se cruzou pela última vez; de repente, Pável Pávlovitch parou um momento e, por uns cinco segundos, os dois olharam um para o outro — pareceram hesitar; por fim, Veltchanínov acenou debilmente com a mão.

— Vá embora! — disse a meia-voz e passou a tranca na porta.

A sensação de uma alegria imensa, extraordinária, o dominou; algo chegou ao fim, ao desenlace; uma espécie de angústia horrível desapareceu e se diluiu por completo. Era o que lhe parecia. Aquilo já vinha se prolongando havia cinco semanas. Ele ergueu a mão, olhou para a toalha encharcada de sangue e balbuciou para si mesmo: “Não, agora está tudo terminado!”. E durante toda aquela manhã, pela primeira vez em três semanas, quase não pensou em Liza — como se o sangue dos dedos cortados pudesse “acertar as contas” até com aquela angústia.

Ele compreendia, com clareza, que havia escapado de um perigo terrível. “Essas pessoas”, pensou, “justamente essas pessoas que, um minuto antes, não sabem se vão esfaquear alguém ou não, quando seguram uma faca na mão trêmula e sentem nos dedos o primeiro respingo de sangue ardente, não só matam a pessoa a facadas como ainda cortam sua cabeça ‘pela raiz’, como dizem os condenados aos trabalhos forçados. É assim.”

Não conseguiu ficar em casa e saiu pela rua, na convicção de que, agora, era necessário fazer alguma coisa ou de que, agora, a todo custo, era necessário fazer algo consigo mesmo; caminhava pelas ruas e esperava. Sentia uma vontade terrível de encontrar alguém, de conversar com alguém, ainda que fosse um desconhecido, e só isso acabou conduzindo seu pensamento para o médico e para o fato de que era necessário fazer um curativo decente na mão. O médico, seu conhecido, examinou o ferimento com curiosidade e perguntou: “Como é que isso pôde acontecer?”. Veltchanínov fez pouco-caso, riu e quase acabou contando tudo, porém se conteve. O médico se viu obrigado a tomar seu pulso e, ao saber do ataque da noite anterior, convenceu Veltchanínov a tomar, na mesma hora, um remédio calmante que ele tinha ali à mão. Quanto ao corte, o médico também o tranquilizou: “Não pode trazer consequências especialmente ruins”. Veltchanínov riu e garantiu ao médico que já havia trazido consequências excelentes. O desejo irreprimível de contar *tudo* se repetiu mais duas vezes naquele dia: uma vez, com um homem completamente desconhecido, com o qual conversou pela primeira vez na vida, numa confeitaria. Até então, ele era incapaz de travar conversa com desconhecidos, em lugares públicos.

Entrava em lojas, comprou um jornal, passou no alfaiate e encomendou uma roupa. A ideia de visitar os Pogoriéltsev continuava a lhe parecer desagradável, Veltchanínov nem pensava neles, tampouco podia ir à casa de campo: parecia, o tempo todo, à espera de algo, ali na cidade. Almoçou com prazer, conversou com o garçom e com seu vizinho de mesa e ainda bebeu meia garrafa de vinho. Sobre a possibilidade de o ataque da véspera se repetir, ele também não pensava; estava seguro de que a doença havia passado por completo no exato instante em que,

depois de adormecer em tamanha debilidade, ele acordou, meia hora depois, pulou da cama e, com uma força extraordinária, arrojou ao chão seu assassino. Ao anoitecer, no entanto, sua cabeça começou a rodar e algo semelhante ao delírio do sonho da véspera pareceu dominá-lo por alguns momentos. Veltchanínov voltou para casa já ao crepúsculo e, ao entrar, quase se assustou com seu quarto. Ele o percorreu algumas vezes e chegou a entrar na cozinha, aonde quase nunca ia. “Aqui, ontem, ele esquentou os pratos”, pensou. Trancou a porta com firmeza e acendeu as velas antes do costume. Ao trancar a porta, lembrou que, meia hora antes, ao passar pelo quarto do zelador, tinha chamado Mavra e perguntado: “Por acaso o Pável Pávlovitch passou por aqui?”, como se ele pudesse, de fato, ter passado.

Depois de trancar a porta com cuidado, abriu a fechadura da gaveta da escrivaninha, pegou o estojo de barbear e abriu a navalha “de ontem”, para examiná-la. No cabo branco de osso, restavam vestígios de sangue quase imperceptíveis. Colocou a navalha de novo no estojo e trancou-o, mais uma vez, na escrivaninha. Veio a vontade de dormir; sentiu que era necessário deitar-se já, do contrário, no dia seguinte, ele não ia prestar para nada. Por alguma razão, o dia seguinte se apresentava a ele como um dia fatal e “decisivo”. No entanto, os mesmos pensamentos que, na rua, o dia inteiro, não o largaram por um minuto sequer continuavam, ainda agora, a cercá-lo em bando e a martelar em sua cabeça enferma, de modo incansável, irresistível, e ele, o tempo todo, pensava... pensava... pensava, e o sono demorou muito a vir...

“Se for mesmo verdade que ele se levantou para me matar *por acaso*”, pensava e pensava Veltchanínov, o tempo todo, “então, será que essa ideia já não havia passado pela sua cabeça antes, pelo menos uma vez, ainda que só na forma de um sonho, num momento de maldade?”

Resolveu a questão de forma estranha: Pável Pávlovitch queria matá-lo, mas a ideia do assassinato não veio, nenhuma vez, à cabeça do futuro assassino. Em resumo: “Pável Pávlovitch queria matar, mas não sabia que queria matar. É uma loucura, mas é isso mesmo”, pensou Veltchanínov. “Não foi para procurar um emprego nem para encontrar Bagaútov que ele veio para cá, embora tenha, de fato, procurado um emprego, tenha batido à porta da casa de Bagaútov e tenha ficado furioso quando ele morreu; Pável Pávlovitch desprezava Bagaútov, como se não fosse mais do que um cisco de poeira. Ele veio para cá por minha causa, e veio com Liza...”

“E será que eu mesmo esperava que ele... me degolasse?” Concluiu que sim, esperava aquilo, e que foi exatamente a partir do instante em que o viu numa carruagem, no cortejo que acompanhava o caixão de Bagaútov, “foi aí que eu comecei a esperar alguma coisa... mas, claro, não era isso, claro, não esperava que ele fosse me degolar!...”

“Mas, quem sabe, quem sabe, será que não é verdade tudo aquilo”, exclamou, de novo, levantando a cabeça do travesseiro, de repente, e arregalando os olhos, “tudo aquilo que esse... lunático ficou tagarelando para mim ontem, sobre seu amor por mim, na hora em que seu queixo começou a tremer e ele ficou batendo no peito com o punho cerrado?”

“É a pura verdade!”, concluiu, enquanto aprofundava a análise, de modo incansável. “Esse Quasímodo de T. era tolo e nobre o bastante para se apaixonar pelo amante de sua esposa, na qual, durante vinte anos, ele não percebeu *nada*! Ele me respeitou durante nove anos, honrou minha memória e guardou na lembrança meus ‘aforismos’... meu Deus, e eu não tinha a menor ideia! Ontem, ele não pode ter mentido! Mas será que ele me amava ontem, quando ficou falando de amor e me disse: ‘vamos acertar as contas’? Sim, ele amava *com maldade*, e esse é o amor mais forte...”

“Pode ser, e pode muito bem ser que, em T., eu tenha produzido nele uma impressão colossal,

exatamente isso, colossal e ‘prazerosa’, e foi exatamente isso que deve ter se passado com esse Schiller em forma de Quasímodo! Ele exagerou em cem vezes os meus méritos, porque eu o impressionei demais, em sua solidão filosófica... Seria curioso saber em que, exatamente, eu o impressionei. Na verdade, quem sabe, pode ter sido por causa das minhas luvas novas e da minha elegância em vesti-las. Os Quasímodos adoram a estética, ah, como adoram! Para certas almas nobres, luvas já bastam, e de sobra, ainda mais para os ‘eternos maridos’. O restante, eles mesmos completam, tudo multiplicado por mil, e chegam até a brigar a nosso favor, se assim quisermos. Os meus recursos de sedução, é a isso que ele dá o mais alto valor! Talvez tenham sido exatamente os recursos de sedução que mais o impressionaram. E o seu grito, daquela vez: ‘Será possível que aquele também? Se aquele lá também, ele também, depois de tudo isso, afinal, em quem é que se pode acreditar?’. Depois de um grito desses, a pessoa pode virar um bicho!...

“Humm! Ele veio aqui para ‘me abraçar e chorar’, como ele mesmo se exprimiu, da maneira mais torpe, ou seja, ele veio para me degolar, mas achava que vinha para ‘me abraçar e chorar’... E ainda trouxe a Liza. Pois bem: se eu tivesse chorado com ele, talvez, de fato, ele me perdoasse, porque ele tinha uma vontade terrível de perdoar!... No primeiro confronto, tudo isso tomou a forma de uma pantomima de bêbado, de uma caricatura e da gritaria sórdida de uma mulherzinha ofendida. (Os chifres, ele mesmo fez os chifres na testa!) Era por isso que ele chegava aqui embriagado, para poder falar tudo, ainda que com suas encenações; sem estar embriagado, ele não ia conseguir... E ele adorava tanto fazer aquelas cenas, ah, como adorava! Ah, como ficou contente quando me obrigou a beijá-lo! Só que, então, ele não sabia como ia terminar: ia me abraçar ou me degolar? No fim, é claro, viu que o melhor eram as duas coisas juntas. A decisão mais natural! Sim, senhor, a natureza não ama os monstros e ela os extermina com ‘soluções naturais’. O monstro mais monstruoso é um monstro com sentimentos nobres: eu sei disso por experiência própria, Pável Pávlovitch! Para o monstro, a natureza não é mãe carinhosa, mas sim madrasta. A natureza cria monstros, mas não para ter pena, e sim para dar cabo deles... e com razão. Hoje em dia, abraços e lágrimas de perdão não saem barato nem para pessoas decentes, quanto mais para gente como eu e você, Pável Pávlovitch!

“Sim, ele foi tolo o bastante para me levar até sua noiva... meu Deus! Uma noiva! Só num Quasímodo como ele poderia germinar a ideia de uma ‘ressurreição para uma vida nova’... por meio da inocência da Mlle. Zakhliebínina! Mas a culpa não é sua, Pável Pávlovitch, você não tem culpa: você é um monstro, portanto tudo que é seu tem de ser monstruoso, até seus sonhos e suas esperanças. Porém, embora monstro, você duvidou do sonho, porque precisou da sanção suprema de Veltchanínov, respeitado com reverência. Foi necessária a aprovação de Veltchanínov, sua ratificação de que o sonho não era sonho, mas realidade. Levou-me até lá pelo respeito reverente que tinha por mim e, acreditando na nobreza de meus sentimentos... acreditando, talvez, que iríamos nos abraçar e chorar sob os arbustos, bem perto da inocência. Sim! Afinal, esse ‘eterno marido’ devia, tinha mesmo a obrigação de, algum dia, se castigar por tudo, de forma definitiva, e foi para se castigar que ele pegou a navalha... na verdade, não tinha a intenção, mesmo assim, pegou! ‘Mesmo assim, ele meteu a faca, mesmo assim, afinal, ele meteu a faca, em presença do governador!’ De resto, será que ele já trazia algum pensamento desse tipo, quando me contou aquela história sobre o padrinho de casamento? Será que havia, de fato, alguma coisa naquela noite em que ele se levantou da cama e ficou parado no meio do quarto? Humm. Não, na ocasião, ele ficou parado ali *de brincadeira*. Levantou-se por alguma necessidade particular e, quando viu que eu estava com medo dele, não me respondeu nada durante dez minutos, porque sentiu um grande prazer de me ver com medo dele... E talvez aí,

de fato, pela primeira vez, tenha passado pela sua cabeça alguma ideia desse tipo, quando ficou ali parado, no escuro...

“Mesmo assim, se ontem eu não tivesse esquecido a navalha na mesa, talvez não acontecesse nada. Será? Será? Pois ele já vinha me evitando desde antes, fazia duas semanas que não vinha à minha casa; pois estava se escondendo de mim, *tinha pena* de mim! Pois, no início, preferiu Bagaútov, e não a mim! Pois passou a noite acordado, aplicando compressas de pratos quentes em mim, achando que ia despistar... da faca para o afeto!... E queria salvar a si e a mim também... com os pratos quentes!”

E desse modo, por muito tempo, trabalhou a cabeça doente daquele ex-“homem do mundo”, intercalando o oco no vazio, até que se acalmou. Despertou no dia seguinte com a mesma cabeça doente, mas com um horror absolutamente *novo* e já de todo inesperado.

Aquele novo horror provinha da convicção inabalável, que se havia, de surpresa, consolidado dentro dele, de que ele mesmo, Veltchanínov (o homem do mundo), naquele mesmo dia, por vontade própria, iria terminar com tudo aquilo, iria ao encontro de Pável Pávlovitch... Para quê? Por quê?... Quanto a isso, ele nada sabia e, com repulsa, tampouco queria saber; apenas sabia que, por alguma razão, a todo custo, iria até lá.

Tal loucura — ele não podia chamar de outro modo — se desenvolveu, no entanto, e a tal ponto que chegou a adquirir, na medida do possível, o aspecto de um pretexto sensato e bastante legítimo: ele teve uma espécie de visão em que Pável Pávlovitch voltava a seu quarto, trancava a porta e... se enforcava, como aquele tesoureiro de que falou Mária Sissóievna. Esse sonho da véspera se transformou, pouco a pouco, para ele, numa convicção absurda, mas irresistível. “Para que esse cretino iria se enforcar?”, ele se questionava o tempo todo. Lembrou-se das palavras de Liza, de muito tempo antes... “No entanto, no lugar dele, talvez eu também me enforcasse...”, pensou Veltchanínov, a certa altura.

Acabou que, em lugar de ir almoçar, ele se dirigiu à casa de Pável Pávlovitch. “Vou só perguntar para Mária Sissóievna”, decidiu. Porém, ainda no portão, antes mesmo de chegar à rua, de repente, ele parou.

— Será possível, será mesmo possível — exclamou, vermelho de vergonha —, será possível que eu vou me arrastar até lá para “abraçar e chorar”? Será que, em tamanha infâmia, ainda faz falta mais essa sordidez absurda?

No entanto, ele foi salvo da “sordidez absurda” pela providência das pessoas honradas e decentes. Assim que saiu à rua, topou de repente com Aleksandr Lóbov. O rapaz vinha afobado e ansioso.

— Estava mesmo indo à casa do senhor! O seu amigo, o Pável Pávlovitch, sabe o que houve?

— Enforcou-se? — balbuciou Veltchanínov, desvairado.

— Quem se enforcou? Por quê? — Lóbov arregalou os olhos.

— Não é nada... falei por falar; continue!

— Puxa, que diabo, ora essa, o senhor tem cada ideia ridícula! Não se enforcou nada (por que iria se enforcar?). Ao contrário: fugiu. Acabei de levá-lo até o trem, ele partiu. Nossa, como bebe, nem lhe conto! Esvaziamos três garrafas, nós dois e o Predpossílov... mas como ele bebe, como ele bebe! No vagão, ficou cantando, lembrou-se do senhor, fez um gesto com a mão, mandou cumprimentos para o senhor. É um canalha, o senhor não acha, hein?

De fato, o jovem estava embriagado; o rosto vermelho, os olhos brilhantes e a língua que articulava os sons com dificuldade davam prova disso. Veltchanínov soltou uma gargalhada:

— Então, vocês terminaram assim, afinal, bebendo em *Brüderschaft*!* Ha-ha! Abraçaram-se e

choraram! Ah, vocês, seus poetas, seus Schiller!

— Não precisa ofender, por favor. Sabe, ele desistiu completamente de ir *lá*. Esteve ontem lá e hoje também. Um horror, ele nos denunciou. Trancaram a Nádia, ela está no sótão. Gritos, lágrimas, mas nós não vamos nos render! Mas como ele bebe, nem lhe conto como ele bebe! E o senhor sabe como ele é deselegante, quer dizer, não propriamente deselegante, como vou dizer?... E não parava de falar do senhor, só dizia que não tinha comparação com o senhor! Que o senhor, afinal, é um homem respeitável, em outros tempos pertenceu, de fato, à mais alta sociedade, só que agora é obrigado a se afastar, por pobreza ou sei lá o quê... Só o diabo sabe, não entendi direito o que ele dizia.

— Ah, então ele falou com o senhor nesses termos, a meu respeito?

— Ora, ora, não fique irritado. Ser cidadão é melhor do que ser da alta sociedade. Eu acho que, hoje em dia, na Rússia, não se sabe mais o que se deve respeitar. O senhor há de convir que essa é uma grave doença do século, quando não se sabe mais o que respeitar... não é verdade?

— É verdade, é verdade, mas e ele?

— Ele? Quem? Ah, sim! Por que será que repetia sempre: “tem cinquenta anos, o Veltchanínov, *mas* gastou tudo que tinha”? Por que dizia “*mas* gastou tudo” em vez de “*e* gastou tudo”? Ele ria e repetia mil vezes. Entrou no vagão, sentou, começou a cantar e desatou a chorar... simplesmente deplorável; chegava a dar pena... um bêbado. Ah, eu não gosto de tolos! Aí começou a jogar dinheiro para os mendigos, pela alma de uma falecida Lizavieta, a esposa dele, não é isso?

— Filha.

— O que o senhor tem na mão?

— Cortei.

— Não há de ser nada, vai passar. Quer saber? O diabo que o carregue, ainda bem que ele foi embora, mas eu aposto que lá, para onde ele foi, ele vai casar num instante... não acha?

— Mas o senhor também não quer casar?

— Eu? Eu sou outra história... O senhor tem cada uma, francamente! Se o senhor tem cinquenta anos, então ele, com certeza, tem uns sessenta; aqui, é preciso usar a lógica, meu caro! Sabe, antes, faz muito tempo, fui um eslavófilo puro, por convicção, mas agora é do Ocidente que nós esperamos a aurora... Muito bem, então até logo; que bom ter topado com o senhor aqui, nem precisei entrar; não vou entrar, não convido, não tenho tempo!

E fez que ia sair correndo.

— Ah, mas onde estou com a cabeça? — Voltou de repente. — Ele mandou entregar uma carta para o senhor! Aqui está a carta. Por que o senhor não foi se despedir?

Veltchanínov voltou para casa e abriu o selo do envelope endereçado em seu nome.

Dentro do envelope, não havia nem uma palavra de Pável Pávlovitch, mas outra carta. Veltchanínov reconheceu a letra. Era uma carta antiga, num papel amarelado pelo tempo, com a tinta desbotada, escrita uns dez anos antes, para ele, em Petersburgo, dois meses depois de ter partido de T. Mas a carta não chegou até ele; em seu lugar, tinha recebido outra; isso ficou claro, pelo sentido da carta amarelada. Naquela carta, Natália Vassílievna, ao se despedir dele para sempre — exatamente como na carta que ele recebera, então — e ao confessar que amava outro, não escondia, no entanto, sua gravidez. Ao contrário, para consolar Veltchanínov, prometia encontrar uma forma de lhe entregar o futuro filho, garantia que dali em diante eles tinham outras obrigações, que agora a amizade deles estava consolidada para sempre — numa palavra, havia pouca lógica, mas o propósito era sempre o mesmo: que ele a liberasse de seu

amor. Ela até permitia que ele fosse a T. dali a um ano, para ver a criança. Só Deus sabe por que ela mudou de ideia e mandou outra carta, em lugar daquela.

Veltchanínov, ao ler, ficou pálido, mas imaginou Pável Pávlovitch na hora em que encontrou a carta e a leu, pela primeira vez, diante do pequeno baú de família, aberto, de madeira preta, com incrustações de madrepérola.

“Na certa, também ficou pálido como um defunto”, pensou, quando, por acaso, viu o próprio rosto no espelho, “na certa, leu, fechou os olhos e de repente abriu de novo, na esperança de que a carta tivesse simplesmente se transformado num papel em branco... Com certeza, repetiu a experiência três vezes!”

* Alemão: beber fraternalmente.

Passaram quase exatamente dois anos, depois da aventura que descrevemos. Encontramos o sr. Veltchanínov num belo dia de verão, num vagão de trem de uma de nossas ferrovias recém-inauguradas. Para se distrair, ele estava a caminho de Odessa para encontrar-se com um amigo e, ao mesmo tempo, por outra circunstância, também bastante agradável; por meio daquele amigo, contava conseguir um encontro com certa mulher extraordinariamente interessante que, havia muito tempo, queria conhecer. Sem entrar em detalhes, vamos nos contentar apenas com a observação de que ele tinha se regenerado bastante, ou, melhor dizendo, tinha se corrigido, naqueles dois últimos anos. Da hipocondria anterior, não restava quase nenhum vestígio. Das diversas “lembranças” e aflições — em virtude da doença — que começaram a assediá-lo dois anos antes, em Petersburgo, na época do malfadado processo judicial, apenas sobreviveu nele alguma vergonha secreta, por causa da consciência da antiga covardia. Era recompensado, em parte, pela certeza de que aquilo não existia mais e de que nunca ninguém saberia de nada. Na verdade, ele se afastou da sociedade, na época, passou até a se vestir mal, se esquivava de todos — e isso, é claro, foi notado *por todos*. Porém pouco depois ele reapareceu, com tal humildade e, ao mesmo tempo, com um aspecto tão renovado e seguro de si, que “todos” logo lhe perdoaram a deserção momentânea; aqueles mesmos que Veltchanínov tinha parado de cumprimentar foram os primeiros a reconhecê-lo e estender-lhe a mão, e sem lhe fazer nenhuma pergunta incômoda — como se ele, todo o tempo, tivesse estado em algum lugar distante, ausente por força de problemas familiares que não eram absolutamente da conta deles, e só agora tivesse regressado. O motivo de todas aquelas mudanças proveitosas e benéficas foi, é claro, sua vitória no processo judicial. Veltchanínov ganhou, ao todo, sessenta mil rublos — sem dúvida, uma causa pequena, mas muito importante para ele; em primeiro lugar, logo se sentiu de novo em terra firme — portanto, moralmente apaziguado; agora, sabia com certeza que não ia dissipar aquele seu último dinheiro “que nem um idiota”, como havia dilapidado suas duas primeiras fortunas, e sabia que era o suficiente para a vida toda. “Por mais que o edifício da sociedade deles esteja rachado, e a despeito do que eles possam apregoar”, pensava Veltchanínov, às vezes, ao observar e escutar tudo de maravilhoso e incrível que se passava à sua volta, em toda a Rússia, “e também não importa em que venham a se transformar as pessoas e os pensamentos, de um jeito ou de outro, eu terei sempre essa refeição fina e saborosa que agora vou comer e, portanto, estou preparado para tudo.” Essa ideia, de uma ternura que beirava a volúpia, pouco a pouco o dominou por completo e provocou nele uma reviravolta até mesmo física, sem falar do aspecto moral: agora, de fato, ele parecia outra pessoa, em

comparação com o *hamster* de dois anos antes, que descrevemos aqui, e com ele já começavam a ocorrer aquelas histórias indecentes — ele parecia alegre, radiante, imponente. Até as pérfidas ruguinhas que começaram a se acumular em torno dos olhos e na testa estavam quase lisas; até a cor do rosto mudou — ficou mais branco, mais rosado. Nesse momento, estava sentado numa poltrona confortável, num vagão de primeira classe, e em seu pensamento brotou uma ideia doce: na estação seguinte, havia uma bifurcação e uma estrada de ferro nova seguia para a direita. “Se, só por um tempinho, eu abandonar o caminho direto e me permitir tomar a estrada da direita, talvez seja possível, duas estações adiante, visitar uma dama que conheço, que acabou de voltar do exterior e que se encontra, agora, num local ermo, no campo, agradável para mim, mas muito maçante para ela; portanto, haveria a possibilidade de aproveitar o tempo de forma não menos interessante do que seria em Odessa, ainda mais porque Odessa não vai fugir...” Mas ele ainda continuava a hesitar, sem tomar uma decisão definitiva; ele “esperava um empurrão”. Enquanto isso, a estação ia se aproximando; o empurrão também não se fez esperar.

Naquela estação, o trem parava por quarenta minutos e serviam almoço aos passageiros. Bem na entrada do salão para os passageiros da primeira e da segunda classe, como de costume, se aglomerava uma infinidade de pessoas impacientes e afobadas e — talvez, também, como de costume — aconteceu um escândalo. Certa dama que tinha saído do vagão de segunda classe e era extremamente bonita, mas que se vestia com um luxo excessivo para uma turista, vinha quase arrastando atrás de si, puxado pelas duas mãos, um oficial dos ulanos, jovem e bonito, que tentava se soltar. O jovem oficialzinho estava muito embriagado e a dama, ao que tudo indicava, uma parenta mais velha, não o largava, na certa por medo de que ele se atirasse de cabeça no bufê de comidas e bebidas. Nisso, em meio ao aperto geral, o ulano levou um empurrão de certo comerciantezinho que também tinha se embriagado até a infâmia. Já fazia dois dias que o comerciantezinho estava acampado naquela estação, bebia e torrava seu dinheiro, rodeado por companheiros variados, e não conseguia nunca tomar o trem a tempo, para seguir viagem. Houve uma discussão, o oficial gritava, o comerciante xingava, a dama ficou desesperada e, enquanto tentava afastar o ulano da discussão, exclamava para ele, com voz de súplica: “Mítienka! Mítienka!”. O comerciantezinho achou aquilo ainda mais escandaloso; na verdade, todo mundo riu, mas o comerciantezinho ficou mais ofendido ainda com o que lhe pareceu, não se sabe por quê, um ultraje moral.

— Vejam só. “Mítienka!” — exclamou ele, em tom de zombaria, imitando a vozinha aguda da senhorita. — Nem em público eles têm vergonha!

E, num passo bamboleante, aproximou-se da senhora, que se deixara cair na primeira cadeira, depois de conseguir que o ulano sentasse a seu lado. O comerciante olhou para os dois, com desdém, e falou, numa voz arrastada e cantada:

— Sua prostituta, sua prostituta, olha só como bateu o rabo nessa cadeira!

A dama deu um grito agudo e ficou olhando em volta, com um ar de dar pena, à espera de um pedido de desculpa. Sentia vergonha e tinha medo de que, para coroar tudo aquilo, o ulano se levantasse de um pulo e, aos berros, partisse para cima do comerciante, mas em vez disso o oficial escorregou de onde estava sentado e tombou para trás, com estrondo. O riso em redor aumentou e ninguém pensava em ajudar; mas Veltchanínov ajudou: de repente, ele agarrou o comerciante pelo colarinho e, com um giro, empurrou-o para uns cinco passos de distância da mulher assustada. Assim terminou o escândalo; o comerciantezinho ficou estupefato, com o empurrão e com a figura imponente de Veltchanínov; num instante, os companheiros o levaram embora. O aspecto corpulento do cavalheiro vestido com apuro provocou um efeito formidável

também nos zombadores: os risos cessaram. Ruborizada e à beira das lágrimas, a dama começou a derramar-se em juras de agradecimentos. O ulano balbuciava: “Brigado, brigado!”, e quis apertar a mão de Veltchanínov, mas, em vez disso, de repente, inventou de recostar-se e esticou as pernas sobre as cadeiras.

— Mítienka! — gemeu a dama, em tom de censura, erguendo os braços.

Veltchanínov estava satisfeito com a aventura e com a situação. A dama o interessava; obviamente, tratava-se de uma provincianazinha rica, que se vestia sem bom gosto, mas com luxo, e de maneiras um pouco ridículas — em suma, ela reunia tudo aquilo que garante o sucesso de um esnobe da capital, cujas intenções a respeito de uma mulher são bem conhecidas. Entabulou-se uma conversa; a dama falou com ardor e queixou-se do marido, que “sumiu do vagão de repente e se meteu não sei onde, e tudo isso é culpa dele, porque, sempre que eu preciso, ele se mete não sei onde e desaparece...”.

— É por necessidade... — balbuciou o ulano.

— Ah, Mítienka! — E ela ergueu os braços de novo.

“É, esse marido vai levar uma coça!”, pensou Veltchanínov.

— Como ele se chama? Eu vou atrás dele — propôs.

— Pal Pálitch — respondeu o ulano.

— O marido da senhora é Pável Pávlovitch? — perguntou Veltchanínov, com curiosidade, e de repente a já conhecida cabeça careca se meteu entre ele e a dama. No mesmo instante, ele reviu em pensamento o jardim da casa dos Zakhliebínin, as brincadeiras infantis e a importuna cabeça careca que, o tempo todo, se metia entre ele e Nadiejda Fedossiévna.

— Aí está o senhor, finalmente! — gritou a esposa, histérica.

Era Pável Pávlovitch em pessoa; surpreso e assustado, olhava para Veltchanínov, pasmo à sua frente, como que diante de um fantasma. Seu assombro era tamanho que, por algum tempo, pareceu não compreender nada do que a esposa ofendida lhe explicava, nervosa e falando muito depressa. Enfim, teve um sobressalto e compreendeu, de um só golpe, todo o seu horror: sua culpa, Mítienka e que aquele “mossiô”, como a dama, sabe-se lá por que motivo, chamou Veltchanínov, “foi para nós o anjo da guarda e o salvador, e o senhor... sempre vai embora e some, quando preciso ter o senhor por perto...”.

De repente, Veltchanínov deu uma gargalhada,

— Mas eu e ele somos amigos, e amigos de infância! — exclamou para a dama surpresa, depois de, com o braço direito, num gesto protetor e familiar, abraçar os ombros de Pável Pávlovitch, que sorria amarelo. — Ele não lhe falou de Veltchanínov?

— Não, nunca — a esposa estava um tanto chocada.

— Pois então, amigo infiel, me apresente sua esposa!

— Este, Lípotchka, é de fato o sr. Veltchanínov... pronto, aí está, meu senhor... — começou Pável Pávlovitch e interrompeu-se, envergonhado. A esposa se enfureceu e cravou nele os olhos raivosos, obviamente por causa do nome Lípotchka.*

— Imagine, não avisou que tinha casado e nem me convidou para o casamento, mas a senhora, Olimpiada...

— Semiónovna — completou Pável Pávlovitch.

— Semiónovna! — reagiu o ulano, de repente, como se tivesse acordado.

— A senhora deve perdoar, Olimpiada Semiónovna, por mim, em homenagem ao reencontro dos amigos... Ele é um bom marido!

E Veltchanínov deu uma palmada amistosa no ombro de Pável Pávlovitch.

— Minha querida, eu só me afastei... um minutinho... — quis se justificar Pável Pávlovitch.

— E deixou a esposa passar vergonha! — retrucou logo Lípotchka. — Quando é preciso, o senhor não aparece, mas onde não é preciso, lá está o senhor...

— Onde não é preciso, lá, onde não é preciso... onde não é preciso... — ecoou o ulano.

Lípotchka estava quase sufocando de comoção; ela mesma sabia que não convinha agir assim, na frente de Veltchanínov, e ficou vermelha, mas não conseguia se controlar.

— Onde não precisa, o senhor é cuidadoso demais, cuidadoso demais! — ela deixou escapar.

— Debaixo da cama... ele procura os amantes... debaixo da cama... onde não precisa... onde não precisa... — Mítienka, de repente, também já estava se animando.

Mas, com Mítienka, já não havia mais o que fazer. Aliás, tudo acabou de forma agradável; estabeleceu-se uma familiaridade completa. Despacharam Pável Pávlovitch para trazer café e sopa de carne. Olimpiada Semiónovna explicou para Veltchanínov que estavam vindo de O., onde o marido trabalhava, iam passar dois meses em sua propriedade rural, que não ficava longe, no máximo quarenta verstas daquela estação, disse que tinham lá uma bela casa e um jardim, recebiam visitas, tinham vizinhos e que, se Aleksei Ivánovitch tivesse a bondade e quisesse visitar “nosso retiro”, ela o receberia “como um anjo da guarda”, porque não conseguia lembrar sem horror o que teria acontecido, se ele não... etc. etc. Numa palavra, “como um anjo da guarda”.

— E um salvador, e um salvador — insistiu o ulano, com fervor.

Educadamente, Veltchanínov agradeceu e respondeu que estava sempre às ordens, que era um homem totalmente ocioso e desocupado e que o convite de Olimpiada Semiónovna era muito lisonjeiro. Logo em seguida, entabularam uma conversa alegre, na qual conseguiu introduzir dois ou três elogios. Lípotchka ficou vermelha de satisfação e, assim que Pável Pávlovitch voltou, anunciou a ele, cheio de entusiasmo, que Aleksei Ivánovitch tivera a bondade de aceitar seu convite de ir visitá-los no campo e ficar lá um mês inteiro, e que prometera ir para lá em uma semana. Pável Pávlovitch sorriu, com ar perdido, e ficou em silêncio. Olimpiada Semiónovna encolheu os ombrinhos para ele e ergueu os olhos para o céu. Enfim, se despediram: mais uma vez, a gratidão, de novo o “anjo da guarda”, de novo o “Mítienka”, e Pável Pávlovitch, afinal, instalou a esposa e o ulano no vagão de trem. Veltchanínov se pôs a fumar um charuto e começou a andar lentamente pela galeria em frente à estação; sabia que Pável Pávlovitch logo viria correndo, outra vez, para falar com ele, antes da campainha que anunciava a partida do trem. Foi o que aconteceu. Não demorou e Pável Pávlovitch apareceu na sua frente, com uma indagação aflita nos olhos e em toda a sua fisionomia. Veltchanínov desatou a rir: “amigavelmente”, pegou-o pelo braço e, depois de puxá-lo até o banco mais próximo, sentou-se e sentou-o também a seu lado. Também ele ficou em silêncio; gostaria que Pável Pávlovitch falasse primeiro.

— Então o senhor vai mesmo à nossa casa? — gaguejou ele, entrando no assunto da maneira mais franca.

— Eu já sabia! Não mudou nada! — Veltchanínov soltou uma gargalhada. — Então, será que o senhor — e deu mais uma palmada em seu ombro —, será mesmo que o senhor, por um minuto sequer, foi capaz de pensar a sério que eu posso, de fato, visitar sua casa, e ainda por cima ficar hospedado lá por um mês? Ha-ha!

Pável Pávlovitch ficou todo sobressaltado.

— Então o senhor... não vai! — gritou, sem esconder em nada sua alegria.

— Não vou, não vou! — riu Veltchanínov, satisfeito consigo mesmo. De resto, ele mesmo não entendia por que estava achando tanta graça; no entanto, quanto mais se prolongava a situação,

mais lhe parecia ridícula.

— Será, então... será que o senhor está falando a sério, meu senhor? — E, ao dizer isso, Pável Pávlovitch chegou a dar um pequeno pulo, onde estava sentado, por força da trêmula expectativa.

— Sim, já disse que não vou... Puxa, mas o senhor é mesmo esquisito!

— Então, o que eu vou... se for assim, meu senhor, o que vou dizer, então, para Olimpiada Semiónovna, quando o senhor, daqui a uma semana, não se dignar a aparecer e ela estiver esperando, meu senhor?

— E qual é o problema? É só dizer que eu quebrei a perna ou qualquer coisa assim.

— Não vai acreditar, meu senhor — respondeu Pável Pávlovitch, com voz arrastada e patética.

— E o senhor vai levar uma coça? — Veltchanínov riu muito. — Mas estou vendo, meu pobre amigo, que o senhor treme de medo de sua linda esposa, não é?

Pável Pávlovitch experimentou sorrir, mas não conseguiu. Que Veltchanínov se negasse a ir, isso, está claro, era bom, mas que ele se referisse à esposa com tanta familiaridade, isso já era bem ruim. Pável Pávlovitch contraiu as feições. Veltchanínov percebeu. Entretanto, soou o segundo sinal; ao longe, ouviu-se a vozinha fina que vinha do vagão, aflita, chamando Pável Pávlovitch. Ele se remexeu no lugar onde estava sentado, mas não correu para atender o chamado, obviamente à espera de algo da parte de Veltchanínov — sem dúvida, mais uma garantia de que não iria à casa dele.

— Qual era o nome de família de sua esposa, antes de casar? — indagou Veltchanínov, como se não estivesse absolutamente percebendo a preocupação de Pável Pávlovitch.

— É filha do nosso reverendíssimo — respondeu, enquanto olhava, confuso, para o vagão e escutava atento.

— Ah, entendo, foi pela beleza.

Pável Pávlovitch contraiu as feições, outra vez.

— E quem é esse tal de Mítienka que anda com vocês?

— Ah, esse, meu senhor, sabe, ele é nosso parente distante, ou melhor, meu parente, meu senhor, filho de uma prima, já falecida, meu senhor, Golúbtchikov,** rebaixado por indisciplina, e agora de novo promovido; nós arranjamos seu uniforme e tudo o mais... Um jovem infeliz, meu senhor...

“Ora essa, muito bem, está tudo certo; a situação está completa!”, pensou Veltchanínov.

— Pável Pávlovitch! — ressoou, de novo, o chamado distante, que vinha do vagão, já com um toque de bastante irritação na voz.

— Pal Pálitch! — ouviu-se outra voz, forte. Pável Pávlovitch começou a se remexer outra vez e quis ir embora, mas Veltchanínov agarrou-o com força pelo cotovelo e o deteve.

— Não quer que eu vá agora até sua esposa e conte que o senhor quis me degolar com a navalha, hein?

— O que é isso, o que deu no senhor? — assustou-se Pável Pávlovitch, com horror. — Deus me livre.

— Pável Pávlovitch! Pável Pávlovitch! — ouviu-se a voz, de novo.

— Pois então vá embora! — Veltchanínov soltou-o, afinal, enquanto continuava a rir, complacente.

— Então o senhor não vai mesmo? — sussurrou Pável Pávlovitch pela última vez, à beira do desespero, e chegou a cruzar as mãos à sua frente, as palmas uma contra a outra, como se fazia antigamente.

— Sim, eu juro ao senhor que não irei! Corra, senão vai ser uma desgraça!

E, num gesto atrevido, lhe estendeu a mão — estendeu e estremeceu: Pável Pávlovitch não tomou sua mão, chegou até a recuar a sua.

Tocou a terceira campainha.

No mesmo instante, se passou algo estranho com ambos; os dois se transfiguraram. Algo pareceu tremer e romper-se, de súbito, dentro de Veltchanínov, que apenas um minuto antes ria tanto. Agarrou Veltchanínov pelo ombro, com força e furor.

— Se eu, *eu* estou estendendo ao senhor esta mão — e mostrou-lhe a palma da mão esquerda, na qual ficara, bem nítida, a funda cicatriz do corte —, o senhor bem que poderia apertá-la! — balbuciou, com lábios trêmulos e empalidecidos.

Pável Pávlovitch também empalideceu e seus lábios tremeram também. De repente, uma espécie de convulsão percorreu seu rosto.

— Mas e a Liza, meu senhor? — balbuciou, num rápido sussurro. E de repente os lábios, as faces e o queixo começaram a trepidar e lágrimas escorreram dos olhos. Veltchanínov ficou parado na sua frente, como um poste.

— Pável Pávlovitch! Pável Pávlovitch! — berraram do vagão, como se alguém estivesse sendo esfaqueado... e, de repente, soou o apito.

Pável Pávlovitch voltou a si, abanou os braços e desatou a correr o mais que podia; o trem já começava a andar, mas ele, de algum modo, ainda conseguiu se agarrar à porta e dar uma espécie de pulo para dentro de seu vagão, em movimento. Veltchanínov ficou na estação e só ao anoitecer retomou sua viagem, depois de esperar um novo trem, que ia pelo mesmo caminho de antes. Não foi para a direita, na direção da casa da conhecida de província — estava de muito mau humor. E, depois, como se lamentou por isso!

* Hipocorístico do nome Olimpiada. Também, forma carinhosa de se referir à árvore chamada *lipa*, tília.

** Da palavra *golúbtchik* (meu caro, meu querido).

Copyright © 2018 by Penguin-Companhia das Letras
Copyright da apresentação © 2018 by Rubens Figueiredo

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with Penguin Group (USA) Inc.

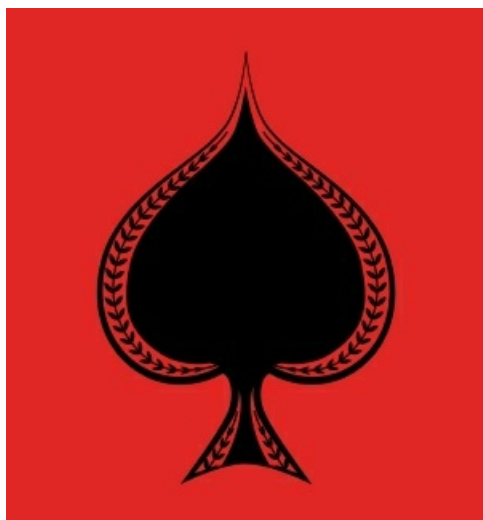
TÍTULO ORIGINAL
Вечный муж

PREPARAÇÃO
Leny Cordeiro

REVISÃO
Márcia Moura
Fernando Nuno

ISBN 978-85-545-1228-6

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.penguincompanhia.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
www.companhiadasletras.com.br



PENGUIN  COMPANHIA

CLÁSSICOS

FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

O jogador

O jogador

Dostoiévski, Fiódor

9788554510329

232 páginas

[Compre agora e leia](#)

De um dos grandes mestres da literatura russa, um romance perturbador sobre o vício destrutivo do jogo. Impressionante retrato psicológico do vício destrutivo do jogo, compulsão que o próprio Dostoiévski conhecia intimamente, O jogador retrata com perfeição a busca incessante por uma lógica que norteie o acaso e a necessidade de controle que acometem todo jogador inveterado. Numa estação de águas na sugestiva cidade alemã de Roletemburgo, Aleksei Ivánovitch, jovem professor de origens humildes, vivencia a emoção do jogo e o infortúnio amoroso enquanto tenta entender as confabulações que definirão o seu destino e o de seus próximos. Num ambiente em que fortunas se dilapidam e o futuro se decide ao sabor da sorte, a tentação do risco e a necessidade imperiosa de experimentar o abismo são o motor deste que continua sendo um dos romances mais perturbadores que o século XIX viu nascer.

[Compre agora e leia](#)



PENGUIN COMPANHIA

CLÁSSICOS

VIRGINIA WOOLF

Mrs Dalloway

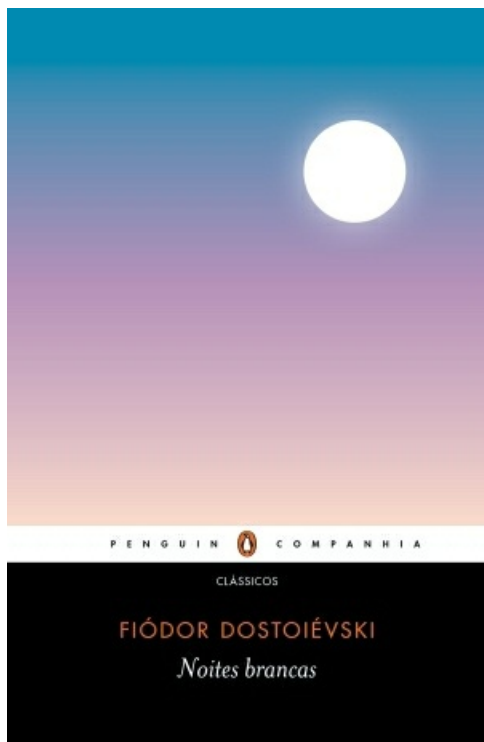
Mrs. Dalloway

Woolf, Virginia
9788543810638
328 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um marco do romance modernista escrito por uma das autoras mais importantes de todos os tempos. Obra mais famosa de Virginia Woolf, *Mrs. Dalloway* narra um único dia da vida da famosa protagonista Clarissa Dalloway, que percorre as ruas de Londres dos anos 1920 cuidando dos preparativos para a festa que realizará no mesmo dia à noite. Pioneiro na exploração do inconsciente humano por meio do fluxo de consciência, *Mrs. Dalloway* se consagrou tanto pelo experimentalismo linguístico quanto pelo retrato preciso das transformações da Inglaterra do período entre guerras. Misto de romance psicológico com ensaio filosófico, este livro resiste a classificações simplistas e inaugura um gênero por si só. Precursor de algumas das maiores obras literárias do século XX, este romance é uma leitura incontornável que todo mundo deve fazer ao menos uma vez na vida.

[Compre agora e leia](#)



Noites brancas

Dostoiévski, Fiódor

9788554512309

112 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em Noites brancas, o jovem Dostoiévski mostra a sua versatilidade como escritor de gênero breve ao abordar um encontro inesperado entre um homem e uma mulher que se repetirá por quatro noites. São Petersburgo, século XIX. Um homem solitário vaga pela cidade noite adentro, deixando que o sentimento de cada rua, esquina ou calçada o penetre. Durante a caminhada, avista uma mulher aos prantos encostada no parapeito de um canal. Ao acudi-la, tem início um idílio fadado a se dissipar como a tênue claridade das noites de verão na Rússia. Quanto mais o anônimo narrador se aproxima da jovem Nástienka, mais parece se distanciar de sua melancólica vida anterior. Em quatro encontros, no entanto, a crescente intimidade dos dois personagens chega a um inesperado desfecho, quando a última noite por fim termina. A novela de 1848, tida como uma das obras-primas de Dostoiévski no gênero breve, é acompanhada neste volume pelo conto "Polzunkov", escrito no mesmo ano, que mostra uma faceta mais caricata de um dos maiores autores da literatura russa.

[Compre agora e leia](#)



PENGUIN  COMPANHIA

CLASSICOS

F. SCOTT FITZGERALD

O grande Gatsby

O grande Gatsby

Fitzgerald, F. Scott

9788580862676

256 páginas

[Compre agora e leia](#)

Nos tempos de Jay Gatsby, o jazz é a música do momento, a riqueza parece estar em toda parte, o gim é a bebida nacional (apesar da lei seca) e o sexo se torna uma obsessão americana. O protagonista deste romance é um generoso e misterioso anfitrião que abre a sua luxuosa mansão às festas mais extravagantes. O livro é narrado pelo aristocrata falido Nick Carraway, que vai para Nova York trabalhar como corretor de títulos. Passa a conviver com a prima, Daisy, por quem Gatsby é apaixonado, o marido dela, Tom Buchanan, e a golfista Jordan Baker, todos integrantes da aristocracia tradicional. Na raiz do drama, como nos outros livros de Fitzgerald, está o dinheiro. Mas o romantismo obsessivo de Gatsby com relação a Daisy se contrapõe ao materialismo do sonho americano, traduzido exclusivamente em riqueza. Aclamado pelos críticos desde a publicação, em 1925, O grande Gatsby é a obra-prima de Scott Fitzgerald, ícone da "geração perdida" e dos expatriados que foram para a Europa nos anos 1920.

[Compre agora e leia](#)



PENGUIN COMPANHIA

CLÁSSICOS

JAMES JOYCE

Dublinenses

Dublinenses

Joyce, James
9788554512569
288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Obra mais acessível do autor de Ulysses ganha versão brasileira com tradução primorosa de Caetano W. Galindo. Quinze contos que apresentam a obra de um dos maiores autores ocidentais. Uma das coletâneas de contos mais conhecida da língua inglesa, Dublinenses faz um retrato vívido e inclemente sobre a "boa e velha Dublin" do começo do século XX. Essas quinze histórias, incluindo "Arábias", "Graça" e "Os mortos", mergulham no coração da cidade natal de James Joyce, capturando não só a cadência da fala, mas também o realismo quase brutal dos sentimentos de seus habitantes. A edição ainda inclui a história "O velho vigia", escrita por Berkeley Campbell, que serviu de mote para que Joyce escrevesse o conto "As irmãs", que abre a coletânea. Publicado pela primeira vez em 1914, este livro decifra a vida da classe média católica da Irlanda, mas também lida com temas universais como decepções, frustrações e o despertar sexual. Joyce tinha 25 anos quando escreveu estes contos, considerados por muitos tanto um experimento literário quanto a obra mais acessível do autor.

[Compre agora e leia](#)